

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS (MESTRADO E  
DOUTORADO)**

**THIAGO HENRIQUE DA SILVA DE SALES**

**SOBRE LEITURAS E LEITORES: REPENSANDO A FORMAÇÃO DE  
LEITORES LITERÁRIOS POR MEIO DOS PROJETOS DESENVOLVIDOS  
COM ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL I NA CIDADE DE  
APUCARANA**

**MARINGÁ – PR**

**2022**

THIAGO HENRIQUE DA SILVA DE SALES

**SOBRE LEITURA E LEITORES: REPENSANDO A FORMAÇÃO DE  
LEITORES LITERÁRIOS POR MEIO DOS PROJETOS DESENVOLVIDOS  
COM ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL I NA CIDADE DE  
APUCARANA**

Dissertação apresentada à Universidade Estadual de Maringá, com requisito parcial para a obtenção de grau de Mestre em Letras, área de concentração: **Estudos Literários**.

Orientador: Prof. Dr. Márcio Roberto do Prado

MARINGÁ

2022

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)  
(Biblioteca Central - UEM, Maringá - PR, Brasil)

S163s

Sales, Thiago Henrique da Silva de

Sobre leituras e leitores : repensando a formação de leitores literários por meio dos projetos desenvolvidos com alunos do ensino fundamental I na cidade de Apucarana / Thiago Henrique da Silva de Sales. -- Maringá, PR, 2022.

90 f.: il. color., figs.

Orientador: Prof. Dr. Márcio Roberto do Prado.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Departamento de Teorias Linguísticas e Literárias, Programa de Pós-Graduação em Letras, 2022.

CDD 23.ed. 418.4

THIAGO HENRIQUE DA SILVA DE SALES

**SOBRE LEITURA E LEITORES: REPENSANDO A FORMAÇÃO DE  
LEITORES LITERÁRIOS POR MEIO DOS PROJETOS DESENVOLVIDOS COM  
ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL I NA CIDADE DE APUCARANA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras (Mestrado), da Universidade Estadual de Maringá como requisito parcial para a obtenção de grau de Mestre em Letras, área de concentração: **Estudos Literários**.

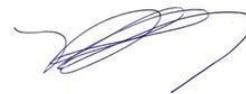
Orientador: Prof. Dr. Márcio Roberto do Prado

Aprovada em Maringá, **31 de março de 2022**.

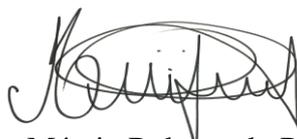
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr<sup>a</sup> Alice Áurea Penteadó Martha  
**Membro Titular - UEM/PLE**



Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Patrícia Josiane Tavares da Cunha  
**Membro Externo (UNESPAR Apucarana/PR)**



Prof. Dr. Márcio Roberto do Prado  
**Presidente – Orientador**

## **DEDICATÓRIA**

Dedico esta dissertação à minha família, em especial a minha mãe Cleuza Ferreira da Silva de Sales, pelo apoio incondicional e constante incentivo.

Dedico também ao meu orientador Prof. Dr. Márcio Roberto do Prado, pela confiança, paciência, incentivo, amizade e excelente orientação.

Sem o apoio deles, este trabalho não teria sido realizado. A eles, meu muito, muito obrigado!

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, por sempre colocar pessoas maravilhosas em meu caminho, pessoas que me fazem acreditar em um mundo melhor e me encorajam a prosseguir. Obrigado por nunca soltar a minha mão e me guiar em todos os momentos.

Aos meus pais, Antonio e Cleuza, que nunca mediram esforços para me ensinar o caminho do bem, e sempre me apoiaram em todas as etapas da minha vida. Sem vocês, eu não chegaria até aqui. Muito obrigado por tudo! O amor que sinto por vocês é incondicional.

Às minhas irmãs, Natália e Talita, sinônimos de amor e união. Obrigado por acreditar no meu sonho e sempre me motivar a seguir em frente. É muito bom saber que posso contar com vocês em todos os momentos. Amo vocês!

Ao meu orientador, Professor Doutor Márcio Roberto do Prado, pela oportunidade de realizar este trabalho. Obrigado pela confiança e por me atender com paciência todas as vezes que precisei. Agradeço por todos os ensinamentos compartilhados de forma admirável, e por me guiar nos primeiros passos da pós-graduação. Muito obrigado por tudo!

Aos professores do programa de pós-graduação em Letras; à professora Liliam Cristina Marins, por estar sempre pronta a ajudar e com um sorriso no rosto; às professoras Clarice Zamonaro Cortez, Alice Áurea Penteadó Martha; Marcelle Aires Franceschini e Mirian Hisae Yaegashi Zappone, por todo conhecimento transmitido durante o curso de Mestrado, e pela convivência agradável no dia-a-dia.

À Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Patrícia Josiane Tavares da Cunha, minha amiga e eterna orientadora da graduação, por ter me mostrado a literatura e por segurar a minha mão em todos os momentos de incertezas, inseguranças e medos. Sou eternamente grato!

À Prof.<sup>a</sup> M. Marli Regina Fernandes da Silva, secretária municipal de educação, por permitir que eu trabalhasse, com muito carinho, um dos projetos que implementou na educação de Apucarana. Meu muito obrigado!

À equipe da Escola Municipal Karel Kober, na pessoa da Diretora Prof.<sup>a</sup> Joicy Kelly de Macedo Numaó Mantovani, por confiar no meu trabalho e por todo apoio ao longo da realização desta dissertação.

À Prof.<sup>a</sup> Katia Daiane Santiago Serafim, pessoa admirável e um grande exemplo de dedicação. Realiza seu trabalho de forma brilhante, e ainda ajuda todos à sua volta. Agradeço do fundo do coração por todo tempo destinado a me ajudar, sempre com calma e atenção.

Aos amigos do Departamento, Kaio Vinícius Cardoso Gomes, Leonardo Sfordi da Silva, Lígia Ribeiro de Souza Zotesso, Rodolfo Pontes e Gislaine Cristina da Silva Rocha. Conviver com vocês ao longo desses dois anos foi sensacional. Muito obrigado por toda forma de ajuda, pela companhia, pelas inúmeras conversas e risadas, pelos desabafos. Vocês são muito especiais e tornaram o trabalho muito mais agradável.

À prima Josiane Gonçalves de Souza, pessoa iluminada, e prova de que Deus coloca anjos em nosso caminho. Um grande exemplo de força e serenidade. Obrigado por me oferecer um ombro amigo sempre que precisei. A você, minha eterna gratidão!

Às tias Marli e Suely pelas constantes orações, sempre cuidando e zelando para que eu conseguisse chegar aonde cheguei!

A todos que de alguma forma contribuíram para a realização deste trabalho, meu muito obrigado!

*[...] a literatura corresponde a uma necessidade universal que deve ser satisfeita sob a pena de mutilar a personalidade, porque pelo fato de dar forma aos sentimentos e à visão do mundo ela nos organiza, nos liberta do caos e, portanto, nos humaniza.*

Antonio Candido

## RESUMO

A presente dissertação relata resultados da pesquisa que analisou os projetos de literatura desenvolvidos com os alunos dos anos iniciais do Ensino Fundamental I, da cidade de Apucarana – Paraná. O objetivo foi verificar por meio das teorias e dos documentos oficiais as ações desenvolvidas nos projetos de formação do leitor do texto literário, trabalhados na Rede Municipal de Educação. Para isso, fundamentado em cunho bibliográfico e documental, evidenciamos, entre outros aspectos: as instâncias mediadoras, os espaços de leitura e as legislações oficiais que embasam a implementação dos projetos de formação de leitor. Embasado pela Sociologia da Leitura, teoria que tem como centro de seus estudos o leitor do texto literário, o trabalho debateu acerca das articulações dos documentos oficiais às concepções teóricas da leitura literária e formação de leitores, observando em que medida cumprem sua função mediadora. A pesquisa proporcionou uma visão sobre a importância do trabalho realizado pela equipe que compõe a Rede Municipal de Educação de Apucarana quanto à formação do leitor do texto literário dos seus alunos.

**Palavras-chave:** Formação de leitores. Projetos. Documentos oficiais. Sociologia da leitura. Mediadores de Leitura.

## **ABSTRACT**

The present dissertation reports the results of the research that analyzed the literature projects developed with students from the early years of elementary school I, in the city of Apucarana - Paraná. The objective was to verify, through theories and official documents, the actions developed in the projects of formation of the reader of the literary text, worked in the Municipal Education Network. For this, based on bibliographic and documentary nature, we highlight, among other aspects, the mediating instances, reading spaces and official legislation that support the implementation of reader training projects. Based on the Sociology of Reading, a theory that has as its center of its studies the reader of the literary text, the work debated about the articulations of the official documents to the theoretical conceptions of the literary reading and formation of readers, observing to what extent they fulfill their mediating function. The research provided a current view on the importance of the work carried out by the team that makes up the Municipal Education Network of Apucarana regarding the formation of the reader of the literary text of its students.

**Keywords:** Training of readers. Projects. Official documents. Sociology of Reading. Reading Mediators.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1</b> - Médias estaduais para o IDEB.....	29
<b>Figura 2</b> – Geladeiroteca, Petrópolis.....	62
<b>Figura 3</b> - Bibliorodas, Distrito Federal .....	63
<b>Figura 4</b> - Geladeirotecas, Campus da Universidade de Blumenau.....	64
<b>Figura 5</b> - Ponto de ônibus, Belo Horizonte. ....	64
<b>Figura 6</b> - Borrachalioteca, Minas Gerais. ....	65
<b>Figura 7</b> - 5º Sarau de Poesias, Apucarana.....	70
<b>Figura 8</b> - Acervo da AME, Sacolinha Itinerante. ....	71
<b>Figura 9</b> - Biblioteca Itinerante.....	73
<b>Figura 10</b> - Biblioteca Itinerante.....	73
<b>Figura 11</b> - Biblioteca Itinerante.....	74
<b>Figura 12</b> - Biblioteca Itinerante.....	75
<b>Figura 13</b> - Biblioteca Itinerante.....	76

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	13
<b>1 A FORMAÇÃO DO LEITOR – POLÍTICAS PÚBLICAS .....</b>	<b>16</b>
1.1 Legislação Nacional (BNCC, PCN) .....	17
1.2 Legislação Estadual (Plano Estadual de Educação e Diretrizes Curriculares do Paraná) .....	28
1.3 Legislação Municipal de Apucarana.....	37
<b>2 FORMAÇÃO DO LEITOR LITERÁRIO.....</b>	<b>43</b>
2.1 Formação do leitor .....	44
2.2 Sociologia da leitura.....	46
2.2.1 <i>Mediadores de leitura</i> .....	48
2.2.1.1 <i>Escola</i> .....	51
2.2.1.2 <i>Clubes de leitura</i> .....	52
2.2.1.3 <i>Professor</i> .....	53
2.2.1.4 <i>Família</i> .....	54
2.2.1.5 <i>Biblioteca</i> .....	56
<b>3 PROJETOS E FOMENTOS .....</b>	<b>66</b>
3.1 Autarquia Municipal de Educação de Apucarana .....	66
3.2 Projetos em execução .....	66
3.2.1 <i>Semana Literária</i> .....	67
3.2.2 <i>Sarau de Poesias</i> .....	69
3.2.3 <i>Sacolinha Itinerante</i> .....	70
3.2.4 <i>Biblioteca Itinerante</i> .....	72
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>77</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>79</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>85</b>

## INTRODUÇÃO

A escolha de uma obra literária a ser trabalhada como conteúdo curricular nem sempre se dá de maneira meramente pedagógica. Muitas vezes, há barreiras de ordem física, estrutural ou ainda “censores” que, embasados nesta ou naquela ideologia, dizem o que deve ser lido ou não, de acordo com questões que adentram no campo da política e das relações de poder. Cenário semelhante ocorre com a implementação de projetos, uma vez que essas propostas, quando escritas, mostram-se como grandes iniciativas, com um bom embasamento teórico, sendo respaldadas pela legislação vigente. Porém, algumas delas, quando da sua implementação, apresentam-se inviáveis, quer por questões que envolvem uma má qualificação do corpo docente para sua aplicação, por estrutura física e material didático inexistente ou insuficiente, quer por relações outras que ultrapassam conexões didático-pedagógicas.

Efetivamente, o governo tem respaldado a implementação de projetos para a área de literatura. Resta saber se essas iniciativas têm em seu entorno uma instrumentalização humana e material para se realizarem. Assim, o presente trabalho resulta de uma pesquisa que analisou os projetos de literatura realizados com os alunos dos anos iniciais do Ensino Fundamental I, da Rede Municipal de Educação da cidade de Apucarana, Paraná. A pergunta norteadora da pesquisa – “Como os projetos de literatura desenvolvidos com os alunos da cidade de Apucarana estão respaldados pelas teorias e legislações vigentes? – encaminhou o objetivo geral: verificar por meio das teorias e dos documentos oficiais as ações desenvolvidas nos projetos de formação do leitor do texto literário.

Foi necessário buscar nos documentos oficiais – como a Base Nacional Comum Curricular, os Parâmetros Curriculares Nacionais, o Plano Estadual de Educação do Estado do Paraná e Diretrizes Curriculares do Paraná, e a Legislação Municipal da Cidade de Apucarana – quais as normativas que regulamentam as ações desenvolvidas no Projeto Político Pedagógico das Escolas Municipais de Apucarana – Paraná, no que diz respeito à questão da formação do leitor do texto literário? Quais são as instâncias mediadoras essenciais para esse trabalho com o futuro leitor em potencial?

Inicialmente, o trabalho versaria como metodologia pesquisas de cunho exploratório, por meio de aplicação de questionários, com a participação de professores que desenvolvem os trabalhos com os alunos, além de entrevistas com a equipe idealizadora dos projetos executados na rede municipal de ensino. Contudo, com a situação pandêmica que estamos vivendo, houve dificuldades de execução, o que culminou em uma pesquisa de caráter bibliográfico e documental, por meio da análise dos projetos presentes.

O foco, neste trabalho, está na ideia de entender a relação que se estabelece nos documentos oficiais, na teoria e nos projetos de formação de leitores do texto literário, desenvolvidos com os alunos tanto na escola como no esteio familiar. Para isso, a dissertação foi dividida em três capítulos centrais, além da “Introdução” e das “Considerações finais”.

O primeiro capítulo, “A formação do leitor – políticas públicas”, apresenta como a formação do leitor é sustentada nos documentos oficiais. Nesse capítulo, foram apresentadas como legislação nacional a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), que versam sobre as práticas de leitura literária que possibilitam o desenvolvimento do aluno. Tais documentos valorizam literatura e reconhecem o potencial transformador e humanizador da experiência com a literatura, bem como estabelecem orientações pedagógicas e as condições necessárias para tornar o aluno um leitor literário. No que diz respeito às instâncias estaduais, apresentamos o Plano Estadual de Educação e Diretrizes Curriculares do Paraná, que discorrem sobre as metas que os municípios precisam desenvolver e atingir para fomentar o ensino de Literatura nas escolas. Apresentamos ainda a Legislação Municipal de Apucarana, além de evidenciarmos os projetos de literatura que são desenvolvidos na cidade para a formação do leitor do texto literário.

No capítulo seguinte, “A formação do leitor literário”, fizemos um contraponto em que falamos da importância da literatura na formação do leitor, passando pelas teorias da Sociologia de Leitura. O foco é o leitor literário e as práticas de leitura, evidenciando os mediadores e levantando as instâncias mediadoras necessárias para a formação do leitor. Definimos como essas instâncias: a escola, os clubes de leitura, o professor, a família e a biblioteca. Em relação à instância mediadora “biblioteca”, trouxemos exemplos de bibliotecas itinerantes espalhadas pelo nosso país. Na cidade de Apucarana, temos um modelo de biblioteca itinerante presente em todas as salas de aulas que compõem a Autarquia Municipal de Educação.

No terceiro capítulo, “Projetos e fomentos – uma análise de formação literária”, contextualizamos a Autarquia Municipal de Educação da Cidade de Apucarana, além de trazer algumas considerações deste autor, professor efetivo da rede e aplicador dos projetos desenvolvidos neste trabalho. Apresentamos os projetos “Semana Literária – teatro, musical e mostra cultural”, “Sarau de Poesias”, “Sacolinha Itinerante – a literatura nas famílias” e “Biblioteca Itinerante – a literatura na sala de aula”. Tal análise evidenciou a forma que os trabalhos são desenvolvidos, como estão respaldados nos documentos oficiais. Por fim, levantamos, para cada um deles, uma instância mediadora.

Em síntese, o grande destaque da pesquisa está na preocupação de proporcionar os espaços de mediação e fomentar a formação do leitor do texto literário na escola e no esteio familiar, o que será apresentado a seguir.

## 1 A FORMAÇÃO DO LEITOR – POLÍTICAS PÚBLICAS

*A literatura é um assunto sério para um país, pois é afinal de contas o seu rosto.*

Louis Aragon

De acordo com Candido (1995), a literatura é um bem incompreensível, uma necessidade universal para o desenvolvimento integral. Espera-se que, por meio dela, o indivíduo faça uma reflexão sobre a situação posta a um personagem, uma história e afins. Soares (2002) afirma que a leitura é fundamental para a vida cidadã, uma vez que ela é compreendida como prática social, pois o texto literário estimula a imaginação e a criatividade, desde que trabalhado com metodologia e mediação satisfatórias. No que se refere ao sentido humano, o texto literário, observado em seus vieses de natureza artística e estética, tem como objetivo proporcionar o encontro com a sensibilidade e a emoção.

Quando pensamos nos benefícios que a literatura proporciona para o indivíduo, é necessário voltarmos nossos olhares ao potencial leitor, como forma de intentar o quão importante é o trabalho de formação leitora. Através desse trabalho, o indivíduo é conduzido à literatura para que adquira outras formas de observar, compreender e refletir sobre o mundo e o homem. Cosson (2006, p.27) diz que “ler implica troca de sentido não só entre o escritor e leitor, mas também com a sociedade, pois os sentidos são resultado de compartilhamentos de visões de mundo entre os homens no tempo e no espaço”. Cosson (2014, p.47) acrescenta ainda que “aprender a ler é mais do que adquirir uma habilidade, e ser leitor vai além de possuir um hábito ou atividade regular. Aprender a ler e ser leitor são práticas sociais que medeiam e transformam as ações humanas”.

Desse modo, Cosson (2013), Rouxel e Cellam (2014), Rezende (2014) e Dalla-Bona (2012) reforçam a ideia de que é necessário o trabalho com a leitura literária na escola e evidenciam o papel do professor como principal referência intelectual dos alunos, uma vez que é ele, o adulto, que aproxima livros e leitores. Para Saldanha e Amarilha (2013, p.132), “é preciso que a formação literária sofisticada seja favorecida aos primeiros professores de nossas crianças, [...], porque é deles a tarefa de mediar o rito iniciático ao mundo da palavra, do simbólico, das metáforas por quem passam nossos aprendizes”.

Assim, para otimizar a formação dos pequenos leitores, faz-se importante articular institucionalmente escola, universidade e docentes, compreendendo como se dá a formação leitora, bem como os espaços destinados à leitura de texto literário nas legislações vigentes.

## 1.1 Legislação Nacional (BNCC, PCN)

De acordo com a BNCC (2018):

[A] Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica, de modo a que tenham assegurados seus direitos de aprendizagem e desenvolvimento, em conformidade com o que preceitua o Plano Nacional de Educação (PNE). (BNCC, 2018, p. 9)

Assim, tal documento objetiva orientar e guiar a elaboração e a atualização dos currículos escolares, servindo como referência aos objetivos de aprendizagem que se almejam em cada etapa formativa dos estudantes. No que se refere aos marcos que embasam a BNCC, a “A Constituição Federal de 1988, em seu Artigo 205, reconhece a educação como direito fundamental compartilhado entre Estado, família e sociedade ao determinar que [...]” (BNCC, 2018, p.12) “[...] a educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho” (CF, 1988).

Com o intuito de atender a tais finalidades no âmbito da educação escolar, a Carta Constitucional, no Artigo 210, já reconhece a necessidade de que sejam “fixados conteúdos mínimos para o ensino fundamental, de maneira a assegurar formação básica comum e respeito aos valores culturais e artísticos, nacionais e regionais” (CF, 1988). Respalhada pela LDB, no Inciso IV de seu Artigo 9º, afirma que cabe à União:

estabelecer, em colaboração com os Estados, o Distrito Federal e os Municípios, competências e diretrizes para a Educação Infantil, o Ensino Fundamental e o Ensino Médio, que nortearão os currículos e seus conteúdos mínimos, de modo a assegurar formação básica comum (LDB, 1996, p.4; ênfase adicionada).

Salienta-se que tal documento tem por finalidade equiparar e estabelecer uma educação igualitária, que compreenda todo o país e leve em consideração a qualidade de ensino, bem como a formação do cidadão brasileiro. Observa-se que, no que diz respeito à Educação Fundamental e ao Ensino Médio, constata-se uma divisão de conhecimentos em cinco campos de experiências. Ademais, tendo caráter normativo, a Base estabelece objetivos de aprendizagem que são definidos por meio das competências e habilidades.

[A literatura] compreende as práticas de linguagem que decorrem da interação ativa do leitor/ouvinte/espectador com os textos escritos, orais e multissemióticos e de sua interpretação, sendo exemplos as leituras para: fruição estética de textos e obras literárias; pesquisa e embasamento de trabalhos escolares e acadêmicos; realização de procedimentos; conhecimento, discussão e debate sobre temas sociais relevantes;

sustentar a reivindicação de algo no contexto de atuação da vida pública; ter mais conhecimento que permita o desenvolvimento de projetos pessoais, dentre outras possibilidades. (BNCC, 2018, p.73)

Adiante, percebe-se que a leitura em seu contexto na BNCC é desenvolvida

em um sentido mais amplo, dizendo respeito não somente ao texto escrito, mas também a imagens estáticas (foto, pintura, desenho, esquema, gráfico, diagrama) ou em movimento (filmes, vídeos etc.) e ao som (música), que acompanha e cossignifica em muitos gêneros digitais. O tratamento das práticas leitoras compreende dimensões inter-relacionadas às práticas de uso e reflexão. (BNCC, 2018, p. 74)

Das dimensões relacionadas a esse eixo de Leitura, destacam-se: reconstrução e reflexão sobre as condições de produção e recepção dos textos pertencentes a diferentes gêneros e que circulam nas diferentes mídias e esferas/campos de atividade humana, dialogia e a relação entre textos, reflexão crítica sobre as temáticas tratadas e validade das informações, estratégias e procedimentos de leitura e adesão às práticas de leitura. O documento acrescenta que

[a] participação dos estudantes em atividades de leitura com demandas crescentes possibilita uma ampliação de repertório de experiências, práticas, gêneros e conhecimentos que podem ser acessados diante de novos textos, configurando-se como conhecimentos prévios em novas situações de leitura. (BNCC, 2018, p.77)

Já nas competências específicas de Língua Portuguesa para o Ensino Fundamental, a nona competência propõe:

Envolver-se em práticas de leitura literária que possibilitem o desenvolvimento do senso estético para fruição, valorizando a literatura e outras manifestações artístico-culturais como formas de acesso às dimensões lúdicas, de imaginário e encantamento, reconhecendo o potencial transformador e humanizador da experiência com a literatura. (BNCC, 2018, p.89)

Adentrando especificamente na Língua Portuguesa do 1º ao 5º ano, observa-se que o Campo Artístico – Literário é

relativo à participação em situações de leitura, fruição e produção de textos literários e artísticos, representativos da diversidade cultural e linguística, que favoreçam experiências estéticas. Alguns gêneros deste campo: lendas, mitos, fábulas, contos, crônicas, canção, poemas, poemas visuais, cordéis, quadrinhos, tirinhas, charge/cartum, dentre outros. (BNCC, 2018, p.98)

Dessa maneira, atenta-se aos objetivos de conhecimentos que visam a formação do leitor literário, por meio de uma leitura colaborativa e autônoma, voltada à apreciação da estética/estilo, bem como com vistas à leitura multissemiótica.

Quanto às habilidades, espera-se que os alunos “reconheçam que os textos literários fazem parte do mundo do imaginário e apresentam uma dimensão lúdica, de encantamento, valorizando-os, em sua diversidade cultural, como patrimônio artístico da humanidade”,

“[l]eiam e compreendam, em colaboração com os colegas e com a ajuda do professor e, mais tarde, de maneira autônoma, textos narrativos de maior porte como contos (populares, de fadas, acumulativos, de assombração etc.) e crônicas”, “[a]preciem poemas visuais e concretos, observando efeitos de sentido criados pelo formato do texto na página, distribuição e diagramação das letras, pelas ilustrações e por outros efeitos visuais.”, “[r]elacionem texto com ilustrações e outros recursos gráficos”, “[r]econtem oralmente, com e sem apoio de imagem, textos literários lidos pelo professor”. (BNCC, 2018, p.98)

Observa-se, também, que no decorrer das habilidades destinadas aos alunos de 3º ao 5º ano espera-se que o educando consiga: “[l]er e compreender, de forma autônoma, textos literários de diferentes gêneros e extensões, inclusive aqueles sem ilustrações, estabelecendo preferências por gêneros, temas, autores”, “[p]erceber diálogos em textos narrativos, observando o efeito de sentido de verbos de enunciação e, se for o caso, o uso de variedades linguísticas no discurso direto”, “[a]preciar poemas e outros textos versificados, observando rimas, aliterações e diferentes modos de divisão dos versos, estrofes e refrões e seu efeito de sentido”, “[i]dentificar funções do texto dramático (escrito para ser encenado) e sua organização por meio de diálogos entre personagens e marcadores das falas das personagens e de cena”, “[c]riar narrativas ficcionais, com certa autonomia, utilizando detalhes descritivos, sequências de eventos e imagens apropriadas para sustentar o sentido do texto, e marcadores de tempo, espaço e de fala de personagens”, “[l]er e compreender, com certa autonomia, narrativas ficcionais que apresentem cenários e personagens, observando os elementos da estrutura narrativa: enredo, tempo, espaço, personagens, narrador e a construção do discurso indireto e discurso direto”. (BNCC, 2018, p.100)

Espera-se ainda que tenham capacidade de “[l]er e compreender, com certa autonomia, textos em versos, explorando rimas, sons e jogos de palavras, imagens poéticas (sentidos figurados) e recursos visuais e sonoros.”, “[d]eclamar poemas, com entonação, postura e interpretação adequadas”, “[r]epresentar cenas de textos dramáticos, reproduzindo as falas das personagens, de acordo com as rubricas de interpretação e movimento indicadas pelo autor”. (BNCC, 2018, p.100)

Ressalta-se que o presente documento contempla outras habilidades no que diz respeito à literatura, bem como outras modalidades e níveis de ensino, mas o referido trabalho se concentra no ensino fundamental de 1º ao 5º ano.

Outro importante documento que aborda a questão de como a formação do leitor deve acontecer a contento são os PCN's. Os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998) foram elaborados com o intuito de ampliar e aprofundar um debate educacional que envolva escolas,

país, governos e sociedade e dê origem a uma transformação positiva no sistema educativo brasileiro.

[Os Parâmetros Curriculares Nacionais] foram elaborados procurando, de um lado, respeitar diversidades regionais, culturais, políticas existentes no país e, de outro, considerar a necessidade de construir referências nacionais comuns ao processo educativo em todas as regiões brasileiras. Com isso, pretende-se criar condições, nas escolas, que permitam aos nossos jovens ter acesso ao conjunto de conhecimentos socialmente elaborados e reconhecidos como necessários ao exercício da cidadania. (PCN, 1998, p. 5)

Observa-se que os Parâmetros Curriculares Nacionais pensados da 1<sup>a</sup> a 4<sup>a</sup> séries foram divididos em 10 volumes. A disciplina de Língua Portuguesa está desenvolvida no volume 2. A saber, de acordo com as orientações prévias:

a primeira parte faz uma breve apresentação da área e define as linhas gerais da proposta. Aborda questões relativas à natureza e às características da área, suas implicações para a aprendizagem e seus desdobramentos para o ensino. Apresenta os objetivos gerais da Língua Portuguesa, a partir dos quais são apontados os conteúdos relacionados à Língua oral, Língua escrita e Análise e reflexão sobre a língua. O último tópico dessa parte apresenta e fundamenta os critérios de avaliação para o ensino fundamental. (PCN, 1998, p. 15)

Analisando a primeira parte do documento, deparamo-nos com a “Caracterização da área da Língua Portuguesa” e o “Aprender e ensinar Língua Portuguesa na escola”, segundo os quais é de responsabilidade da escola proporcionar e ampliar o “letramento” dos alunos, com o intuito de fazê-los interagir com textos diversos de maneira eficaz, interpretando-os e/ou produzindo-os. O “letramento” é compreendido como “o produto da participação em práticas sociais que usam a escrita como sistema simbólico e tecnologia” (PCN, 1998, p. 19).

O trabalho com o texto literário é abordado em “Aprender e ensinar Língua Portuguesa na escola”, no subtítulo “A especificidade do texto literário” (PCN, 1998, p. 26).

É importante que o trabalho com o texto literário esteja incorporado às práticas cotidianas da sala de aula, visto tratar-se de uma forma específica de conhecimento. Essa variável de constituição da experiência humana possui propriedades compositivas que devem ser mostradas, discutidas e consideradas quando se trata de ler as diferentes manifestações colocadas sob a rubrica geral de texto literário. (PCN, 1998, p. 26)

A literatura é vista, ademais, como um subterfúgio para o ensino da escrita:

Pensar sobre a literatura a partir dessa autonomia relativa ante o real implica dizer que se está diante de um inusitado tipo de diálogo regido por jogos de aproximações e afastamentos, em que as invenções de linguagem, a expressão das subjetividades, o trânsito das sensações, os mecanismos ficcionais podem estar misturados a procedimentos racionalizantes, referências indiciais, citações do cotidiano do mundo dos homens. (PCN, 1998, p. 27)

Quando, de acordo com os PCN's (1998, p. 27), o ensino da literatura ou da leitura literária envolve o exercício de reconhecimento das singularidades e das propriedades compositivas que matizam um tipo particular de escrita,

[é] possível afastar uma série de equívocos que costumam estar presentes na escola em relação aos textos literários, ou seja, trata-los como expedientes para servir ao ensino das boas maneiras, dos hábitos de higiene, dos deveres do cidadão, dos tópicos gramaticais, das receitas desgastadas do “prazer do texto”, etc. (PCN, 1998, p. 27)

Se trabalhados de forma descontextualizada, tais procedimentos pouco ou nada contribuem para a formação de leitores capazes de reconhecer as sutilezas, as particularidades, os sentidos, a extensão e a profundidade das construções literárias (PCN, 1998).

Passando pelos objetivos de Língua Portuguesa para o ensino fundamental, nota-se que é esperado que o aluno adquira progressivamente uma competência em relação à linguagem que lhe possibilite resolver problemas da vida cotidiana, ter acesso aos bens culturais e alcançar a participação plena no mundo letrado. Para concretização desses objetivos, espera-se que o aluno seja capaz, no que tange à leitura, de “valorizá-la como fonte de informação, via de acesso aos mundos criados pela literatura e possibilidade de fruição estética, sendo capaz de recorrer aos materiais escritos como função de diferentes objetivos” (PCN, 1998, p. 33).

De acordo com “Os conteúdos de Língua Portuguesa no Ensino Fundamental”, no subtítulo “Caracterização geral e eixos organizadores” (PCN, 1998, p. 35), os conteúdos de Língua Portuguesa no ensino fundamental devem ser selecionados em função do desenvolvimento das habilidades e organizados em torno de dois eixos básicos: o uso da língua oral e escrita e a análise e reflexão sobre a língua.

Por sua vez, o bloco de conteúdos “Língua escrita: usos e formas” subdivide-se em “Prática de leitura” e “Prática de produção de texto”, que se desdobra em “Aspectos discursivos” e “Aspectos notacionais”.<sup>1</sup> Verificando o bloco “Língua escrita: usos e formas”, o documento assinala a importância de “compreender que leitura e escrita são práticas complementares, fortemente relacionadas, que se modificam mutuamente no processo de letramento — a escrita transforma a fala (a constituição da ‘fala letrada’) e a fala influencia a escrita (o aparecimento de “traços da oralidade” nos textos escritos)”, uma vez que tais práticas permitem ao aluno “construir seu conhecimento sobre os diferentes gêneros, sobre os procedimentos mais adequados para lê-los e escrevê-los e sobre as circunstâncias de uso da escrita” (PCN, 1998, p. 40).

---

<sup>1</sup> Os aspectos notacionais referem-se às características da representação gráfica da linguagem e os aspectos discursivos referem-se às características da linguagem em uso.

Nesse sentido, observa-se que a relação entre

leitura e escrita, entre o papel de leitor e de escritor, no entanto, não é mecânica: alguém que lê muito não é, automaticamente, alguém que escreve bem. Pode-se dizer que existe uma grande possibilidade de que assim seja. É nesse contexto – considerando que o ensino deve ter como meta formar leitores que sejam também capazes de produzir textos coerentes, coesos, adequados e ortograficamente escritos – que a relação entre essas duas atividades deve ser compreendida. (PCN, 1998, p. 40)

Recorrendo à “Prática de Leitura”, a leitura tem um caráter de extrema importância no processo ensino-aprendizagem, uma vez que é por meio do desenvolvimento da competência leitora que o aluno poderá tornar-se proficiente em todas as disciplinas. Tais competências serão desenvolvidas por meio das práticas de leitura, dentro da sala de aula, com vistas a formar leitores e produtores de texto aptos para o trabalho com os diversos gêneros textuais. De acordo com o PCN (1998):

Um leitor competente é alguém que, por iniciativa própria, é capaz de selecionar, dentre os trechos que circulam socialmente, aqueles que podem atender a uma necessidade sua. Que consegue utilizar estratégias de leitura adequada para abordá-los de forma a atender a essa necessidade. (PCN, 1998, p. 41)

Para formar um leitor competente,

supõe formar alguém que compreenda o que lê; que possa aprender a ler também o que não está escrito, identificando elementos implícitos; que estabeleça relações entre o texto que lê e outros textos já lidos; que saiba que vários sentidos podem ser atribuídos a um texto; que consiga justificar e validar a sua leitura a partir da localização de elementos discursivos. (PCN, 1998, p. 41)

O aluno, para ser um leitor competente, necessita ter “uma prática constante de leitura de textos de fato, a partir de um trabalho que deve se organizar em torno da diversidade de textos que circulam socialmente. Esse trabalho pode envolver todos os alunos, inclusive aqueles que ainda não sabem ler convencionalmente” (PCN, 1998, p. 41). Ao atentarmos ao “Tratamento Didático” (PCN, 1998, p. 41), nota-se a importância do trabalho de leitura no ambiente escolar, uma vez que:

Se o objetivo é formar cidadãos capazes de compreender os diferentes textos com os quais se defrontam, é preciso organizar o trabalho educativo para que experimentem e aprendam isso na escola. Principalmente quando os alunos não têm contato sistemático com bons materiais de leitura e com adultos leitores, quando não participam de práticas onde ler é indispensável, a escola deve oferecer materiais de qualidade, modelos de leitores proficientes e práticas de leitura eficazes. Essa pode ser a única oportunidade de esses alunos interagirem significativamente com textos cuja finalidade não seja apenas a resolução de pequenos problemas do cotidiano. (PCN, 1998, p. 41)

Dessa forma, para que a escola atinja o objetivo de formar bons leitores, é necessário “oferecer-lhes os textos do mundo”, afinal:

não se formam bons leitores solicitando aos alunos que leiam apenas durante as atividades na sala de aula, apenas no livro didático, apenas porque o professor pede. Eis a primeira e talvez a mais importante estratégia didática para a prática de leitura: o trabalho com a diversidade textual. Sem ela pode-se até ensinar a ler, mas certamente não se formarão leitores competentes. (PCN, 1998, p. 42)

Observando-se o subtítulo “Aprendizagem Inicial de Leitura” (PCN, 1998, p. 42), é possível entender como a leitura deve acontecer a contento, bem como compreender os espaços e a forma como ela se efetiva para que se atinja um nível de formação de leitor.

Inicia-se abordando que é imperativo superar algumas concepções sobre o aprendizado inicial, como “a de que ler é simplesmente decodificar, converter letras em sons, sendo a compreensão consequência natural dessa ação” (PCN, 1998, p. 42). Consequentemente, “por conta desta concepção equivocada a escola vem produzindo grande quantidade de ‘leitores’ capazes de decodificar qualquer texto, mas com enormes dificuldades para compreender o que tentam ler” (PCN, 1998, p. 42).

É fundamental o leitor ter a noção de que ao ler é possível refutar ou confirmar informações que ficaram subentendidas ou não. No entanto, para que isso aconteça, esse leitor deve possuir condições de, ao iniciar sua leitura, construir hipóteses em relação ao título do texto, fazer usos de inferências, entender o contexto ou ter um conhecimento prévio da temática a ser lida. Sabe-se que tais informações abordadas só terão condições de se efetivar quando uma prática ampla de leitura promover um resultado eficiente.

Essa atividade só poderá ser realizada com a intervenção do professor, que deverá colocar-se na situação de principal parceiro, agrupar seus alunos de forma a favorecer a circulação de informações entre eles, procurar garantir que a heterogeneidade do grupo seja um instrumento a serviço da troca, da colaboração e, conseqüentemente, da própria aprendizagem, sobretudo em classes numerosas nas quais não é possível atender a todos os alunos da mesma forma e ao mesmo tempo. A heterogeneidade do grupo, se pedagogicamente bem explorada, desempenha a função adicional de permitir que o professor não seja o único informante da turma. (PCN, 1998, p. 42)

Quando pensamos no contato que os leitores experientes promoverão através dos momentos válidos de leitura, trabalhando a diversidade textual, cabe ao professor a missão de mediar essa interação, constituindo-se em um “modelo”. O professor pode tornar seu aluno um leitor que sabe construir o significado de um texto, de acordo com o objetivo da sua leitura.

De acordo com os PCN’s, é de suma importância mostrar ao aluno que a leitura não é uma simples disciplina da grade curricular que eles terão que cumprir. É necessário que o aluno perceba que a leitura está presente no nosso cotidiano em todas as esferas sociais, e, como tal, não pode estar presa à esfera escolar, mas aberta às relações sociais.

Uma prática constante de leitura na escola deve admitir várias leituras, pois outra concepção que deve ser superada é a do mito da interpretação única, fruto do pressuposto de que o significado está dado no texto. O significado, no entanto, constrói-se pelo esforço de interpretação do leitor, a partir não só do que está escrito, mas do conhecimento que traz para o texto. (PCN, 1998, p. 43)

Assim, o desafio a ser driblado é que:

Para tornar os alunos bons leitores — para desenvolver, muito mais do que a capacidade de ler, o gosto e o compromisso com a leitura —, a escola terá de mobilizá-los internamente, pois aprender a ler (e também ler para aprender) requer esforço. Precisar fazê-los achar que a leitura é algo interessante e desafiador, algo que, conquistado plenamente, dará autonomia e independência. Precisar torná-los confiantes, condição para poderem se desafiar a “aprender fazendo”. Uma prática de leitura que não desperte e cultive o desejo de ler não é uma prática pedagógica eficiente. (PCN, 1998, p. 43)

Sabe-se que formar leitores exige uma tarefa árdua, mas fundamental para que o leitor possa construir sentidos e estabelecer relações.

Formar leitores é algo que requer, portanto, condições favoráveis para a prática de leitura — que não se restringem apenas aos recursos materiais disponíveis, pois, na verdade, o uso que se faz dos livros e demais materiais impressos é o aspecto mais determinante para o desenvolvimento da prática e do gosto pela leitura. (PCN, 1998, p. 43)

Segundo os PCN's, para que o aprendizado inicial da leitura aconteça, algumas condições são necessárias:

- dispor de uma boa biblioteca na escola;
- dispor, nos ciclos iniciais, de um acervo de classe com livros e outros materiais de leitura;
- organizar momentos de leitura livre em que o professor também leia. Para os alunos não acostumados com a participação em atos de leitura, que não conhecem o valor que possui, é fundamental ver seu professor envolvido com a leitura e com o que conquista por meio dela. Ver alguém seduzido pelo que faz pode despertar o desejo de fazer também;
- planejar as atividades diárias garantindo que as de leitura tenham a mesma importância que as demais;
- possibilitar aos alunos a escolha de suas leituras. Fora da escola, o autor, a obra ou o gênero são decisões do leitor. Tanto quanto for possível, é necessário que isso se preserve na escola;
- garantir que os alunos não sejam importunados durante os momentos de leitura com perguntas sobre o que estão achando, se estão entendendo e outras questões;
- possibilitar aos alunos o empréstimo de livros na escola. Bons textos podem ter o poder de provocar momentos de leitura junto com outras pessoas da casa — principalmente quando se trata de histórias tradicionais já conhecidas;
- quando houver oportunidade de sugerir títulos para serem adquiridos pelos alunos, optar sempre pela variedade: é infinitamente mais interessante que haja na classe, por exemplo, 35 diferentes livros — o que já compõe uma biblioteca de classe — do que 35 livros iguais. No primeiro caso, o aluno tem oportunidade de ler 35 títulos, no segundo apenas um;
- construir na escola uma política de formação de leitores na qual todos possam contribuir com sugestões para desenvolver uma prática constante de leitura que envolva o conjunto da unidade escolar. (PCN, 1998, p. 44)

Para que a formação de leitores aconteça, deve-se ainda levar em conta algumas propostas didáticas orientadas especificamente para torná-los leitores. Orienta-se que o trabalho

com a leitura seja diário e que seja realizado “de forma silenciosa, individualmente”, “em voz alta (individualmente ou em grupo) quando fizer sentido dentro da atividade” e “pela escuta de alguém que lê” (PCN, 1998, p. 44).

No entanto, alguns cuidados são necessários:

- toda proposta de leitura em voz alta precisa fazer sentido dentro da atividade na qual se insere e o aluno deve sempre poder ler o texto silenciosamente, com antecedência — uma ou várias vezes;
- nos casos em que há diferentes interpretações para um mesmo texto e faz-se necessário negociar o significado (validar interpretações), essa negociação precisa ser fruto da compreensão do grupo e produzir-se pela argumentação dos alunos. Ao professor cabe orientar a discussão, posicionando-se apenas quando necessário;
- ao propor atividades de leitura convém sempre explicitar os objetivos e preparar os alunos. É interessante, por exemplo, dar conhecimento do assunto previamente, fazer com que os alunos levantem hipóteses sobre o tema a partir do título, oferecer informações que situem a leitura, criar um certo suspense quando for o caso, etc.;
- é necessário refletir com os alunos sobre as diferentes modalidades de leitura e os procedimentos que elas requerem do leitor. São coisas muito diferentes ler para se divertir, ler para escrever, ler para estudar, ler para descobrir o que deve ser feito, ler buscando identificar a intenção do escritor, ler para revisar. É completamente diferente ler em busca de significado — a leitura, de um modo geral — e ler em busca de inadequações e erros — a leitura para revisar. Esse é um procedimento especializado que precisa ser ensinado em todas as séries, variando apenas o grau de aprofundamento em função da capacidade dos alunos. (PCN, 1998, p. 45)

Outra sugestão apontada pelos PCN's é o trabalho de leitura colaborativa:

uma atividade em que o professor lê um texto com a classe e, durante a leitura, questiona os alunos sobre as pistas linguísticas que possibilitam a atribuição de determinados sentidos. Trata-se, portanto, de uma excelente estratégia didática para o trabalho de formação de leitores. É particularmente importante que os alunos envolvidos na atividade possam explicitar para os seus parceiros os procedimentos que utilizam para atribuir sentido ao texto: como e por quais pistas linguísticas lhes foi possível realizar tais ou quais inferências, antecipar determinados acontecimentos, validar antecipações feitas, etc. A possibilidade de interrogar o texto, a diferenciação entre realidade e ficção, a identificação de elementos discriminatórios e recursos persuasivos, a interpretação de sentido figurado, a inferência sobre a intencionalidade do autor, são alguns dos aspectos dos conteúdos relacionados à compreensão de textos, para os quais a leitura colaborativa tem muito a contribuir. A compreensão crítica depende em grande medida desses procedimentos. (PCN, 1998, p. 45)

São apresentados como opções para a formação do leitor os projetos de leitura, que “[têm] um objetivo compartilhado por todos os envolvidos, que se expressa[m] num produto final em função do qual todos trabalham” (PCN, 1998, p. 45).

Além disso,

são situações em que linguagem oral, linguagem escrita, leitura e produção de textos se inter-relacionam de forma contextualizada, pois quase sempre envolvem tarefas que articulam esses diferentes conteúdos. São situações linguisticamente significativas, em que faz sentido, por exemplo, ler para escrever, escrever para ler, ler para decorar, escrever para não esquecer, ler em voz alta em tom adequado. (PCN, 1998, p. 46)

Os PCN's (1998) trazem como exemplos de projetos:

produção de fita cassete de contos ou poemas lidos para a biblioteca escolar ou para enviar a outras instituições; produção de vídeos (ou fitas cassete) de curiosidades gerais sobre assuntos estudados ou de interesse; promoção de eventos de leitura numa feira cultural ou exposição de trabalhos. (PCN, 1998, p. 46)

Outro método que ajuda na formação do leitor, apresentado pelos PCN's (1998), são as atividades sequenciadas de leitura, definidas como:

situações didáticas adequadas para promover o gosto de ler e privilegiadas para desenvolver o comportamento do leitor, ou seja, atitudes e procedimentos que os leitores assíduos desenvolvem a partir da prática de leitura: formação de critérios para selecionar o material a ser lido, constituição de padrões de gosto pessoal, rastreamento da obra de escritores preferidos, etc. (PCN, 1998, p. 46).

Apresenta como forma de trabalho:

parecida com os projetos — e podem integrá-los, inclusive —, mas não têm um produto final predeterminado: neste caso o objetivo explícito é a leitura em si. Nas atividades sequenciadas de leitura pode-se, temporariamente, eleger um gênero específico, um determinado autor ou um tema de interesse. (PCN, 1998, p. 46)

Acrescenta ainda as atividades permanentes de leitura:

situações didáticas propostas com regularidade e voltadas para a formação de atitude favorável à leitura. Um exemplo desse tipo de atividade é a “Hora de...” (histórias, curiosidades científicas, notícias, etc.). Os alunos escolhem o que desejam ler, levam o material para casa por um tempo e se revezam para fazer a leitura em voz alta, na classe. Dependendo da extensão dos textos e do que demandam em termos de preparo, a atividade pode se realizar semanalmente ou quinzenalmente, por um ou mais alunos a cada vez. Quando for pertinente, pode incluir também uma breve caracterização da obra do autor ou curiosidades sobre sua vida. (PCN, 1998, p. 46)

Outra sugestão apresentada dentro dessas atividades permanentes de leitura é a “Roda de Leitores” onde,

periodicamente os alunos tomam emprestado um livro (do acervo de classe ou da biblioteca da escola) para ler em casa. No dia combinado, uma parte deles relata suas impressões, comenta o que gostou ou não, o que pensou,<sup>47</sup> sugere outros títulos do mesmo autor ou conta uma pequena parte da história para “vender” o livro que o entusiasmou aos colegas. (PCN, 1998, p. 46)

Como possibilidade e maior oportunidade de contato com os leitores proficientes e apaixonados pela leitura, o professor propicia o contato com as leituras. Conforme os PCN's,

além das atividades de leitura realizadas pelos alunos e coordenadas pelo professor há as que podem ser realizadas basicamente pelo professor. É o caso da leitura compartilhada de livros em capítulos, que possibilita aos alunos o acesso a textos bastante longos (e às vezes difíceis) que, por sua qualidade e beleza, podem vir a encantá-los, ainda que nem sempre sejam capazes de lê-los sozinhos. (PCN, 1998, p. 46)

Outrossim, “a leitura em voz alta feita pelo professor não é uma prática muito comum na escola. E, quanto mais avançam as séries, mais incomum se torna, o que não deveria

acontecer, pois, muitas vezes, são os alunos maiores que mais precisam de bons modelos de leitores” (PCN, 1998, p. 46). Na escola, uma prática de leitura intensa é necessária por muitas razões. Ela pode:

- ampliar a visão de mundo e inserir o leitor na cultura letrada;
- estimular o desejo de outras leituras;
- possibilitar a vivência de emoções, o exercício da fantasia e da imaginação;
- permitir a compreensão do funcionamento comunicativo da escrita: escreve-se para ser lido;
- expandir o conhecimento a respeito da própria leitura;
- aproximar o leitor dos textos e os tornar familiares — condição para a leitura fluente e para a produção de textos;
- possibilitar produções orais, escritas e em outras linguagens;
- informar como escrever e sugerir sobre o que escrever;
- ensinar a estudar;
- possibilitar ao leitor compreender a relação que existe entre a fala e a escrita;
- favorecer a aquisição de velocidade na leitura;
- favorecer a estabilização de formas ortográficas. (PCN, 1998, p. 46)

Em “Recursos didáticos e sua utilização” (PCN, 1998, p. 61), deparamo-nos com as bibliotecas – de classe ou escolar – que são vistas como fundamentais para um trabalho como o proposto pelo referido documento analisado. Assim, são apresentadas as definições e a forma de trabalho das bibliotecas mencionadas acima.

Na biblioteca escolar é necessário que sejam colocados à disposição dos alunos textos dos mais variados gêneros, respeitados os seus portadores: livros de contos, romances, poesia, enciclopédias, dicionários, jornais, revistas (infantis, em quadrinhos, de palavras cruzadas e outros jogos), livros de consulta das diversas áreas do conhecimento, almanaques, revistas de literatura de cordel, textos gravados em áudio e em vídeo, entre outros. Além dos materiais impressos que se pode adquirir no mercado, também aqueles que são produzidos pelos alunos — produtos dos mais variados projetos de estudo — podem compor o acervo da biblioteca escolar: coletâneas de contos, trava-línguas, piadas, brincadeiras e jogos infantis, livros de narrativas ficcionais, dossiês sobre assuntos específicos, diários de viagens, revistas, jornais, etc. (PCN, 1998, p. 61)

Quanto à biblioteca de classe:

não precisa ser excessivamente ampla no que se refere ao número de volumes disponíveis. Ao contrário, é preciso que a variedade de materiais e títulos esteja garantida, o que permite uma diversificação de leitura aos alunos. Também é possível que se tenha, em algumas situações, um volume para cada aluno de um único título: nesse caso, é preciso que se tenha propostas específicas de trabalho que justifiquem essa opção. Do acervo da classe também podem constar produções dos próprios alunos. (PCN, 1998, p. 61)

No que se refere ao papel da escola junto à biblioteca:

é fundamental, tanto no que se refere à biblioteca escolar quanto à de classe, para a organização de critérios de seleção de material impresso de qualidade e para a orientação dos alunos, de forma a promover a leitura autônoma, a aprendizagem de procedimentos de utilização de bibliotecas (empréstimo, seleção de repertório, utilização de índices, consulta a diferentes fontes de informação, seleção de textos adequados às suas necessidades, etc.), e a constituição de atitudes de cuidado e conservação do material disponível para consulta. (PCN, 1998, p. 61)

Menciona-se, também, sobre a organização dos espaços físicos:

a organização do espaço físico — iluminação, estantes e disposição dos livros, agrupamentos dos livros no espaço disponível, mobiliário, etc. — deve garantir que todos os alunos tenham acesso ao material disponível. Mais do que isso: deve possibilitar ao aluno o gosto por frequentar aquele espaço e, dessa forma, o gosto pela leitura. (PCN, 1998, p. 61)

Desse modo, o objetivo da escola é deixar de ser um espaço de interpretação nulo para se tornar um movimento ativo de construção de sentidos.

## **1.2 Legislação Estadual (Plano Estadual de Educação e Diretrizes Curriculares do Paraná)**

O Plano Nacional de Educação (PNE) é um documento que determina diretrizes, metas e estratégias para a política educacional no país, no período de 2014 a 2024, e foi aprovado mediante a Lei N° 13.005/2014. Em decorrência da Lei, todos os estados e municípios criaram os seus respectivos planos e adequaram suas metas e estratégias para atendimento de suas realidades específicas. A Lei Federal N.º 13.005/2014, que aprova o PNE, em seu Art. 2.º define como diretrizes para a educação brasileira:

I - erradicação do analfabetismo; II - universalização do atendimento escolar; III - superação das desigualdades educacionais, com ênfase na promoção da cidadania e na erradicação de todas as formas de discriminação; IV - melhoria da qualidade da educação; V - formação para o trabalho e para a cidadania, com ênfase nos valores morais e éticos em que se fundamenta a sociedade; VI - promoção do princípio da gestão democrática da educação pública; VII - promoção humanística, científica, cultural e tecnológica do País; VIII - estabelecimento de meta de aplicação de recursos públicos em educação como proporção do Produto Interno Bruto - PIB, que assegure atendimento às necessidades de expansão, com padrão de qualidade e equidade; IX - valorização dos profissionais da educação; X - promoção dos princípios do respeito aos direitos humanos, à diversidade e à sustentabilidade socioambiental. (PEE, 2015, p. 13)

A partir disso, no estado do Paraná, o Plano Estadual de Educação foi aprovado pela Lei N°. 18.492, de 25 de junho de 2015. Com vigência de dez anos, o PEE diz respeito à garantia do direito à educação básica com qualidade, promovendo garantia do acesso, universalização do ensino obrigatório e ampliação das oportunidades educacionais, redução das desigualdades e promoção de equidade e valorização dos profissionais da educação.

Em relação à Formação do Leitor, pode-se analisar no item “Metas e Estratégias” (PEE, 2015) que as estratégias esboçadas na meta 2 dizem respeito a “[u]niversalizar o Ensino Fundamental de nove anos para toda a população de seis a 14 anos e garantir que pelo menos

95% dos estudantes concluíam essa etapa na idade recomendada até o último ano de vigência deste Plano” (PEE, 2015, p. 60). Verifica-se como método implantar “o Sistema da Rede de Bibliotecas Escolares, ampliar o acervo bibliográfico e estimular a formação de leitores por meio da pesquisa e da produção de textos” (PEE, 2015, p. 61)

Analisa-se na Meta 3 o seguinte objetivo: “[u]niversalizar, até 2016, o atendimento escolar para toda a população de 15 a 17 anos e elevar, até o final do período de vigência deste Plano, a taxa líquida de matrículas no Ensino Médio para 85%” (PEE, 2015, p. 63). Ademais, destacam-se as seguintes táticas:

3.12. Garantir infraestrutura adequada de salas, quadras esportivas, bibliotecas e demais espaços necessários à educação inclusiva e de qualidade nas instituições de ensino. 3.13. Garantir a produção e aquisição de materiais de apoio pedagógico, como dicionários, livros didáticos e obras literárias, inclusive em Braille e digitado, além de materiais de laboratório e outros materiais necessários a uma educação de qualidade e inclusiva. (PEE, 2015, p. 64)

Por sua vez, a meta 7 consiste em “[f]omentar a qualidade da Educação Básica em todas as etapas e modalidades, com melhoria do fluxo escolar e da aprendizagem de modo a atingir as seguintes médias estaduais para o Ideb” (PEE, 2015, p. 73), ilustradas pela figura abaixo:

**Figura 1** - Médias estaduais para o IDEB

Ideb	2015	2017	2019	2021
Anos Iniciais do Ensino Fundamental	5,2	6,0	6,3	6,5
Anos Finais do Ensino Fundamental	4,7	5,2	5,6	6,0
Ensino Médio	4,3	4,7	5,2	5,7

Fonte: PEE (2015, p. 73).

Nota-se que são utilizadas como estratégias:

7.20. Prover equipamentos e recursos tecnológicos digitais para a utilização pedagógica no ambiente escolar a todas as escolas públicas da Educação Básica, criando, inclusive, mecanismos para a implementação das condições necessárias à universalização das bibliotecas nas instituições educacionais, com acesso a redes digitais de computadores, inclusive a internet.

7.27. Promover ações em consonância com as diretrizes do Plano Nacional do Livro e Leitura (PNLL) e Plano Estadual do Livro, Leitura e Literatura (PELLL) para formação de leitores e formação continuada de profissionais da educação para atuarem como mediadores da leitura, de acordo com a especificidade das diferentes etapas do desenvolvimento e da aprendizagem. (PEE, 2015, p.75-76)

Acrescenta-se, ainda, como tática na Meta 7:

7.40. Aperfeiçoar programas de atendimento pedagógico para todas as escolas da rede estadual de ensino, com vistas à melhoria da leitura, interpretação de textos e

resolução de problemas e, conseqüentemente, da diminuição das taxas de abandono, reprovação e aprovação por conselho de classe.

7.41. Fortalecer a parceria com a União para aquisição de materiais de apoio pedagógico, como dicionários, livros didáticos, obras literárias, materiais de laboratório, entre outros, inclusive em Braille. (PEE, 2015, p.78)

Relatando sobre a meta 9, “Elevar a taxa de alfabetização da população com 15 anos ou mais para 97% e reduzir em 50% a taxa de analfabetismo funcional até o final da vigência deste Plano” (PEE, 2015, p. 79), temos: “9.8. Adquirir e encaminhar acervo bibliográfico, bem como garantir infraestrutura para as bibliotecas das prisões, visando ampliar o atendimento da Lei Estadual N. º 17.329/2012, que instituiu o Projeto “Remissão pela Leitura” no âmbito dos estabelecimentos penais” (PEE, 2015, p. 80).

Quanto à meta 16, ela apresenta como objetivo:

Formar, em nível de pós-graduação, 70% de profissionais do magistério da Educação Básica, até o último ano de vigência deste Plano e garantir a todos os profissionais da Educação Básica formação continuada em sua área de atuação, considerando as necessidades, demandas e contextualizações dos sistemas de ensino. (PEE, 2015, p. 90).

No que se refere as estratégias, temos:

16.2. Expandir programa de composição de acervo de obras didáticas, paradidáticas, de literatura e dicionários, e programa específico de acesso a bens culturais, incluindo obras e materiais produzidos em Libras e em Braille, sem prejuízo de outros, a serem disponibilizados para profissionais da educação das redes pública e privada de Educação Básica. (PEE, 2015, p. 90).

Outro importante documento que referencia as práticas educacionais do Estado são as Diretrizes Curriculares da Educação Básica do Paraná. De acordo com Todos (2021), as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN’s) são normas obrigatórias para a Educação Básica que orientam o planejamento curricular das escolas e dos sistemas de ensino. Elas são discutidas, concebidas e fixadas pelo Conselho Nacional de Educação (CNE). Mesmo depois que o Brasil elaborou a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), as Diretrizes continuam valendo porque os documentos são complementares: as Diretrizes dão a estrutura, a Base, o detalhamento de conteúdos e competências.

As Diretrizes Curriculares Nacionais são um conjunto de definições doutrinárias sobre princípios, fundamentos e procedimentos na Educação Básica que orientam as escolas na organização, articulação, desenvolvimento e avaliação de suas propostas pedagógicas. (TODOS, 2021). As DCN’s têm origem na Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), de 1996, que assinala ser incumbência da União “estabelecer, em colaboração com os estados,

Distrito Federal e os municípios, competências e diretrizes para a Educação Infantil, o Ensino Fundamental e o Ensino Médio, que nortearão os currículos e os seus conteúdos mínimos, de modo a assegurar a formação básica comum” (TODOS, 2021).

Especificamente, as Diretrizes Curriculares da Educação Básica do Paraná, voltadas à disciplina de Língua Portuguesa, iniciam-se trazendo um panorama do ensino da Língua. No que se refere à Literatura, apresentam a relação em meados do século XX, quando

o principal instrumento do trabalho pedagógico eram as antologias literárias, com base nos cânones. A leitura do texto literário, no ensino primário e ginásial, visava transmitir a norma culta da língua, com base em exercícios gramaticais e estratégias para inculcar valores religiosos, morais e cívicos. O objetivo era despertar o sentimento nacionalista e formar cidadãos respeitadores da ordem estabelecida. (DCE, 2005, p. 45)

As DCN's discorrem sobre o ensino de Literatura nos anos 70, enaltecendo a historiografia literária:

o ensino de Literatura restringiu-se ao então segundo grau, com abordagens estruturalistas e/ou historiográficas do texto literário. Na análise do texto poético, por exemplo, adotava-se o método francês, isto é, propunha-se a análise do texto conforme as estruturas formais: rimas, escansão de versos, ritmo, estrofes, etc. Cabia ao professor a condução da análise literária, e aos alunos, a condição de meros ouvintes. A historiografia literária, que ainda hoje resiste em algumas salas de aula, direcionava e limitava as leituras dos alunos. Em muitos casos, eram interpretações dos professores e/ou dos livros didáticos, desconsiderando o papel ativo do aluno no processo de leitura e, em outros, os textos eram levados para sala como pretexto para se ensinar gramática. (DCE, 2005, p. 45)

Quando há a possibilidade de compreensão desse contexto,

no vigor da ditadura militar, não seria tolerada uma prática pedagógica que visasse despertar o espírito crítico e criador dos alunos. A leitura literária era compreendida como subversiva, pois levava o sujeito à reflexão e à compreensão de si mesmo e do mundo. Ainda na década de 1970, houve uma tentativa de rompimento com essas práticas. Entretanto, a abordagem do texto literário mudou apenas para uma metodologia que se centrava numa análise literária simplificada, com ênfase em questionários sobre personagens principais e secundários, tempo e espaço da narrativa. (DCE, 2005, p. 45)

Quanto aos Parâmetros Curriculares do Ensino Médio (PCNEM), no que se aplica especificamente à Literatura, Frederico e Osakabe (2004) observam que os PCNEM, “temendo parecer tradicionais e pretendendo-se modernos, alijam a experiência literária para uma vala comum na qual se mesclam produções literárias e não-literárias, equiparando-as. Temendo afirmar, não propõem” (2004, p. 75). A contundência dessa crítica se remete a uma experiência relatada nos PCNEM que delega aos alunos a definição do que é literário ou não-literário em um conjunto de textos, como se os alunos tivessem conhecimento suficiente para elaborar

esse critério. Os autores defendem que a escola precisa trabalhar o texto literário na peculiaridade da sua elaboração linguística e das suas significações (DCN, 2005, p. 47).

A experimentação literária torna-se assim uma exigência ética da escola. É um momento do exercício de percepção e de incorporação de um tipo de discurso ou comportamento linguísticos que correspondem ao exercício pleno da liberdade criadora. Por seu acesso, o aluno conseguirá perceber e exercitar as possibilidades mais remotas e imprevistas a que a sua Língua pode remeter (FREDERICO; OSAKABE, 2004, p. 79).

Assim, a tarefa da escola, nessa perspectiva, é:

possibilitar que seus alunos participem de diferentes práticas sociais<sup>2</sup> que utilizem a leitura, a escrita e a oralidade, com a finalidade de inseri-los nas diversas esferas de interação. Se a escola desconsiderar esse papel, o sujeito ficará à margem dos novos letramentos, não conseguindo se constituir no âmbito de uma sociedade letrada. (DCE, 2005, p. 48)

Ao analisar os Fundamentos Teóricos-metodológicos, no tópico 2.2.3 “Leitura”, percebe-se que “no ato de leitura, um texto leva a outro e orienta para uma política de singularização do leitor que, convocado pelo texto, participa da elaboração dos significados, confrontando-o com o próprio saber, com a sua experiência de vida ” (DCE, 2005, p. 57).

Para Silva:

a prática de leitura é um princípio de cidadania, ou seja, o leitor cidadão, pelas diferentes práticas de leitura, pode ficar sabendo quais são suas obrigações e também pode defender os seus direitos, além de ficar aberto às conquistas de outros direitos necessários para uma sociedade justa, democrática e feliz. (SILVA, 2005, p. 24)

As diretrizes acrescentam que a prática de “leitura em diferentes contextos requer que se compreendam as esferas discursivas em que os textos são produzidos e circulam, bem como se reconheçam as intenções e os interlocutores do discurso” (DCE, 2005, p. 57). No tópico 2.1.3.1 “Literatura” (DCE, 2005, p. 57), o documento registra que os textos precisam de articulação com outros campos. Menciona também o contexto de produção, a crítica literária, a linguagem, a cultura, a história, a economia, entre outros elementos. Em conformidade com as três funções atribuídas à literatura por Antonio Candido (1972), lê-se:

A primeira, função psicológica, permite ao homem a fuga da realidade, mergulhando num mundo de fantasias, o que lhe possibilita momentos de reflexão, identificação e catarse. Na segunda, Candido (1972) afirma que a literatura por si só faz parte da formação do sujeito, atuando como instrumento de educação, ao retratar realidades não reveladas pela ideologia dominante. A função social, por sua vez, é a forma como a literatura retrata os diversos segmentos da sociedade, é a representação social e humana. Candido cita o regionalismo para exemplificar essa função. (DCE, 2005, p. 57)

---

<sup>2</sup> Prática(s) social(is) entendida(s), nestas Diretrizes, como toda atividade humana exercida com e na linguagem.

Segundo Candido (1972):

A literatura pode formar; mas não segundo a pedagogia oficial. [...] Longe de ser um apêndice da instrução moral e cívica, [...], ela age com o impacto indiscriminado da própria vida e educa como ela. [...] Dado que a literatura ensina na medida em que com toda a sua gama, é artificial querer que ela funcione como os manuais de virtude e boa conduta. E a sociedade não pode senão escolher o que em cada momento lhe parece adaptado aos seus fins, pois mesmo as obras consideradas indispensáveis para a formação do moço trazem frequentemente aquilo que as convenções desejariam banir. [...] É um dos meios porque o jovem entra em contato com realidades que se tenciona escamotear lhe. [...] Ela não corrompe nem edifica, portanto; mas, trazendo livremente em si o que chamamos o bem o que chamamos o mal, humaniza em sentido profundo, porque faz viver. (CANDIDO, 1972, p. 805-806)

Eagleton (1983) é referenciado para justificar sobre a dificuldade de definir a literatura. A saber, tal definição depende da maneira como cada um atribui o significado a uma obra literária, tendo em vista que esta, demonstrada nas diretrizes, se concretiza na recepção. Eagleton (1983, p. 105) salienta que “sem essa constante participação ativa do leitor, não haveria obra literária”.

Assim, a perspectiva de abordagem nessas diretrizes se estabelece da seguinte forma:

pensando a partir dos pressupostos teóricos da Estética da Recepção e da Teoria do Efeito, visto que essas teorias buscam formar um leitor capaz de sentir e de expressar o que sentiu, com condições de reconhecer, nas aulas de literatura, um envolvimento de subjetividades que se expressam pela tríade obra/autor/leitor, por meio de uma interação que está presente na prática de leitura. A escola, portanto, deve trabalhar a literatura em sua dimensão estética. (...)

Trata-se, de fato, da relação entre o leitor e a obra, e nela a representação de mundo do autor que se confronta com a representação de mundo do leitor, no ato ao mesmo tempo solitário e dialógico da leitura. Aquele que lê amplia seu universo, mas amplia também o universo da obra a partir da sua experiência cultural. (DCE, 2005, p. 58)

Sequencialmente, as diretrizes (2005) mencionam que nem sempre o leitor teve seu papel respeitado na leitura e esboçam, assim, as teses de Jauss (1994), das quais originou-se a Estética da Recepção. São elas:

Na primeira tese, aborda a relação entre leitor e texto, afirmando que o leitor dialoga com a obra atualizando-a no ato da leitura. A segunda tese destaca o saber prévio do leitor, o qual reage de forma individual diante da leitura, influenciado, porém, por um contexto social. A terceira enfatiza o horizonte de expectativas, o autor apresenta a ideia de que é possível medir o caráter artístico de uma obra literária tendo como referência o modo e o grau como foi recebida pelo público nas diferentes épocas em que foi lida (distância estética)<sup>3</sup>. A quarta tese aponta a relação dialógica do texto, uma vez que, para o leitor, a obra constitui-se respostas para os seus questionamentos. Na quinta, Jauss discute o enfoque diacrônico, que reflete sobre o contexto em que a obra foi produzida e a maneira como ela foi recebida e (re) produzida em diferentes momentos históricos. Trata-se do processo histórico de recepção e produção estética. A sexta tese refere-se ao corte sincrônico, no qual o caráter histórico da obra literária é visto no viés atual. Jauss defende que a historicidade literária é melhor compreendida

<sup>3</sup> De acordo com Jauss (1994), a distância estética é o afastamento ou não-coincidência entre o horizonte de expectativa pré-existente do público e o horizonte de expectativa suscitado por uma nova obra.

quando há um trabalho conjunto do enfoque diacrônico com o corte sincrônico. Na última tese, o caráter emancipatório da obra literária relaciona a experiência estética com a atuação do homem em sociedade, permitindo a este, por meio de sua emancipação, desempenhar um papel atuante no contexto social. (DCE, 2005, p. 59)

Em consonância com Jauss, Wolfgang Iser (1996) apresenta a Teoria do Efeito, que reflete sobre o resultado estético da obra literária no leitor durante a recepção. Iser trabalha com os conceitos de “leitor implícito”, “estrutura do apelo” e “vazios do texto”. Para Iser (1996, p. 73), as diretrizes informam que “a concepção de leitor implícito designa [...] uma estrutura do texto que antecipa a presença do receptor”. Portanto, temos um leitor ideal, mas que nem sempre será o real.

O texto literário permite múltiplas interpretações, uma vez que é na recepção que ele significa. No entanto, não está aberto a qualquer interpretação. O texto é carregado de pistas/estruturas de apelo, as quais direcionam o leitor, orientando-o para uma leitura coerente. Além disso, o texto traz lacunas, vazios, que serão preenchidos conforme o conhecimento de mundo, as experiências de vida, as ideologias, as crenças, os valores, etc., que o leitor carrega consigo. (DCE, 2005, p. 59)

Tais considerações são feitas nas Diretrizes Curriculares do Paraná (2005, p. 59), a partir da seguinte questão: em que sentido a Estética da Recepção e a Teoria do Efeito podem servir como suporte teórico para construir uma reflexão válida no que concerne à literatura, levando em conta o papel do leitor e sua formação? Ao observar o tópico 4.3 “Prática de Leitura” (DCE, 2005, p. 71), a concepção de linguagem assumida pelas diretrizes esboça que a leitura

é vista como um ato dialógico, interlocutivo. O leitor, nesse contexto, tem um papel ativo no processo da leitura, e para se efetivar como co-produtor, procura pistas formais, formula e reformula hipóteses, aceita ou rejeita conclusões, usa estratégias baseadas no seu conhecimento linguístico, nas suas experiências e na sua vivência sócio-cultural. [...]

Ler é familiarizar-se com diferentes textos produzidos em diversas esferas sociais: jornalísticas, artística, judiciária, científica, didático-pedagógica, cotidiana, midiática, literária, publicitária, etc. No processo de leitura, também é preciso considerar as linguagens não-verbais. A leitura de imagens, como: fotos, cartazes, propagandas, imagens digitais e virtuais, figuras que povoam com intensidade crescente nosso universo cotidiano, deve contemplar os multiletramentos mencionados nestas Diretrizes. (DCE, 2005, p. 71)

Os direcionamentos apontados servem para o docente entender que é necessário propiciar o desenvolvimento de uma atitude crítica que permite ao discente notar o sujeito presente nos textos. Para tanto, é de responsabilidade do professor atuar como mediador, instigando nos alunos a prática de leituras significativas.

No tópico 4.3.1 “Literatura” (DCE, 2005, p. 74), é sugerido o Método Receptional, elaborado pelas professoras Maria da Glória Bordini e Vera Teixeira de Aguiar, como encaminhamento metodológico para o trabalho com a literatura, “devido ao papel que se atribui ao leitor, uma vez que este é visto como um sujeito ativo no processo de leitura, tendo voz em

seu contexto”. Cabe dizer ainda que “esse método proporciona momentos de debates, reflexões sobre a obra lida, possibilitando ao aluno a ampliação dos seus horizontes de expectativas” (DCE, 2005, p. 74). De acordo com Bordini e Aguiar (1993), o método tem como objetivos:

Efetuar leituras compreensivas e críticas; ser receptivo a novos textos e a leitura de outrem; questionar as leituras efetuadas em relação ao seu próprio horizonte cultural; transformar os próprios horizontes de expectativas, bem como os do professor, da escola, da comunidade familiar e social. (DCE, 2005, p.74)

As diretrizes mencionam que esse trabalho se divide em cinco etapas, cabendo ao professor estipular o tempo de aplicação, de acordo com seu trabalho docente na turma.

A primeira etapa é o momento de determinação do horizonte de expectativa do aluno/leitor. O professor precisa tomar conhecimento da realidade sócio-cultural dos educandos, observando o dia a dia da sala de aula. Informalmente, pode-se analisar os interesses e o nível de leitura, a partir de discussões de textos, visitas à biblioteca, exposições de livros, etc. (...)

Na segunda, ocorre o atendimento ao horizonte de expectativas, o professor apresenta textos que sejam próximos ao conhecimento de mundo e às experiências de leitura dos alunos. Para isso, é fundamental que sejam selecionadas obras que tenham um senso estético aguçado, percebendo que a diversidade de leituras pode suscitar a busca de autores consagrados da literatura, de obras clássicas. (DCE, 2005, p. 74-75)

Em seguida, acontece a ruptura do horizonte de expectativas.

É o momento de mostrar ao leitor que nem sempre determinada leitura é o que ele espera, suas certezas podem ser abaladas. Para que haja o rompimento, é importante o professor trabalhar com obras que, partindo das experiências de leitura dos alunos, aprofundem seus conhecimentos, fazendo com que eles se distanciem do senso comum em que se encontravam e tenham seu horizonte de expectativa ampliado, consequentemente, o entendimento do evento estético. Neste momento, o leitor tenta encaixar o texto literário dentro de seu horizonte de valores, porém, a obra pode “confirmar ou perturbar esse horizonte, em termos das expectativas do leitor, que o percebe, o julga por tudo que já conhece e aceita” (BORDINI; AGUIAR, 1993, p. 87 *apud* DCE, 2005, p. 75).

Logo, o sujeito é direcionado a um questionamento desse horizonte de expectativas.

O professor orienta o aluno/leitor a um questionamento e a uma autoavaliação a partir dos textos oferecidos. O aluno deverá perceber que os textos oferecidos na etapa anterior (ruptura) lhe trouxeram mais dificuldades de leitura, porém, garantiram-lhe mais conhecimento, o que o ajudou a ampliar seus horizontes. (DCE, 2005, p.75)

A quinta etapa (DCE, 2005, p. 75) versa sobre a ampliação do horizonte de expectativas, pelo qual as leituras oferecidas ao aluno e o trabalho efetuado a partir delas possibilitam uma reflexão e uma tomada de consciência das mudanças e das aquisições, levando-o a uma ampliação de seus conhecimentos.

Para a aplicação deste método, o professor precisa ponderar as diferenças entre o Ensino Fundamental e o Ensino Médio. No Ensino Médio, além do gosto pela leitura, há a preocupação, por parte do professor, em garantir o estudo das Escolas Literárias. Contudo, ambos os níveis devem partir do mesmo ponto: o aluno é o leitor, e como

leitor é ele quem atribui significados ao que lê, é ele quem traz vida ao que lê, de acordo com seus conhecimentos prévios, linguísticos, de mundo. Assim, o docente deve partir da recepção dos alunos para, depois de ouvi-los, aprofundar a leitura e ampliar os horizontes de expectativas dos alunos. (DCE, 2005, p. 75)

As DCE's acrescentam que o primeiro contato para o texto literário deve ser um contato de sensibilidade, de identificação. Dessa forma,

o professor pode estimular o aluno a projetar-se na narrativa e identificar-se com algum personagem. Numa apresentação em sala de aula o educando revela-se e, "provocado" pelo docente, justifica sua associação defendendo seu personagem. O professor, então, solicita aos alunos que digam o que entenderam da história lida. Esta fase é importante para que o aluno se perceba como coautor e tenha contato, também, com outras leituras, a dos colegas de sala, que não havia percebido. (DCE, 2005, p. 75)

Em seguida, o documento norteia a prática que o professor deve adotar para trabalhar com as estruturas de apelo.

Um exemplo desse trabalho é a utilização, na sala de aula, de livros infanto-juvenis, cuja temática é o mágico. O professor apresenta textos em que o mágico não é apenas um mero recurso narrativo, mas um elemento importante na composição estética da obra, um fantástico que amplia a compreensão das relações humanas, como o elemento fantástico presente em Murilo Rubião, Gabriel Garcia Márquez, José Saramago, J. J. Veiga, entre outros. (DCE, 2005, p. 75)

Se o trabalho for com os textos poéticos,

o professor deve estimular, nos alunos, a sensibilidade estética, fazendo uso, para isso, de um instrumento imprescindível e, sem dúvida, eficaz: a leitura expressiva. O modo como o docente proceder à leitura do texto poético poderá tanto despertar o gosto pelo poema como a falta de interesse pelo mesmo. Assim, antes de apresentá-lo para os educandos, o professor deve estudar, apreciar, interpretar, enfim, fruir o poema. (DCE, 2005, p. 76)

Assim,

Após este primeiro momento, de forma adequada à série ou ao nível do aluno e conforme a intencionalidade, o professor oportunizará ao aluno a experiência, na leitura, escrita e oralidade, com novos gêneros e novas formas de expressão, como desenho, dramatização, novos poemas, aprimorando a compreensão, interpretação e análise. Há poemas em que desconsiderar a leitura do ritmo significa comprometer a interpretação e a compreensão, assim como há poemas em que este recurso não é tão relevante. Há poemas em que a escolha lexical é o que faz a diferença, outros, ainda, em que a pontuação é carregada de significação. Há poemas em que informações como as condições de produção, o contexto histórico-cultural fariam falta para a sua compreensão, outros nem tanto, o poema responde por si só. Cabe ao professor, portanto, observar quais recursos de construção do poema devem ser considerados para a leitura e, como mediador do processo, contribuir para que os discentes sejam capazes de identificá-los e, sobretudo, permitir a eles que efetivem, de fato a experiência de ler o texto poético em toda a sua gama de possibilidades (DCE, 2005, p. 75)

Pensadas para que o trato com a literatura aconteça a contento, as aulas estarão sujeitas a ajustes para atender as necessidades e contribuições dos discentes, uma vez que, nessas relações, percebe-se que o texto literário dialoga com outras áreas.

Para Garcia (2006), a Literatura resulta o que precisa ser redefinido na escola: a Literatura no ensino pode ser somente um corpo expansivo, não-orgânico, aberto aos acontecimentos a que os processos de leitura não cessam de forçá-la. Se não for assim, o que há é o fechamento do campo da leitura pela via do enquadramento do texto lido a meros esquemas classificatórios, de natureza estrutural (gramática dos gêneros) ou temporal (estilos de época). (DCE, 2005, p. 77)

O documento finaliza a seção elucidando que “[o] trabalho com a Literatura potencializa uma prática diferenciada com o Conteúdo Estruturante da Língua Portuguesa (o Discurso como prática social) e constitui forte influxo capaz de fazer aprimorar o pensamento trazendo sabor ao saber”. (DCE, 2005, p. 77)

### **1.3 Legislação Municipal de Apucarana**

Um dos documentos que norteiam a Educação da Cidade de Apucarana é o Plano Municipal de Educação, que tem como objetivos:

1.1 A elevação global do nível de escolaridade da população de Apucarana, dentro do contexto do Paraná e do Brasil. 1.2 A melhoria da qualidade de ensino nos níveis: Educação Infantil e Ensino Fundamental e nas modalidades: Educação de Jovens e Adultos e Educação Especial. 1.3 Reduções das desigualdades sociais no tocante ao acesso e a permanência com sucesso, na educação pública. 1.4 A eliminação de qualquer forma de preconceito racial. 1.5 A democratização da gestão do ensino público nos estabelecimentos oficiais, obedecendo aos princípios e diretrizes referendados para a rede municipal de ensino. 1.6 A valorização dos profissionais da educação. (PME, 2015, p. 16)

No que se refere aos espaços que efetivam a literatura, bem como o que diz respeito à Formação do Leitor Literário, elencam-se as seguintes ações. Para a meta 1:

Universalizar, até 2016, a educação infantil na pré-escola para as crianças de 4 (quatro) a 5 (cinco) anos de idade e ampliar a oferta de educação infantil em Centros Municipais de Educação Infantil, de forma a atender, no mínimo, 50% (cinquenta por cento) até o ano de 2016 e 100% (cem por cento) de atendimento para as crianças de até 3 anos ao final da vigência deste plano” (PME, 2015, p. 34)

O artigo 7 registra a necessidade de “[g]arantir que todos os Centros Municipais de Educação Infantil e Escolas Municipais tenham bibliotecas e brinquedotecas”. O artigo 9, que faz parte dos objetivos para atingir a meta 2, indica o seguinte:

Ensino Fundamental – Oferecer o Ensino Fundamental de 9 (nove) anos a todas as crianças a partir de 6 (seis) anos de idade e garantir que, pelo menos, 95% (noventa e cinco por cento) conclua essa etapa de ensino até os 14 (quatorze) anos de idade. Garantir a conclusão da etapa do Ensino Fundamental anos finais na idade recomendada nas escolas de campo municipais e estaduais que ofertam esse ensino. (Redação dada pela Lei nº 071/2018 de 16/08/2018)” [...]

Garantir a oferta e manutenção de energia elétrica, telefone, água tratada, saneamento básico de forma imediata, bibliotecas, espaço para práticas de esportes, bens culturais e à arte, equipamentos e laboratórios de ciências, rede mundial de computadores em banda larga, transporte escolar, com o apoio do governo estadual e federal, desde o primeiro ano de vigência deste PME para todas as escolas municipais, visando atender o aluno, professores e a comunidade escolar. (PME, 2015, p. 47-48)

Sobre as estratégias do município para atender a meta 2 do PNE – Anos Finais, em seu capítulo 5, temos:

Garantir a oferta de água tratada e saneamento básico, energia elétrica, bibliotecas, espaços para a prática de esportes, bens culturais e à arte, equipamentos e laboratórios de ciências, rede mundial de computadores em banda larga de alta velocidade, visando atender o aluno, professores e a comunidade escolar, num trabalho integrado Estado/Município. (PME, 2015, p. 49)

Verificando as metas estabelecidas pelo município para atender a educação especial, a de número 4 registra o seguinte:

Universalizar o atendimento educacional especializado para todas as crianças de 1 (um) a 17 (dezessete) anos de idade, com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação, com acesso à educação básica, preferencialmente na rede regular de ensino com a garantia de sistema educacional inclusivo, salas de recursos multifuncionais, classes, escolas ou serviços especializados. (Redação dada pela Lei nº 071/2018 de 16/08/2018)” (PME, 2015, p. 70).

Com o intuito de atingir a meta 4, tem-se:

22 - Estimular e viabilizar a realização de pesquisas, montagem de laboratórios, bibliotecas adaptadas e de publicações na área de educação especial, para os alunos deficientes e professores. (PME, 2015, p. 72)

Sobre a meta estabelecida pelo município para garantir o financiamento da educação, com o intuito de atingir a meta 20 – “Garantir a aplicação de no mínimo 25% (vinte e cinco por cento) dos impostos municipais na educação, elevando este percentual quando especialmente previsto e buscar outras fontes de recursos federais e estaduais para a aplicação na educação municipal” (PME, 2015, p.126) –, tem-se:

11 - Dotar as escolas de equipamentos didático-pedagógicos, tais como bibliotecas, laboratórios, espaços para atividades culturais e desportivas, salas de vídeo e de informática, que tornem viáveis a implantação de uma proposta pedagógica coerente com as necessidades do ensino. (PME, 2015, p. 127)

Como complementação ao trabalho docente, a cidade de Apucarana possui uma diretriz com projetos desenvolvidos na rede municipal de Educação. Tal documento está dividido em Objetivos do Desenvolvimento Sustentável, Leis dos Temas Contemporâneos e Projetos Pedagógicos 2019 (PP, 2019, p. 8).

O documento apresenta os projetos estão atrelados à BNCC, com abrangência nas quatro áreas afins:

- O Prazer da Leitura Mais Perto de Você: Língua Portuguesa; Língua Inglesa; Educação Física; Arte;
- Sementes do Futuro: Ciências
- Pequeno Cidadão: História; Geografia; Ensino Religioso; Filosofia; Sociologia;
- Raciocínio em Ação: Matemática;
- Demais projetos organizados em cada Unidade Escolar nas práticas pedagógicas, conforme suas especificidades, envolvendo os alunos da Educação Infantil, Ensino Fundamental – Anos Iniciais e EJA. (PP, 2019, p. 8)

Depois, elenca os objetivos e ações de cada um deles. O projeto “O prazer da leitura mais perto de você” é voltado para a Educação de Jovens e

planeja ações de forma a resgatar e respeitar o potencial dos participantes, como cidadãos capazes de desenvolver ações positivas, na construção de uma alfabetização emancipatória e de superação, por meio de situações vividas compactadas ao conhecimento científico. A alfabetização não se restringe na codificação e decodificação, partem de temas que fazem parte da vida, suas experiências são valorizadas, dessa forma a alfabetização não foge da realidade e sim relaciona com dia-a-dia nos seus diversos aspectos, econômico, social e político. Neste contexto, propicia uma aprendizagem significativa, interligando as áreas do conhecimento. (PP, 2019, p. 8)

Acrescenta-se ainda que:

Para Paulo Freire “a leitura do mundo precede a leitura da palavra, e a palavra está contida na leitura do mundo”. Por meio do projeto “A Construção de Ações Cidadãs no Universo Escolar da EJA”, os alunos da EJA apucaraneses aprendem não apenas a ler e a escrever, mas também participam de atividades lúdicas inerentes a sua aprendizagem. Outro aspecto importante deste projeto são as parcerias firmadas entre a Autarquia Municipal de Educação, a Secretaria Municipal de Assistência Social e a Secretaria da Mulher e Assuntos da Família. (PP, 2019, p. 8)

O projeto apresenta como ações:

Leitura, pesquisa e fundamentação teórica; Trabalho literário, utilizando os livros de literatura da biblioteca itinerante; Atividades práticas na sala de aula como: reciclar o lixo, formar hortas, cultivar plantas medicinais, preparar compotas de doces, confeccionar peças de artesanato, trabalhar com a compostagem, entre outras atividades; Organizar a mostra cultural, para a comunidade dos trabalhos executados na sala de aula; Organizar visitas in loco, para estudos e pesquisa; Participar de concursos da produção dos alunos. (PP, 2019, p. 9)

Por sua vez, o projeto “Vamos ler Apucarana – Trabalhando com o Jornal”, tem como objetivo:

incentivar a leitura crítica, estimulando o desenvolvimento de cidadãos mais conscientes e com voz ativa na comunidade em que vivem. Em 2018, a Autarquia Municipal de Educação de Apucarana, em parceria com o Jornal Tribuna do Norte desenvolveu o projeto com os alunos do 5º ano, os quais recebem o jornal semanalmente para leitura. O projeto também contou com o patrocínio da Itaipu Binacional. No mês de novembro, após os alunos produzirem um texto com o tema “a importância do uso de fontes e energia renováveis”; cada escola selecionou seu melhor texto para concorrer no Concurso de Redação. Dentre as 36 escolas, três alunos foram selecionados e premiados com uma viagem para conhecer a Hidrelétrica de Itaipu. (PP, 2019, p. 9)

Observam-se as seguintes ações: “Leitura e fundamentação teórica; leituras de reportagens propiciadas aos professores e alunos de temas relevantes; organizar atividades lúdicas e textos significativos para as leituras” (PP, 2019, p. 9)

Em seguida, é apresentado o “Olimpíada de Língua Portuguesa – Escrevendo o Futuro”, um concurso de produção de textos para alunos e professores de escolas públicas brasileiras do 5º ano do Ensino Fundamental I – Anos Iniciais, ao 3º ano do Ensino Médio (PP, 2019, p. 10).

Descreve como ações:

Leitura de textos literários; Ampliação de vocabulário, trabalhando com dicionário; Análise do texto e do contexto das leituras propostas; Interpretação das obras trabalhadas; Produção de texto de vários temas, exercitando e corrigindo as fragilidades; Leitura dos textos produzidos em sala de aula, para análise; Auto-análise do texto produzido, para verificar início, meio e fim; Participar do concurso nacional, por meio da produção de texto, conforme o tema indicado. (PP, 2019, p. 10)

O “Hora do conto” (PP, 2019, p. 10) é um projeto em parceria da Autarquia Municipal de Educação com a Secretaria Municipal de Promoção Artística, Cultural e Turística e com os alunos do curso de magistério do Colégio Estadual Nilo Cairo. Por meio desse projeto, os alunos fazem visitas à biblioteca pública, assistem a teatros na concha acústica da Praça Semíramis Braga e participam de oficinas de literatura (PP, 2019, p. 10). Descreve ações como: “Leitura literária; Visitas externas em contato com trabalhos literários; Aulas de literatura e contação de histórias criativas e atrativas; Relatório da atividade” (PP, 2019, p. 11)

O projeto “Semana Literária – Teatro, musical e mostra cultural”:

Acontece no mês de setembro com todas as Escolas e CMEI’s no município de Apucarana, envolvendo todos os alunos da rede pública de educação. Este projeto tem o objetivo de apresentar as atividades desenvolvidas durante os bimestres: teatro, música, dança, maquetes, mostra de painéis, contação de histórias, exposição de trabalhos e outros. Os alunos são os protagonistas do evento. As famílias, a comunidade escolar e o bairro, onde a unidade escolar está inserida participam, visitam e assistem as apresentações. É um momento de cultura, arte e literatura. (PP, 2019, p. 11)

Descreve como ações:

Leitura e escolha da obra literária a ser apresentada; Estudo do vocabulário, interpretação e análise do texto e do contexto das obras; Organizar a semana literária; Ensaiar o teatro, confeccionar materiais para a mostra cultural e apresentar o evento; Participar da mostra, teatro e música organizada pela escola; Saber receber com graça, educação e conhecimento da exposição e mostra de trabalhos aos visitantes no evento. (PP, 2019, p. 11)

O “Sarau de Poesias” é um projeto que “acontece da Educação Infantil ao 5º Ano, com a participação de todos os alunos, nesta faixa etária que estudam nas escolas municipais do Ensino Fundamental I – Anos Iniciais” (PP, 2019, p. 12).

Esse projeto tem o objetivo de incentivar o hábito da leitura entre os alunos, o gosto pela literatura e conceitos inerentes ao prazer de recitar poesias. O hábito de ler dinamiza o raciocínio, a memorização, aprimora o vocabulário e facilita a interpretação de textos. Para acontecer o sarau de poesias os professores trabalham as características da linguagem poética, desenvolve trabalhos de leitura, de análise das poesias, do texto e contexto das mesmas e junto com o aluno a escolha da poesia que irá recitar. Em seguida, as escolas fazem recitais internos. (...)

Todos os alunos participam recitando sua poesia na sala de aula, após são escolhidos pelos alunos da turma, um colega para representar a sala de aula no sarau da escola. Neste dia, recitam para a comunidade escolar e as famílias. A melhor apresentação de cada instituição é repetida no Sarau de Poesias da rede municipal, no Cine Teatro Fênix. Os alunos veem apresentar versos de autores consagrados como Vinícius de Moraes, Mário Quintana, Ruth Rocha, Cecília Meireles e outros. As escolas que têm EJA, também seguem o mesmo critério, podendo escolher alunos de uma única escola ou um grupo com representantes de cada escola, para apresentação. (PP, 2019, p.12)

Elencam-se as seguintes ações:

Leitura, análise e interpretação de texto; Desenvolver raciocínio, atenção e desenvoltura, por meio da memorização e recitação da poesia; Desenvolver vocabulário e a linguagem culta na escrita; Dramatizar por meio de teatro e dança o texto e o contexto da poesia; Participar do concurso interno da escola, recitando as poesias; Inscrever e participar do Sarau de Poesia do Município. (PP, 2019, p. 12)

Dando ênfase, o projeto “Biblioteca Itinerante – a literatura em sala de aula”, tem como objetivo:

proporcionar, por meio da leitura, a oportunidade de enriquecimento linguístico e sociocultural, para garantir a formação de leitores autônomos, competentes e capazes de exercer o senso crítico, melhorando assim, a qualidade no processo de ensino e aprendizagem. Contempla uma biblioteca itinerante, aproximadamente 200 livros constantemente atualizados e renovados, em cada sala de aula nas escolas do Ensino Fundamental I – Anos Iniciais e uma biblioteca itinerante em cada CMEI’s, livros ao alcance das crianças. Este projeto em 2018 ficou entre os melhores projetos premiados a nível nacional, em prêmio da literatura brasileira, o “Prêmio Jabuti”, que dispõe de uma categoria que premia a melhor iniciativa, em âmbito nacional, de estímulo a leitura: “Formação de Novos Leitores”. É nela que o projeto da Autarquia Municipal

de Educação de Apucarana, “O Prazer da Leitura Mais Perto de Você”, classificou-se entre os dez finalistas. A iniciativa de Apucarana, selecionada no “Jabuti”, foi concebida para que as crianças tenham acesso a materiais de leitura desde quando entram nos CMEI’s até o quinto ano. Trata-se das “Bibliotecas Itinerantes”, que possibilitam que os pequenos tenham acesso a diferentes gêneros textuais. (PP, 2019, p. 12)

Dessa maneira, o projeto se solidifica com as seguintes ações:

Leitura de livros da literatura infantil, dentro da sala de aula; Contato direto com diversos tipos de livros e gêneros textuais; Trabalho de literatura organizado pelo professor, nas diferentes formas e necessidades do aluno e ou da sala de aula; Ampliando vocabulário e facilitando a escrita; Atividades práticas na literatura: teatro, poesia, redação, jornal, desenhos, história, narrativa, interpretação e infinitudes de ações; (PP, 2019, p. 12)

Encerrando os projetos na área de Formação do leitor, o “Sacolinha Itinerante” “propicia às famílias participarem da vida escolar de seus filhos, por meio da literatura (PP, 2019, p. 12).

Este projeto faz parte da “biblioteca Itinerante”, onde os livros são escolhidos pelos alunos e professores, para serem lidos junto com os familiares. A sacolinha específica de traslado dos livros e a ficha a ser preenchidas juntos, família e aluno, sobre o tema lido e a contextualização. A participação das famílias na leitura, na argumentação e na reflexão dos exemplares levados para casa, aguça o prazer de ler e sociabiliza o texto e o contexto, garante o diálogo nas famílias com temas relevantes e contemporâneos na formação de nossas crianças. (PP, 2019, p.13)

Tem como objetivo realizar as seguintes ações:

Leitura dos livros de literatura, com as famílias; Argumentação, síntese e contextualização do livro lido em família, com a vida e a educação familiar; Ficha de leitura e o parecer sobre a obra; Argumentação em sala de aula sobre os resultados da leitura familiar. (PP, 2019, p. 13)

Após apresentadas as políticas públicas que embasam a Formação do Leitor Literário, observa-se o quão importante se torna um trabalho bem realizado para formar futuros leitores em potencial.

## 2 FORMAÇÃO DO LEITOR LITERÁRIO

*Muitos homens iniciaram uma nova era na sua vida a partir da leitura de um livro.*

Henry David Thoreau

Cada vez mais nos deparamos com autores que afirmam que a leitura é uma atividade, de fundamental importância, uma vez que ela proporciona ao indivíduo a condição de ser um sujeito dotado de criticidade nas mais diversas esferas sociais. Destarte, quando pensamos no ser social que não tem possibilidade de contato com o livro, seja ele no formato impresso ou no digital, fora dos muros escolares, cabe então à instituição escolar a responsabilidade e o compromisso de possibilitar o acesso à leitura.

Ao abordar a leitura na escola, temos como pressuposto o que afirma Délia Lerner (2002, p. 18)

O necessário é fazer da escola um ambiente onde, ler e escrever, sejam instrumentos poderosos que permitam repensar o mundo e reorganizar o próprio pensamento, onde interpretar e produzir textos sejam direitos que são legítimos exercer e responsabilidade que é necessário assumir.

De acordo com Cosson (2006), a literatura serve como um grande agenciador do amadurecimento sensível do aluno, pois, através da leitura de textos ficcionais, os educandos podem penetrar nos problemas reais da vida, partindo para um exercício de reflexão sobre os problemas que existem na sociedade, haja vista que a literatura é plena de saberes sobre o homem e o mundo. Quando essa experiência com o texto literário se efetiva, permitindo saber da vida por meio da experiência do outro, o leitor em potencial torna-se um sujeito mais crítico, humanizado e consciente do seu papel enquanto sujeito histórico.

O texto literário é considerado por excelência como polissêmico, dado que se revela ao leitor como um campo de liberdade, permitindo mais de uma interpretação, pois cada leitor reage e interpreta-o de uma forma. Para Borges *apud* OCEM (2006, p. 65):

Fechado, um livro é literal e geometricamente um volume, uma coisa entre outras. Quando um livro é aberto e se encontra com seu leitor, então ocorre o fato estético. Deve-se acrescentar que um mesmo livro muda em relação a um mesmo leitor, já que mudamos tanto.

Desse modo, por mais que um texto literário seja polissêmico, não pode ser imposto a ele qualquer leitura e o professor deve agir como um mediador desse ato de ler, apresentando-lhes os diversos caminhos para a interpretação. Como afirma ECO (2006), deve existir um

exercício de fidelidade e respeito na liberdade de interpretação, não podendo aceitar toda e qualquer leitura.

Nota-se, de acordo com CANDIDO (1995), que embora a literatura seja importante no desenvolvimento formativo do homem, muitas escolas acabam usando o texto literário como subterfúgio. Contemplam aspectos gramaticais, históricos, bem como o estudo das formas literárias, abandonando a sua função primária: de criar e dar condições para que o leitor se efetive enquanto um leitor literário proficiente.

[...] se os leitores proficientes são capazes de descrever suas próprias estratégias, então há pelo menos a possibilidade de se ensinar essas estratégias aos leitores que não as possuem embora a atividade de natureza metacognitivas seja individual é possível propor práticas, a partir da experiência com diversos tipos de texto, que desenvolvam e aprimorem estas estratégias familiarizando o aluno com as mesmas. (LEFFA, 1996, p. 53)

Para pensarmos no leitor literário, diante disso, é preciso compreendermos quem é esse leitor, quais os caminhos necessários para a efetivação desse indivíduo, e levantarmos os mediadores da leitura que vão influenciar nesse processo de formação.

## 2.1 Formação do leitor

*O importante é motivar a criança para a leitura, para a aventura de ler.*  
Ziraldo

Vimos que a leitura tem uma importância salutar na vida do leitor, uma vez que é por meio dela que o indivíduo sofre consequências sociais, culturais, políticas, econômicas, cognitivas e linguísticas. Se pensarmos nos tempos atuais, de acordo com Garcez (2019), cada vez mais a sociedade tem cobrado que as pessoas sejam capazes de gerir informações, selecioná-las, organizá-las, interpretá-las e colocá-las em práticas para a resolução de problemas.

Diante do exposto, formar leitores em uma sociedade marcada por uma constante mudança, em que as informações se atualizam o tempo todo e numa agilidade incontrolada, constitui um desafio. Temos que despertar nos alunos o prazer pela leitura, com o intuito de que se tornem leitores ativos, detentores do conhecimento que lhes dará condições de compreender e tomar decisões profícuas em determinadas situações. Contudo, a formação de leitores é um processo contínuo: deve começar em casa, se aperfeiçoar na escola e continuar por toda a vida do leitor.

Nunca é demais lembrar que a prática de leitura é um princípio de cidadania, ou seja, leitor cidadão, pelas diferentes práticas de leitura, pode ficar sabendo quais são as suas obrigações e também pode defender os seus critérios, além de ficar sabendo quais são as suas obrigações e também pode defender os seus direitos, além de ficar aberto às conquistas de outros direitos necessários para uma sociedade justa, democrática e feliz. (SILVA, 2003, p. 24)

Recorrendo a Colomer (2007), a formação do leitor é essencial para a melhor inserção do sujeito no mundo, uma vez que a tarefa de formar leitor é parte de um processo mais amplo pelo qual a pessoa passa em sua formação. Esse processo deve apoiar-se na visão de que o leitor, visto como indivíduo, tem possibilidades de construir e desenvolver qualidades como a sociabilidade necessária para se inserir no mundo, lugar este marcado pelas diversidades sociais e culturais, que deve ser formado com vistas à sua autonomia.

Tais situações precisam dar condições para que esse leitor em formação seja capaz de se posicionar frente a ideologias culturais, julgar discursos, analisar e refutar ideias que o façam entender seu lugar no mundo, tornando-se um agente crítico, transformador e positivo frente à sociedade em que está inserido.

Esbarramos, então, nas primícias de que o leitor precisa ser competente. Revisitando os PCN's (1998), esse leitor deve ser capaz de selecionar, dentre os trechos que circulam socialmente, aqueles que podem atender a uma necessidade sua. Para formar esse leitor, almeja-se que esse indivíduo consiga ler nas entrelinhas do que o texto oferece, ir além, deixar aquilo que está escrito para alcançar interpretações que estão em outras dimensões, conseguindo julgar e validar suas proposições. Zilberman (2003) acrescenta que é a partir dessa formação do leitor que se pode mediar o ser humano com o seu tempo presente, visto que a leitura é uma apropriação da realidade. Assim, o leitor competente é aquele capaz de atingir sua emancipação social, autônoma, de criar condições de articulação e sobrevivência neste mundo que o insere.

Pensando na organização escolar, Cosson (2011) sustenta a formação do leitor desenvolvendo nela o gosto pelo imaginário, bem como sua habilidade de interpretação múltipla e significativa, a sensibilidade, entre outros. Os PCN's (1998) sugerem que para a escola formar bons leitores é necessário que ela ofereça aos alunos os textos do mundo. Não se formam bons leitores solicitando aos alunos que leiam apenas durante as atividades em sala de aula, apenas no livro didático, apenas porque o professor pede. Eis a primeira e talvez a mais importante estratégia didática para a prática de leitura: o trabalho com a diversidade textual. Sem ela, pode-se até ensinar a ler, mas certamente não se formarão leitores competentes.

Formar leitores do texto literário é uma tarefa árdua, que vai além de incentivar a leitura. Essa formação, de acordo com Zilberman (2003), está nas bases da escola, uma vez que ela é

vista com um caráter formativo, com vistas à formação do indivíduo e sua aproximação com a realidade. Mais que formar leitores, é primordial que o leitor estabeleça relações, construa sentidos. Segundo o PCN (1998), essa tarefa se efetiva na prática constante de leitura, sendo o significado do texto construído pelo esforço interpretativo do leitor associado a seu conhecimento de mundo.

Mais à frente, veremos que, de acordo com os instrumentos oficiais, para efetivar um leitor crítico e consciente de seu papel na sociedade, é salutar que ele tenha condições favoráveis para essa prática de leitura. Contudo, na ânsia de evidenciar a importância da leitura e a formação do leitor por um viés de construção de um sujeito crítico e participativo, destacamos a importância de levantar e conhecer quais são os mediadores da leitura literária, fundamentais para que esse processo se solidifique. Atrelada a essa mediação, é indispensável compreender como a sociologia da leitura está associada à essa prática social e como influencia a vida das pessoas.

## **2.2 Sociologia da leitura**

Para que possamos compreender melhor a Teoria da Sociologia da Leitura, é necessário um resgate histórico. De acordo com Chartier (1993), os estudos que abarcam a sociologia da leitura tiveram início no século XX. No entanto, Poulain (2004) e Sales (2009) salientam que as primeiras pesquisas que refletiram a crise econômica, social e política de 1920 e 1930 deu-se entre as duas grandes guerras. Chartier (1993) esboça que, por volta de 1930, especificamente nos Estados Unidos, o cenário sociológico impulsionou profissionais da Área da Educação, bibliotecários, pedagogos, sociólogos e psicólogos, a pesquisa sobre a difusão da leitura e o efeito sobre o leitor.

Logo, na França, a sociologia da leitura permeou a melhora da conjuntura de acesso ao uso da obra, uma vez que buscava compreender quem, o quê, por que e como se lia determinado contexto. Recorrendo a Sales (2007, p. 47): “Poulain, Waples e Berelson forneceram alguns conceitos que ainda hoje são base da Sociologia da Leitura, [...] pois objetivaram compreender de que maneira a leitura afeta os leitores e os modifica”.

Assim, a Sociologia da Leitura é uma teoria que foca o leitor do texto literário ao invés de obra ou o autor:

[...] a sociologia da leitura é o segmento da sociologia da literatura que tem como objetivo estudar o público como elemento atuante no processo literário, considerando que suas mudanças em relação às obras alteram o curso da produção das mesmas.

Nesse sentido, pesquisam-se as preferências do público, levando em conta os diversos segmentos sociais que interferem na formação do gosto e servem de mediadores de leitura, bem como as condições específicas dos consumidores segundo seu lugar social, cultural, etário, sexual, profissional, etc. (AGUIAR, 1996, p. 23)

Quando pensamos na participação do leitor, Zilberman (2003, p. 77) reforça que, ao inserirmos o leitor como fator determinante do sistema literário sustentamos, “a sociologia da leitura, enquanto campo de investigação, não prescinde da pesquisa histórica, retomando dados e acontecimentos do passado”. O autor complementa que a teoria “lida prioritariamente com as publicações consumidas sobretudo pela classe trabalhadora. A metodologia empregada e os resultados alcançados apontam, na maioria dos casos, para o material que ficou de fora da história da literatura”. (ZILBERMAN, 2003, p. 78)

Ao redirecionarmos nossos olhares à Inglaterra, os estudos tiveram seus vieses voltados à formação do público leitor, a predileção de leitura das classes populares e a literatura de massa. Com essas proposições, o nome de Robert Escarpit se destacou, uma vez que o estudioso vê a obra como “testemunho político e ideológico”, bem como a de G. Lukács e Lucien Goldmann, que “compreendem a ficção como modo de representar as estruturas sociais” (ZILBERMAN, 1989, p. 18).

Escarpit, em seu livro *Sociologia da Literatura*, apresenta um panorama sobre a produção, distribuição e consumo, descrevendo o consumo de textos e seu campo de ação, tendo como objeto de estudo o fator literário no contexto social em que o indivíduo está inserido e em interação.

Estuda, por isso, as questões de produção, identificando os elementos que interferem na atividade do escritor como homem de seu tempo com responsabilidade social definida. A seguir, analisa a distribuição das obras, oferecendo dados e comentando as ingerências para a publicação e distribuição de livros de modo a determinar o papel de cada instância social envolvida. Por último, reflete sobre o consumo, descrevendo os diversos tipos de público, as razões dos êxitos e dos fracassos das obras e o processo de formação do leitor sob a ótica da sociologia (AGUIAR, 1996, p. 24).

Fica evidente que os objetivos do autor são os estudos voltados para o consumo do livro, atrelado a questões de distribuição e circulação do texto literário, com ênfase na posição social do escritor. Acrescentamos ainda que os fatores políticos da divulgação de um livro, o período de permanência de uma produção artística ou o tempo de influência de um artista, são objetos de estudos de Escarpit.

Em suas análises prevalece a ótica empírica, sendo o patrimônio literário considerado vivo enquanto efetivamente absorvido por seus virtuais destinatários. Escarpit não interpreta textos, nem emite juízos de valor; [...] seu enfoque sociológico não procura encontrar contrapartida estética, o que restringe sua contribuição à teoria da literatura.

Todavia, a sociologia da leitura não tem sua importância diminuída por essa causa; suas pesquisas permitem compreender o fato literário no cotidiano de sua existência, caracterizado por sua circulação e consumo. (ZILBERMAN, 1989, p. 18)

Compreendemos que a Sociologia da Leitura se preocupa com os fatores que conduzem o leitor à leitura de determinada obra, levando em consideração aspectos como as influências externas, o nível socioeconômico, a família, a escola, os amigos, entre outros. Acrescentamos que são variadas as formas pelas quais o texto chega às mãos de uma comunidade ou um leitor.

Um bom leitor é alguém que evita um certo número de livros, um bom bibliotecário é um jardineiro que poda sua biblioteca, um bom arquivista seleciona aquilo que se deve refugar ao invés de armazenar. Eis aí temas inéditos de nossa época. (CHARTIER, 2001, p. 127).

Diante do exposto, vimos que o foco principal da Teoria é a figura do leitor, pela qual a Sociologia investiga os fatores que o levam como centro dos estudos. Entretanto, Chartier (2001), através do excerto acima, nos propõe observar outras temáticas associada à figura do leitor, como a questão dos mediadores.

Assim, o que é e em que consiste a mediação do leitor literário? O que é necessário para efetivarmos e formarmos esse leitor em potencial? Quem são esses agentes de leitura e em quais políticas públicas esbarramos para formar o leitor do texto literário nos ambientes escolares, especificamente nas instituições escolares da Rede Municipal de Educação da Cidade de Apucarana?

### ***2.2.1 Mediadores de leitura***

*O artista cria a forma da obra, o mediador sua lenda*<sup>4</sup>.  
Hauser (1977)

Vimos que autores como Chartier (1990, 2004, 2009), Darnton (1992, 2009), Cavallo e Chartier (1999), Manguel (1999), entre tantos outros estudiosos, desde as práticas culturais à história da leitura, viam a leitura como uma relação pensada pela apropriação das obras pelos leitores. Desse modo, recorrendo aos pressupostos de Petit (2008), esse encontro com a leitura, tendo como foco o leitor, só é possível se realizado por meio de um mediador ou “iniciador aos livros”, para ilustrar as primeiras pessoas a “incentivar” o outro a ler. Contudo, o que significa a palavra mediador? Quem se caracteriza como mediador da leitura?

---

<sup>4</sup> El artista crea la forma de la obra, el mediador su leyenda.

De acordo com Cunha (2007, p. 509), a palavra mediador deriva do latim *mediator*. O termo “mediador” origina-se de *mediari* que significa intervir, colocar-se em duas partes, e de *medius*, que “está no meio ou entre dois pontos”. Hauser (1977) diz que o mediador é “qualquer pessoa ou instituição que se interponha entre a obra de arte e a vivência artística do receptor, efetua uma função útil ou inútil de mediação” (HAUSER, 1977, p. 591, tradução nossa<sup>5</sup>).

Em relação à leitura, Galeano (2002) nos diz que o mediador é aquele que medeia, intervém, aproxima o leitor do texto literário, ou seja, é o promotor da relação leitor-objeto-leitura. Pode ser visto também como o indivíduo que causa no outro o desejo pela colheita produtiva dos sentidos do texto, descortinando o horizonte do leitor e o ajudando a “olhar” a “imensidão do mar” de sensações e significados. Quando falamos em mediadores, temos em mente que estão ou estiveram presentes no cotidiano do aluno em todos os anos de sua vida escolar, seja por meio de agentes familiares ou pelas instituições mediadoras, que foram capazes de fazer esse elo de forma que o diálogo se aproximasse entre o texto e o leitor.

Contrapondo os documentos oficiais sobre a importância desses mediadores, a Base Nacional Comum Curricular esboça que “as experiências com a literatura infantil, propostas pelo educador, mediador entre os textos e as crianças, contribuem para o desenvolvimento do gosto pela leitura, do estímulo à imaginação e da ampliação do conhecimento de mundo” (BRASIL, 2018, p. 44). Recorrendo ao Plano Estadual de Educação (2015), vimos que uma das metas é a promoção de ações em consonância com as diretrizes do Plano Nacional do Livro e Leitura (PNLL) e Plano Estadual do Livro, Leitura e Literatura (PELLL), visando a formação de leitores e a formação continuada de profissionais da educação para atuarem como mediadores da leitura, de acordo com a especificidade das diferentes etapas do desenvolvimento e da aprendizagem (PEE, 2015, p. 75-76).

Ainda sobre a importância de mediadores de leitura, a professora Lacerda (2010), comungando com Chartier, aponta:

A mediadora ou mediador de leitura está ali, ao lado das figuras mencionadas por Chartier, na rede de profissionais que constroem o leitor. Sua presença é inevitável, no entanto, em um país que só recentemente insere nas políticas públicas mencionadas o investimento na biblioteca pública. [...] Todas as pessoas precisam, no presente, ser leitoras críticas, capazes de se movimentar com habilidade e competência em uma sociedade que tem na escrita um valor determinante. E tal como o mestre-capoeira ensina ao menino os movimentos da luta, tal como a rendeira ensina à neta a colocação da almofada e o jogo dos bilros, como o barqueiro do São Francisco fala ao aprendiz das histórias e das almas do rio, dos sorvedouros e dos bons lugares de ancorar, quem faz o elo entre leitor e livro fala do que é o livro. Fala do que é o livro, ensina o leitor

---

<sup>5</sup> Toda persona o institución que se interponga entre la obra de arte y la vivencia artística del receptor efectúa una función útil o inútil de mediación.

a se mover por suas páginas, diz das experiências por ele propiciadas, ajuda a compreender o texto, como fez um homem rude e enigmático em suas clarezas: “Explicou-me que se tratava de uma história, um romance, exigiu atenção e resumiu a parte já lida (RAMOS, 1986, p. 201)”. (LACERDA, 2010, p. 11)

O mediador, então, precisa conduzir seus ouvintes ao desenvolvimento e ao amadurecimento de leitura. Quando essa leitura acontecer de forma solitária, exigirá do leitor uma prática leitora, bem como uma disciplina que é preciso ser aprendida. Dessa forma, cabe ao mediador auxiliar o leitor / ouvinte a dar esses primeiros passos, pois, de acordo com Hauser (1977), por mais espontâneo e irresistível que o artista se comunique, é necessário que haja intérpretes e intermediários para que o entendam de modo concreto e o considerem de uma maneira apropriada.<sup>6</sup> “Na maioria das vezes necessita de toda uma serie de mediadores e instrumentos de mediação para compreender o que o artista pretendia com sua obra e os meios que empregou para formular sua visão e organizar seu material” (HAUSER, 1977, p. 590, tradução nossa<sup>7</sup>).

Hauser (1977) diz ainda que existem muitas instâncias mediadoras graças às quais suas obras se tornam pela primeira vez acessíveis e que a importância dessas instituições mediadoras aumenta a qualidade de leitura das obras e o nível descendente de instrução dos receptores. Ao falarmos de mediação de leitura, temos que ter em mente que essa ação não pode ser apenas a de oferecer livros às crianças, mas um ato de aproximar a criação ao mundo da leitura, fomentar o hábito, o gosto pelo ato de ler.

A esse respeito, Santos, Marques Neto e Rosing (2009, p. 13) salientam:

Apenas circular em meio a materiais diversificados de leitura não desenvolve o gosto pelo ato de ler. É imprescindível conviver com uma ou mais pessoas que se envolvam eventual ou permanentemente com esses materiais, significando-os. No ambiente familiar, no espaço da escola, quem já assumiu comportamento perene de leitura deixa transparecer estar absorto, sensibilizado pelo conteúdo de suas leituras, pela originalidade da linguagem que os veicula e pelos recursos empregados na publicação.

Para que o mediador consiga exercer esse papel de extrema importância na formação do leitor em potencial, Garcia (2007) elenca algumas características que são primordiais para esse agente, pelas quais se espera que esse mediador:

Seja, antes de qualquer coisa, um leitor; tenha o mínimo de curiosidade – que provoque a busca por novidades; tenha um certo grau de criticidade – fortalecendo a consciência de sua participação na vida de seus leitores; seja democrático – não

<sup>6</sup> Por espontânea e irresistivelmente que se comunique el artista, necessita intérpretes e intermediarios para que se le entienda de un modo correcto y se le estime de una manera apropiada.

<sup>7</sup> La mayoría de las veces necesita toda una serie de mediadores e instrumentos de mediación para comprender lo que el artista pretendía con su obra y su material.

devendo se considerar superior aos outros, mas estar aberto para atender às necessidades de seus leitores; e seja um bom ouvinte. (GARCIA, 2007, p. 95)

Assim, cabe ao mediador:

Aproximar leitores potenciais ou aprendizes de leitura dos objetos portadores de texto (livros, jornais, revistas, textos escritos disponíveis e correntes na internet) é uma das funções prioritárias do mediador, facilitando o acesso, oferecendo, convidando a conhecer e descobrir, disponibilizando. Seduzir os leitores, aproximando-os dos textos, usando argumentos que os convençam do prazer da leitura, da beleza e riqueza dos textos. [...]. Orientar os leitores que aprendem a ler. [...]. Compartilhar saberes, eis outra tarefa do mediador de leitura. [...] (GARCIA, 2007, p. 103-104).

Apresentados esses pressupostos, é necessário fazermos um levantamento das instâncias mediadoras, denominadas por Petit (2008) como mediadores sociais institucionais (escolas, bibliotecas, famílias, livrarias, clubes de leituras, etc.) e, mediadores sociais (pessoas como o pai, a mãe, o tio, o amigo, o professor etc.), pontes essas fundamentais para o desenvolvimento pelo “gosto” da leitura. O presente trabalho terá como foco principal as seguintes instâncias mediadoras: a escola, os clubes de leitura, a biblioteca, o professor e a família.

### 2.2.1.1 Escola

*Todo mundo acha que o mais importante da escola é sair sabendo a conta matemática e escrevendo bem. Eu vos digo que a principal função da escola é dar leitura de vida para todos.*  
Juann

Sabemos que a maioria das crianças não tem o contato com a literatura em casa e é apenas no ambiente escolar que a leitura começa a ganhar espaço na vida desses futuros leitores. É na escola que os pais compreendem a importância do ato de ler na vida de seus filhos, através da aproximação do professor ao relatar as competências que são desenvolvidas na caminhada pedagógica. Desse modo, cabe à escola desenvolver um diálogo com os responsáveis pelos alunos sobre a formação de leitores, agregando os princípios de como o trabalho deve ser realizado.

Quando levantamos o papel da escola na formação e mediação da leitura para com os leitores em potencial, encontramos nos PCN's (1998, p. 5) a instrução de que a escola deve respeitar as diversidades regionais, culturais e políticas para que consiga criar condições e dar acesso aos jovens ao conjunto de conhecimentos necessários ao exercício da cidadania. É responsabilidade da escola proporcionar e ampliar o ‘letramento’ dos alunos, com o intuito de fazê-los interagir com textos diversos de maneira eficaz, interpretando-os e/ou produzindo-os, contribuindo para que os objetivos sejam atingidos.

Assim, vimos que a prática da leitura do texto literário deve ser inserida no cotidiano das aulas para que os alunos possam debater, discutir e criar proposições acerca das temáticas trabalhadas através da literatura.

Se o objetivo é formar cidadãos capazes de compreender os diferentes textos com os quais se defrontam, é preciso organizar o trabalho educativo para que experimentem e aprendam isso na escola. Principalmente quando os alunos não têm contato sistemático com bons materiais de leitura e com adultos leitores, quando não participam de práticas onde ler é indispensável, a escola deve oferecer materiais de qualidade, modelos de leitores proficientes e práticas de leitura eficazes. Essa pode ser a única oportunidade de esses alunos interagirem significativamente com textos cuja finalidade não seja apenas a resolução de pequenos problemas do cotidiano. (PCN, 1998, p.41)

A escola é um espaço onde a formação do leitor deve acontecer. Porém, há outras instâncias mediadoras que vão, nesse ambiente, formar um leitor. Pensando nesse espaço, de acordo com as leis, ela precisa se mobilizar, dispor de uma biblioteca escolar com acervos de classe, organizar momentos de leitura livre, planejar atividades diárias e garantir uma prática constante de leitura que envolva o conjunto da unidade escolar.

### 2.2.1.2 *Clubes de leitura*

Os clubes de leitura são, de acordo com Scaramussa e Dalvi (2017), alternativa para a melhora de uma apropriação da leitura, uma vez que se constituem por uma determinada quantidade de sujeitos envolvidos. As disposições desses clubes de leitura são totalmente distintas se pensarmos em como as carteiras dos alunos são organizadas no ambiente escolar: falamos aqui em formato circular, com o intuito de que todos consigam se olhar e estabelecer contatos uns com os outros.

Os encontros nos clubes de leitura objetivam um contato mais próximo para a realização de atividades relacionadas aos textos, livros e autores que chamem a atenção do grupo. Cosson (2014, p. 160) traz alguns destaques sobre essas reuniões:

Um círculo de leitura é um encontro em torno de pessoas e textos. Para que um círculo seja bem-sucedido, é preciso que ambos estejam preparados e as reuniões onde se encontram devidamente organizadas. Por isso, são fundamentais: a seleção das obras, a disposição dos participantes e a sistematização das reuniões. (COSSON, 2014, p.160)

Por ter uma disposição diferente da escola, a preparação, os horários pré-definidos e a dedicação para a realização das atividades são discutidos e abrem possibilidade para ideias e sugestões e, inclusive, para a pauta de temas a serem discutidos. Os clubes de leitura são

organizados de acordo com os interesses de um público específico, podendo ser frequentado apenas por mulheres, pessoas da terceira idade, hospitais, igrejas, jovens, homens etc. O importante é que o que há em comum em todos eles são a experiência de leitura como uma atividade de socialização.

### 2.2.1.3 Professor

*Uma criança, um professor, uma caneta e um livro podem mudar o mundo.*

*Malala Yousafzai*

Outro aspecto que deve ser mencionado é a questão do professor formador. Como já mencionamos, são pouquíssimas as crianças que têm em sua casa o contato com os livros e, menos ainda, com um referencial de leitor. Quando essa criança chega à escola, cabe ao professor apontar caminhos, lançar desafios, construir espaços e, acima de tudo, ser exemplo para o aluno. Da mesma forma que a criança tem em seu pai e sua mãe a figura de herói em casa, na escola quem ocupa esse papel é o professor. Muitas vezes, a criança toma mais como verdade alguns assuntos trabalhados na escola do que em casa, o que reforça essa figura de total importância do professor.

Segundo Freire (1999, p. 29), “percebe-se, assim, a importância do papel do professor, o mérito da paz com que viva a certeza de que fez a sua tarefa docente, não apenas ensinar conteúdos, mas também ensinar a pensar certo”. Desse modo, quando falamos em literatura, o professor deve assumir o seu papel de mediador da leitura, dando e criando condições que estimulem e desafiem os alunos a pensar e a desenvolver alternativas de solucionar as situações que surgem. Assumindo o seu papel de leitor, o aluno poderá ler através dele. (LENER, 2002, p.75)

Reiterando, Antunes (2001) diz:

[...] caberia ao professor um papel radicalmente diferente do que anteriormente exercia: de agente transformador de informações em selecionador dessas informações, seu decodificador, mostrando como descobri-las e selecioná-las e de que maneira transformá-las em saberes. (ANTUNES, 2001, p. 12)

É salutar enaltecer que é o professor que formará o aluno em um potencial leitor. Ele precisa ter em mente a necessidade de se capacitar, mostrar a prática leitora ao estudante, pois esse leitor-formador:

[...] constitui o principal fator para a promoção da leitura e, conseqüentemente, para a formação de leitores dentro da organização escolar: sem professores que sejam leitores maduros e assíduos, sem professores que demonstrem uma convivência sadia com livros outros tipos de materiais escritos, sem professores capazes de dar aos alunos testemunhos vivos de leitura, fica muito difícil, senão impossível, planejar, organizar e instalar programas que venham a transformar, para melhor, os atuais procedimentos voltados ao ensino da leitura. (SILVA, 2002, p. 69-70)

Complementando, Lajolo (1988) argumenta:

[...] se a relação do professor com o texto não tiver um significado, se ele não for um bom leitor, são grandes as chances de que ele seja um mau professor. E, à semelhança do que ocorre com ele, são igualmente grandes os riscos de que o texto não apresente significado nenhum para os alunos. (LAJOLO, 1988, p. 53)

Portanto, é fundamental que o professor dê exemplos aos alunos de como ser um leitor dentro de sala de aula e, principalmente, nas bibliotecas escolares.

#### 2.2.1.4 Família

*Leitura é ser princesa por um período, depois super-herói, depois o que quiser!*

É do conhecimento de todos que quando escola e família caminham juntas em um mesmo objetivo, ambas conseguem proporcionar ao aluno um aprendizado profícuo em todas as áreas que esse aluno precisa para levar o conhecimento para a vida. Com a formação do leitor, não é diferente. Infelizmente, em sua grande maioria, a família não consegue estimular o gosto do aluno pela leitura, ora porque não sabe como trabalhar a literatura em casa, ora porque não compreende a importância do ato de ler.

Voltando o nosso olhar aos projetos que incentivam a leitura, é de extrema importância que a escola, juntamente com seus professores e bibliotecários, promovam projetos de leitura. Fundamental, ainda, é que as famílias estejam participando com seus filhos, visto que se sabe da dificuldade que a instituição familiar dessas crianças tem em desenvolver hábitos saudáveis, sobretudo os de leitura.

A leitura realizada em casa acontece de maneira individualizada e vai em busca de um objetivo maior quando explorado por seus entes, uma vez que é nesse momento que os pais reconhecem a importância da leitura na vida de seus filhos. Desse modo, a criança que tem o contato com os livros, revistas e afins, dentro de casa, com certeza terá uma leitura mais eficaz, tendo facilidade na compreensão de textos.

O leitor formado na família tem um perfil um pouco diferenciado daquele outro que teve o contato com a leitura apenas ao chegar a escola. O leitor que se inicia no âmbito familiar demonstra mais facilidade em lidar com os signos, compreende melhor o mundo no qual está inserido, além de desenvolver um senso crítico mais cedo, o que é realmente importa na sociedade. (VIEIRA, 2004, p. 6)

Assim, a família se torna um elemento de capital importância, pois ela é a primeira escola do aluno. É nesse ambiente que a criança terá o primeiro contato com as histórias, as adivinhações, a contação oral, a imaginação, as ilustrações e tantos outros meios que lhe permitirá adentrar no mundo da leitura, possibilitando assim o acesso a conhecimentos que repercutirá no decorrer da vida desse aluno. Vieira (2004), acrescenta que:

Sendo, portanto uma miniatura da sociedade, a família se fortalece e como espaço privado de vivência, e é nesse interior do novo modelo familiar que o gosto pela leitura se intensifica. O gosto pela leitura se constitui em atividade adequada a esse contexto de privacidade doméstica. (VIEIRA, 2004, p. 04)

A leitura realizada em casa, junto com os pais, torna-se um momento prazeroso à criança, pois muitas vezes são nesses instantes que a relação pai e filho se solidifica cada vez mais. De acordo com Raimundo (2007, p. 111):

Dentro do seio familiar a leitura é mais leve, prazerosa, criando um vínculo maior entre pais e filhos, num primeiro momento com a observação das ilustrações dos livros lidos pelos pais, com a audição de cantigas de ninar, de histórias para dormir, até que a criança se sinta com vontade de retribuir e contar ou ler suas próprias histórias. (RAIMUNDO, 2007, p. 111)

Contudo, há famílias que não sabem por onde começar a trabalhar esse hábito em seus lares. Vieira (2004) comenta que:

Os pais podem iniciar contando histórias para os filhos dormirem, presentear as crianças com livros, incentivar os filhos a contarem histórias em casa, assim haverá sempre uma troca de conhecimentos e cria-se um estímulo para que as crianças, adolescentes e jovens tenham realmente prazer pela leitura, pois não adianta crianças crescerem ao redor de livros e odiarem a leitura. (VIEIRA, 2004, p. 05)

São nessas trocas de experiências leitoras que a criança começa a se interessar pela leitura dos livros e começa a criar gosto em busca do saber aprender.

Esses primeiros contatos propiciam à criança a descoberta do livro como um objeto especial, diferente dos outros brinquedos, mas também fonte de prazer. Motivam-na para a concretização maior do ato de ler o texto escrito, a partir do processo de alfabetização, gerando a promessa de autonomia para saciar a curiosidade pelo desconhecido e para renovar emoções vividas. (MARTINS, 1988, p. 43)

Em resumo, é de fundamental importância que as famílias compreendam, por meio de um trabalho contínuo desenvolvido na escola e refletido nos lares do aluno, a quão benéfica é a prática de leitura dos livros em casa.

#### 2.2.1.5 Biblioteca

*Não é apenas uma biblioteca. É uma espaçonave que irá levá-lo até aos confins do universo, uma máquina do tempo que vai levá-lo para o passado e ao futuro distante, um professor que sabe mais do que qualquer ser humano, um amigo que vai diverti-lo e consolá-lo e todas as saídas para uma vida melhor, mais feliz e mais útil.*  
Isaac Asimov

De acordo com Borges (1978, p.32), “dos diversos instrumentos do homem, o mais assombroso é, sem dúvida, o livro. Os outros são extensões de seu corpo. O microscópio, o telescópio, são extensões da vista. O telefone é extensão da voz. Temos o arado e a espada, extensões do braço. Mas o livro é outra coisa: o livro é uma extensão da memória e da imaginação”. O livro tem o poder de proporcionar a criança o desenvolvimento da criatividade, despertar a sensibilidade, a sociabilidade, o senso crítico, a imaginação. É através dele que o aluno consegue viajar e entender lugares sem sair do seu espaço físico, conhecer pessoas, culturas, crenças.

É pela interação e pelo contato com o livro que o aluno aprende a ler, escrever e interpretar. É por meio do texto literário que a criança vai desenvolver o plano das ideias e entender a gramática que é o suporte técnico da linguagem. Estudá-la, desconhecendo as estruturas poético-literárias da leitura, é como aprender a ler, escrever e interpretar, e não aprender a pensar (PRADO, 1996, p. 19-20).

Diante disso, consta-se o papel da leitura na emancipação do sujeito, uma vez que é por meio dessa prática que o futuro potencial leitor adquire competências capazes pelas quais se torna capaz de compreender a realidade, argumentar e enfrentar seus anseios. O livro possibilita também a defesa e sustentação de ideias, com o intuito de reafirmar seu papel de cidadão de forma crítica e participativa. Sibony (1991, p. 51) reafirma que “ler é, portanto, a oportunidade de encontrar um tempo para si mesmo, de forma clandestina ou discreta, tempo de imaginar outras possibilidades e reforçar o espírito crítico”.

Tendo ciência dessa função que a leitura exerce no ser humano, é imprescindível pensarmos nos espaços que se julgam adequados e apropriados para que essa prática aconteça. Acrescenta-se ainda que os ambientes são fundamentais na formação leitora, pois, de acordo com Perrotti (2014, p. 131):

Espaços de leitura (cantos, salas, bibliotecas) são dispositivos de mediação cultural, no sentido a eles atribuído por Peraya (1999). Ao permitirem acesso à cultura, ao conhecimento, à informação, eles não só informam, mas formam. Possuem, portanto, uma dimensão pedagógica inerente, resultante das características próprias dos diferentes elementos que os constituem, das dinâmicas estabelecidas entre eles e das práticas concretas realizadas.

Visto que os espaços destinados à leitura são essenciais para que a prática ocorra, pode-se pensar que em qualquer ambiente que ela aconteça, de forma profícua, seja um bom lugar. Imagina-se que a prática do ato de ler possa acontecer nas praças, em casa, no ponto de ônibus, na sala de espera, na escola e afins. Contudo, há de se pensar no poder estético que esse ambiente proporciona ao leitor.

O cuidado estético tem a ver com outras e mais importantes dimensões da vida, como a criação de vínculos, de relações do sujeito com o ambiente, com a mobilização de emoções e sentimentos. Desse modo, seja um canto ou uma pequena sala de leitura, seja uma biblioteca ampla, com diferentes e variados ambientes e recursos, há que se considerar, sempre, a qualidade estética do lugar. (PERROTTI, 2014, p. 134)

Pensando na infinidade de lugares em que a leitura pode se realizar, um dos ambientes que este trabalho evidencia é a biblioteca. De acordo com o dicionário *Houaiss*, a biblioteca é: “1 – conjunto de livros, manuscritos, etc. 2 – Sala ou edifício onde está essa coleção. [...]”. O verbete “biblioteca” tem sua origem do grego *biblíon* (livro) e *teke* (caixa, depósito), portanto um depósito de livros (HOUAISS, 2001).

Sabe-se que, desde as primeiras bibliotecas, o significado da palavra tem sido empregado em sua totalidade, designando o local onde se armazenam os livros. Contudo, nem sempre os formatos dos livros armazenados foram os mesmos. Entre eles, destacaram-se as tabuletas de argila, rolos de papiro e pergaminho, bem como os enormes códices enclausurados nos mosteiros medievais.

Ao longo da Antiguidade e da Idade Média, os suportes que eram armazenados nessas bibliotecas se modificaram, desde os pergaminhos de escritos de intelectuais gregos, romanos e egípcios (MARTINS, 2001) aos formatos que conhecemos hoje. Historicamente, os processos de mudança para laicização, democratização, especialização e socialização da biblioteca ocorreram lenta e continuamente. A biblioteca moderna rompeu os laços com a Igreja Católica, estendendo a todos os homens a possibilidade de acesso aos livros. Com isso, precisou se especializar para atender às necessidades de cada leitor ou comunidade, deixando de ser passiva, deslocando-se até o leitor, buscando entendê-lo e trazê-lo para a biblioteca (MARTINS, 2001).

Segundo McGarry (1999, p. 117), a biblioteca pública passou a ser definida como “uma instituição que fornece um serviço gratuito a toda população de uma comunidade, distrito ou região, sendo em geral financiada, no todo ou em parte, com recursos públicos”. Em se tratando do espaço físico, a biblioteca:

É um espaço democrático, conquistado e construído a partir do “fazer” coletivo (alunos, professores e demais grupos sociais) – sua função básica é a transmissão da herança cultural as novas gerações, de modo que elas tenham condições de reapropriar-se do passado, enfrentar os desafios do presente e projetar-se no futuro. (SILVA, 2009, p. 197)

A biblioteca, como um espaço de formação e desenvolvimento da leitura, teve, de acordo com Balça (2000), promulgadas algumas leis que a consagram e a contemplam como recurso educativo, a exemplo da Lei Nº. 46/86, de 14 de outubro (Lei de Bases do Sistema Educativo), Artigo 41º.

Constituem recursos educativos todos os meios materiais utilizados para conveniente realização da atividade educativa. São recursos educativos privilegiados, a exigirem especial atenção... as bibliotecas e midiatecas escolares. (BALÇA, 2000, p.308)

Assim, o governo federal, por meio da Lei Nº. 12.244, de 24 de maio de 2010, com a intenção declarada de motivar a leitura, dispõe sobre a universalização da biblioteca nos espaços escolares de ensino do país, com vistas ao fortalecimento e investimentos em espaços de leituras nas escolas. Contudo, não torna claro de onde virão os subsídios para que essa proposta aconteça efetivamente.

Para Colomer (2012), formar leitores vai muito além de ter disposta em um ambiente escolar uma biblioteca repleta de livros. Ao aluno precisa ser ofertado condições para que ele possa, de fato, desenvolver suas capacidades leitoras e ampliar seu repertório de leitura o máximo que puder. Infelizmente, quando observamos a situação de muitas bibliotecas nas escolas, deparamo-nos com uma realidade descomunal, onde espaços inapropriados ganham uma placa denominando-os como biblioteca. Os livros são relíquias empoeiradas e desatualizadas, os servidores que nelas prestam serviços apresentam pouca formação para estar ali, papéis colados nas paredes pedindo o silêncio absoluto – o que implica diretamente na interação autor / livro / leitor, que não se efetiva.

Silva (1999) acrescenta:

Boa parte das bibliotecas escolares está situada em espaço inadequado, em algum canto da escola, apertado, mal iluminado, enfim, desconfortável, fato que revela o baixo prestígio da biblioteca na escola. O acervo da biblioteca escolar, em geral pobre e desatualizado, em função da carência crônica de recursos, que não atinge apenas a biblioteca, mas a escola pública como um todo, é outro aspecto que pode desanimar o usuário. (SILVA, 1999, p. 59)

Esse descaso, visto em números significativos, são observados por Silva (1999):

Podemos observar que a biblioteca escolar é um objeto desprezado pela educação, o que se contribui em grande injustiça, posto que a sofrível situação em que funciona, na maioria das escolas, faz com que ela se torne um grave e, vale dizer, inexplorado problema educacional. (SILVA, 1999, p. 19)

Se atentarmos aos PCN's, a biblioteca é entendida como um espaço apto a influenciar o gosto pela leitura. Para tanto, necessita que seja um ambiente que ofereça condições para que o ato de ler se torne prazeroso, tendo fácil acesso aos livros e aos materiais disponíveis e seja um espaço desejado pelos alunos.

Não podemos deixar de assinalar o papel da biblioteca escolar na formação de personalidades críticas, criativas e dinâmicas. Com a diversidade de informações que a biblioteca escolar pode oferecer se dignamente instalada, os estudantes poderão tomar conhecimento de ideias diferentes ou mesmo divergentes daquelas transmitidas pelo professor, o que lhes poderá provocar inquietações e questionamentos, elementos indispensáveis ao desenvolvimento de uma educação emancipatória, ainda que insuficientes para livrar totalmente os alunos das influências do discurso dominante da escola. (SILVA, 1999, p. 70)

Muitos são os ganhos para o trabalho formativo do leitor de texto literário nesse espaço ainda é desvalorizado. De acordo com Campello (2002):

A biblioteca escolar é sem dúvida o espaço por excelência para promover experiências criativas de uso de informação. Ao reproduzir o ambiente informacional da sociedade contemporânea, a biblioteca pode, através de seu programa, aproximar o aluno de uma realidade que ele vai vivenciar no seu dia-a-dia, como profissional e como cidadão. (CAMPELLO, 2002, p. 11)

Ademais,

Como mediadora, a biblioteca escolar é uma instituição que organiza a utilização dos livros, orienta a leitura dos alunos, coopera com a educação e com o desenvolvimento cultural da comunidade escolar e dá suporte ao atendimento do currículo da escola. Desse conceito depreende-se que a função da biblioteca escolar é incentivar a leitura dos alunos, tendo como objetivo a formação dos futuros leitores, e oferecer as condições necessárias à comunidade escolar, através da facilitação dos serviços de informação, em benefício do desenvolvimento do currículo e da competência do aluno para aprender a aprender. (VÁLIO, 1990, p. 20)

Revisitando os PCN's (1997), no que diz especificamente sobre a biblioteca, observa-se que na seção “os blocos de conteúdos e o tratamento didático”, no tópico “aprendizado inicial da leitura”, é indicado que o trabalho a ser feito consiste no desenvolvimento do gosto e do compromisso com a leitura. “Formar leitores é algo que requer, portanto, condições favoráveis para a prática de leitura [...] sendo uma boa biblioteca na escola, a primeira condição para isso”

(PCN, 1997, p. 43). Na seção “os recursos didáticos e sua utilização”, também são indicados procedimentos a serem cumpridos na biblioteca escolar:

[...] (empréstimo, seleção e repertório, utilização de índices, consulta a diferentes fontes de informação, seleção de textos adequados às suas necessidades, etc.), e a constituição de atitudes de cuidado e conservação do material disponível para consulta. Além disso, a organização do espaço físico – iluminação, estantes e disposição dos livros, agrupamento dos livros no espaço disponível, mobiliário, etc. – deve garantir que todos os alunos tenham acesso ao material disponível. Mais do que isso: deve possibilitar ao aluno o gosto por frequentar aquele espaço e, dessa forma, o gosto pela leitura. (PCN, 1997, p. 61)

Sabe-se que, além desse espaço dos livros, para que a formação e o gosto se efetivem, precisa-se que haja um processo de informação que permita aos alunos compreender o papel que a biblioteca tem na vida dos leitores.

A gestão da informação e do conhecimento está liderando a nova economia baseada na inteligência competitiva. Portanto é necessário que cada organização esteja pronta para poder competir e enfrentar os desafios que estão cada vez mais presentes nos nossos dias. A biblioteca escolar também precisa estar atenta e preparada para tais situações. Para obter bons resultados e satisfação, é inevitável a estratégia de informação que será o alicerce para cada procedimento de suas funções e fins. Nesta visão, somente um bibliotecário qualificado poderá assumir a responsabilidade de processar, armazenar e distribuir a informação de forma a gerar e criar conhecimento dentro de uma instituição de ensino. O aparelhamento da biblioteca escolar é fundamental para o processo de gestão da informação e do conhecimento do ambiente escolar. A gestão de informação no contexto escolar poderá ser a grande aliada na melhoria de ensino se conciliada com o planejamento de educadores e bibliotecários. Capacitar e habilitar o aluno no processo ensino/aprendizagem é contribuir para que a empresa que um dia irá recebê-lo como trabalhador seja competitiva. (GARCEZ; CARPES, 2006, p. 67)

Compreende-se que o papel do bibliotecário escolar vai além de preencher pequenas fichas com datas de entrega e devolução de livros, de escrever endereço e colher assinaturas de alunos para reafirmarem que tais discentes fazem parte do ambiente escolar. Menos ainda, esse papel se resume a cobrar multas por atrasos de livros. O bibliotecário não pode ser o professor que foi recondicionado por tais motivos, ele precisa ser e ir além dessas simples funções. Nesse contexto, Silva (1986, p. 19) aponta que “a bibliotecária escolar é muitas vezes o professor aposentado ou readaptado, que, impedido de dedicar-se à docência, é muitas vezes empurrado à biblioteca”. Diz ainda que “esse professor, marginalizado e discriminado, é o que vai lidar com os livros e as crianças num lugar qualquer da escola a que se decida chamar biblioteca” (SILVA, 1986, p. 19).

De acordo com Campello (2003), o bibliotecário é visto como a função de professor. Devido à responsabilidade de ensinar não apenas habilidades informacionais, mas também de pensar criticamente esse processo, o trabalho em conjunto com os professores beneficia o

desenvolvimento intelectual, conforme Rodrigues (2004). Assim, o contato com a informação e o conhecimento favorecem na ampliação do senso crítico e na criatividade. Caldin (2005, p. 164) ressalta que:

Em um mundo em constantes mudanças, globalizado, não cabem mais os procedimentos ditos tradicionais. O bibliotecário tem de largar seu papel passivo, de mero processador técnico de livros e desempenhar um papel ativo: agente de mudanças sociais. Tem de lembrar que é um educador, que uma das funções da biblioteca escolar é ensinar o aluno a pensar e, portanto, é sua função também ensinar os usuários a pensar, refletir e questionar os saberes registrados, verificar a pertinência, validade, aplicabilidade das ideias contidas nos livros. (CALDIN, 2005, p. 164)

O bibliotecário é aquele que está sempre antenado às coisas, que acompanha a evolução dos tempos e está ligado aos avanços tecnológicos, que consegue entender e captar aquilo que os alunos precisam, interferindo nesse processo de formação de leitores. Segundo Silveira (1996):

Ajudando a criança a compreender seus próprios problemas, estimulando a imaginação, promovendo o desenvolvimento linguístico, suscitando o gosto pelas boas leituras e recreando, o bibliotecário escolar centra seu trabalho num aspecto essencialmente educativo, cumprindo uma função de importância relevante, a busca do leitor, pois é a biblioteca que muitas vezes deve ir ao encontro dele. (SILVEIRA, 1996, p.14)

Nessa perspectiva, cabe ao bibliotecário entender o seu processo de ensino-aprendizagem, buscando parcerias efetivas com os educadores, principalmente os da escola, para que consiga atingir os reais objetivos do funcionamento desse espaço imprescindível no desenvolvimento formativo do potencial leitor. Hillesheim e Fachin (2004) esclarecem que cabe ao bibliotecário e somente a ele a função de priorizar, entre as tarefas do processamento técnico e as de atendimento, a comunidade escolar para buscar a satisfação dos usuários; cabe a ele demonstrar a importância de seu trabalho como educador, como incentivador da leitura, representando o real significado da biblioteca escolar. Por sua vez, para Silva (2003, p. 79): “o bibliotecário escolar deve dedicar-se menos às atividades mecanizadas e muito mais a programas de incentivo à leitura, junto aos alunos, com o apoio de outros educadores, como os professores e os especialistas”.

Depois de mencionarmos a história da biblioteca, bem como a importância desse espaço e do profissional bibliotecário, vejamos como estão dispostas as bibliotecas nos tempos atuais. Milanesi (2002), pontua que, com o final da Segunda Guerra Mundial, o computador e a informática surgiram para facilitar o trabalho nas bibliotecas. Como vimos, são ferramentas necessárias para informatizar e deixar o trabalho na biblioteca mais eficaz. Pensando-se na

circulação dos livros, houve uma democratização da leitura: as pessoas podem encontrar os livros em lugares onde jamais imaginariam encontrá-los.

As bibliotecas ganharam uma versão contemporânea. Consequentemente, saíram do espaço físico e foram circular em ambientes inusitados, contemplando a mobilidade. Podemos encontrar os livros em ônibus, praças, geladeiras de leituras, bibliotecas itinerantes e afins.

De acordo com SILVA (2016), as minibibliotecas surgiram em 2009, na cidade Hudson, estado do Wisconsin (EUA), com o nome *Little Free Library*. O grupo pioneiro incentivava a criação de novos pontos para o compartilhamento gratuito de livros e, segundo os articuladores, havia cerca de 15 mil minibibliotecas no mundo, em 40 países. A *Little Free Library*, organização sem fins lucrativos, estima que 1,650 milhão de títulos foram doados e emprestados entre 2010 e 2013.

No Brasil, podemos encontrar a Pequena Biblioteca Livre: Banda Atheneu, Largo do Atheneu em Petrópolis; Geladeiroteca: Nova Descoberta, próxima ao quartel do 7º Batalhão de Engenharia de Combate do Exército; Casa das Palavras (em Natal): Parque das Dunas e Cidade da Criança.

Vale ressaltar que projetos semelhantes também existem em Campinas (SP) e Porto Alegre (RS). É possível encontrar desde revistas em quadrinhos e livros infanto-juvenis, a clássicos da literatura mundial e livros de poesia – qualquer pessoa pode chegar e pegar um livro. Detalhe: revistas e livros didáticos não estão no foco das minibibliotecas. (SILVA, 2016, p.1)

**Figura 2** – Geladeiroteca, Petrópolis



Fonte: <http://www.tribunadonorte.com.br/noticia/literatura-na-geladeira>

Outra iniciativa encontrada foi a biblioteca instalada sob o carrinho de feiras. Conforme Bonella (2015):

Desde 2011, em Ceilândia, no Distrito Federal, Clara Etiene e Edna Freitas incentivam a leitura no mercado popular da região. Embora até reunissem algumas pessoas, elas não conseguiam atrair os próprios feirantes, que diziam não poder abandonar suas barracas durante a jornada de trabalho. Foi então que decidiram transformar carrinhos de feira em pequenas bibliotecas móveis, que depois foram batizadas de bibliorodas. (BONELLA, 2015, p.1)

**Figura 3** - Bibliorodas, Distrito Federal



Fonte: <https://pt.globalvoices.org/2015/01/26/livros-leitores-bibliotecas-brasi>

Passando por Santa Catarina, encontram-se três geladeiras no campus da Universidade de Blumenau, “geladeiras velhas [que] deixaram de ir para o depósito de lixo e foram transformadas em bibliotecas” (BOTELLA, 2015).

Estudantes da Fundação Universidade Regional de Blumenau instalaram três geladeirotecas no campus, disponibilizando livros aos colegas, professores, servidores e frequentadores do local. Batizado de “Não deixe a cultura na geladeira”, o projeto teve início em 2012 e recebeu ajuda voluntária de três artistas para pintar as geladeiras, além de editoras e professores da universidade, que doaram livros. Um dos responsáveis pela geladeiroteca, Alan Filigrana, afirma que os universitários tomaram a iniciativa por acreditarem que a leitura é fundamental para o desenvolvimento humano. (BONELLA, 2015, p.1)

**Figura 4** - Geladeirotecas, Campus da Universidade de Blumenau.



Fonte: <https://pt.globalvoices.org/2015/01/26/livros-leitores-bibliotecas-brasi>

Esboçando um exemplo de literatura nos ônibus, deparamo-nos com uma ação realizada em Belo Horizonte:

O projeto Ponto do Livro está na rua há sete meses, em quatro paradas de ônibus da cidade, duas das quais no entorno da Praça da Liberdade. Os títulos, à mostra em displays de plástico transparentes, estão ali para serem escolhidos por um novo dono. Quem quiser também pode deixar doar seus exemplares por lá mesmo Pelo menos 8 mil livros já foram distribuídos dessa forma. (ALAMO, 2014, p.1)

**Figura 5** - Ponto de ônibus, Belo Horizonte.



Fonte: <https://catracalivre.com.br/educacao/bibliotecas-criadas-em-espacos-inusitados-incentivam-a-leitura-brasil-afora/>

Outro espaço inusitado que proporciona às pessoas a leitura é a Borrachaloteca:

Borrachaloteca, como o próprio nome indica, é uma inusitada fusão de borracharia e biblioteca. Há 12 anos, o espaço dedicado a pneus começou a abrigar 70 livros para empréstimo. Hoje são mais de 16 mil títulos à disposição dos moradores de Sabará, na Região Metropolitana de BH. A borracharia é a matriz e o endereço mais famoso do que virou uma rede de bibliotecas, também presentes em outros três espaços da cidade. (ALAMO, 2014, p.1)

**Figura 6** - Borrachaloteca, Minas Gerais.



Fonte: <https://catracalivre.com.br/educacao/bibliotecas-criadas-em-espacos-inusitados-incentivam-a-leitura-brasil-afora/>

Podemos elencar inúmeras formas de ler e encontrar um livro no Brasil. O importante é que a leitura aconteça a contento e possibilite ao leitor um crescimento significativo para que este se torne um sujeito crítico e reflexivo.

### 3 PROJETOS E FOMENTOS

*Os livros têm o poder de transportar o leitor no tempo e no espaço, de leva-lo a penetrar em outros modos de vida, mostrar-lhe realidades desconhecidas e proporcionar-lhe o eterno prazer de quem senta ao lado do viajante que regressa.*  
Teresa Colomer

O presente capítulo visa apresentar os projetos e fomentos que são desenvolvidos na cidade de Apucarana, na área de literatura, com vistas a analisar os referidos trabalhos pautados nos documentos oficiais, bem como discutir se estão sendo aplicados. Tais análises terão como pressupostos os documentos apresentados no primeiro capítulo, sendo eles: a Base Nacional Comum Curricular – BNCC (2018); os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN’s (1998); o Plano Nacional de Educação – PNE (2014); as Diretrizes Curriculares da Educação Básica do Paraná – DCE (2005); e a Legislação Municipal da Cidade de Apucarana (2015).

Inicialmente, será feita uma breve contextualização sobre a Autarquia Municipal de Educação de Apucarana. Depois, serão apresentados os projetos em execução: “Sacolinha Itinerante – a literatura nas famílias”; “Sarau de Poesias”; “Semana Literária – Teatro, musical e mostra cultural”; e a “Biblioteca Itinerante – a literatura na sala de aula”.

#### 3.1 Autarquia Municipal de Educação de Apucarana

A Autarquia Municipal de Educação de Apucarana (AME) foi criada em 30 de dezembro de 2010, por meio da lei Nº. 242/2009, que dispõe de autonomia administrativa, financeira e técnica, além de patrimônio público. Instalada NA Avenida Jaboti, 195, Vila Martins, tem como diretora e presidente a Professora Mestre Marli Regina Fernandes da Silva.

Como atribuições, compete instalar e manter, sem finalidades lucrativas, estabelecimentos de ensino que contemplem a Educação Infantil, o Ensino Fundamental, a Educação Especial e a Educação de Jovens e Adultos (EJA). Atualmente, a AME é responsável pela administração de 37 escolas e 23 centros de educação infantil (CMEI’s) municipais.

#### 3.2 Projetos em execução

Em conformidade com as proposições feitas pelos governos, a Autarquia Municipal de Educação de Apucarana, preocupada e disposta em aproximar os alunos da literatura, criou

projetos com o intuito de aprimorar cada vez mais o contato dos alunos com o mundo literário. Ofereceu, assim, práticas e propostas de extensão cultural, dando um notável suporte para o trabalho em sala de aula.

Contudo, cumpre fazer algumas considerações. A formação de leitores literários deve instigar e proporcionar ao aluno as condições necessárias para que esse trabalho aconteça. Destaca-se, portanto, a interação que os projetos desenvolvidos na cidade de Apucarana desenvolvem com a família, pois sabemos que em muitas cidades esse contato não acontece. A criança precisa criar gosto pelo livro, folhear, levantar perguntas, formular hipóteses e esse trabalho deve ser gerenciado por professores que tenham prazer pela literatura. Pensando na circulação e recepção desses livros no ambiente escolar, a equipe municipal de educação tem a preocupação de inserir os professores nesse processo de escolhas de livros para compor a biblioteca itinerante, uma vez que é por meio desse projeto maior que os outros se desenvolvem.

Anualmente, a AME envia um relatório contendo sugestões de aquisições de livros para os professores de todas as séries. Por meio de análise feita em reunião, são repassados os comentários para a aquisição desses materiais. Quando chegam à escola, os livros são catalogados e distribuídos às turmas para compor o acervo de sala. São livros com os mais variados recursos para atender à finalidade pedagógica de todas as idades.

O presente trabalho tinha como objetivo inicial propor melhorias, ouvir os professores, realizar questionários e trazer discussões para somar a esta pesquisa. Porém, com o impedimento sanitário conseguinte da pandemia da COVID-19, tais objetivos precisaram ser revistos. Definimos analisar os projetos, bem como apresentar o mediador de leitura em evidência dos projetos trabalhados na rede municipal de educação. As análises foram pautadas na verificação de fatores contemplados ou não, de acordo com as legislações vigentes.

Os projetos analisados são: “Semana Literária – teatro, musical e mostra cultural”, “Sarau de Poesias”, “Sacolinha Itinerante – a literatura nas famílias”; e “Biblioteca Itinerante – a literatura na sala de aula”, desenvolvidos com o objetivo de formar leitores engajados, autônomos, capazes de exercer o senso crítico nas mais diversas áreas educacionais.

### ***3.2.1 Semana Literária***

A “Semana Literária – teatro, musical e mostra cultural” é realizada em setembro e objetiva apresentar os trabalhos desenvolvidos pelos alunos em sala de aula. Durante os semestres, os professores selecionam uma obra e, a partir disso, constroem uma sequência didática que culmina na mostra cultural. São apresentados nessa semana: teatro, expressão

corporal, música, contação de histórias, entre outras manifestações culturais (APUCARANA, 2019). A leitura em seu contexto deve ser desenvolvida, de acordo com a BNCC (2018):

Em um sentido mais amplo, dizendo respeito não somente ao texto escrito, mas também a imagens estáticas (foto, pintura, desenho, esquema, gráfico, diagrama) ou em movimentos (filmes, vídeos, etc.) e ao som (música), que acompanha e cossignifica em muitos gêneros digitais. O tratamento das práticas leitoras compreende dimensões inter-relacionadas às práticas de uso e reflexão. (BNCC, 2018, p. 74)

Nessa perspectiva, quando os docentes decidem qual livro será trabalhado, os mesmos precisam ter em mente o que vão fazer para apresentar o conteúdo à comunidade, por meio de desenhos, diários, registros formais, vídeos, apresentações artísticas como dança, teatro e canto, para ilustrarem o trabalho desenvolvido ao longo do semestre.

Os alunos são os protagonistas do evento. As famílias, a comunidade escolar e o bairro onde a unidade escolar está inserida participam, visitam e assistem às apresentações. Dentre as ações, os professores necessitam fazer a leitura e a escolha da obra literária a ser apresentada, além do estudo do vocabulário, interpretação e análise do texto e do contexto das obras. Devem também organizar a semana literária, ensaiar o teatro, confeccionar materiais para a mostra cultural e apresentar o evento, participar da mostra organizada pela escola, “saber receber os visitantes do evento com graça, educação e conhecimento da exposição e mostra” (APUCARANA, 2019, p.25).

Ao confrontar com a nona competência específica da Língua Portuguesa, devem:

Envolver-se em práticas de leitura literária, fruição e produção de textos literários e artísticos, representativos da diversidade cultural e linguística, que favoreçam experiências estéticas. Alguns gêneros deste campo: lendas, mitos, fábulas, contos, crônicas, canção, poemas, poemas visuais, cordéis, quadrinhos, tirinhas, charge/cartum, dentre outros. (BNCC, 2018, p. 98)

Percebe-se que tais competências são exploradas ao longo do trabalho desenvolvido com os alunos. Evidenciamos o professor como o agente mediador de formação de leitura nesse projeto, uma vez que é ele quem vai direcionar as atividades, realizar o projeto, idealizar o percurso pelo qual os alunos vão trilhar. É ele também quem apresentar o livro, trazer as inferências externas aos alunos, bem como prepara-los para a apresentação da mostra cultural desenvolvida nessa semana.

### 3.2.2 *Sarau de Poesias*

Com o intuito de proporcionar à comunidade um momento cultural por meio dos mais renomados poetas, o “Sarau de Poesias” incentiva no aluno o gosto pela leitura, a arte de declamar e os conceitos inerentes ao texto poético. Após um trabalho realizado na escola, os alunos escolhidos por cada unidade escolar vão ao Cine Teatro Municipal para apresentarem as poesias trabalhadas pela equipe docente (APUCARANA, 2019). O “Sarau de Poesias” acontece na Educação Infantil, com a participação de todos os alunos que estudam nas escolas municipais do Ensino Fundamental I – Anos Iniciais.

O hábito de ler dinamiza o raciocínio, a memorização, aprimora o vocabulário e facilita a interpretação de textos. O “Sarau de Poesias” é a coroação de todo um conjunto de atividades que envolvem o aluno no universo literário. Os professores trabalham as características da linguagem poética, desenvolvem atividades de leitura, de análise das poesias, do texto e das contexto das mesmas e, junto com o aluno, escolhem o poema a ser recitado. Quanto à realização dessa prática, encontra-se na BNCC (2018) um respaldo para essa atividade, uma vez que propõe aos alunos:

Envolver-se em práticas de leitura literária que possibilitem o desenvolvimento do senso estético para fruição, valorizando a literatura e outras manifestações artístico-culturais como formas de acesso às dimensões lúdicas, de imaginário e encantamento, reconhecendo o potencial transformador e humanizador da experiência com a literatura. (BNCC, 2018, p. 89)

Ao analisar as habilidades esperadas que visam a formação do leitor literário, o aluno deverá apreciar poemas visuais e concretos, observando efeitos de sentido criados pelo formato do texto na página. Deverá também relacionar o texto com ilustrações e outros recursos gráficos, recontá-lo oralmente, com e sem apoio de imagem ou textos literários lidos pelo professor. Espera-se, de acordo com os documentos oficiais, que o aluno aprecie poemas e outros textos versificados, observando rimas, aliterações e diferentes modos de divisão dos versos, estrofes e refrões. Que tenha a capacidade de explorar sons, jogos de palavras, imagens poéticas (sentidos figurados), além de declamar poemas com entonação, postura e interpretação adequadas.

As escolas fazem recitais internos. Dentre as ações, destaca-se a leitura, análise e interpretação de texto; desenvolvimento de raciocínio, atenção e desenvoltura, por meio da memorização e recitação da poesia; desenvolvimento do vocabulário e a linguagem culta na escrita; dramatização por meio de teatro e dança do texto e do contexto da poesia; participação

no concurso interno da escola, recitando as poesias; inscrição e participação no Sarau de Poesia do Município (APUCARANA, 2019).

Todos os alunos participam recitando sua poesia na sala de aula. Em seguida, a turma escolhe um colega para representá-la no sarau da escola. Nesse dia, recitam para a comunidade escolar e as famílias. A melhor apresentação de cada instituição é repetida no “Sarau de Poesias” da rede municipal, no Cine Teatro Fênix. Os alunos assistem à apresentação de versos de autores consagrados, como Vinícius de Moraes, Mário Quintana, Ruth Rocha, Cecília Meireles, entre outros. As escolas que têm Educação de Jovens e Adultos (EJA) seguem o mesmo critério, podendo escolher alunos de uma única escola ou um grupo com representantes de cada escola para a apresentação.

**Figura 7** - 5º Sarau de Poesias, Apucarana.



Fonte: <http://www.apucarana.pr.gov.br/site/sarau-de-poesias>

Destacamos a escola como agente mediador nesse projeto, pois envolve todo o ambiente escolar para a sua preparação. Os alunos precisam trabalhar as poesias em sala, com o apoio dos professores e ensaiarem em casa com o auxílio dos pais. No entanto, é na escola em que tudo acontece, da primeira apresentação para a escolha de quem vai representar a instituição até o desenvolvimento da declamação no Cine Teatro Fênix.

### **3.2.3 Sacolinha Itinerante**

O “Sacolinha Itinerante – a literatura nas famílias” É um projeto que tem como intenção: a leitura dos livros de literatura com as famílias; a argumentação, síntese e contextualização do

livro lido em família com a vida e a educação familiar; a ficha de leitura e o parecer sobre a obra, bem como a argumentação em sala de aula sobre os resultados da leitura familiar.

[É] um projeto que aproxima o aluno dos familiares, proporcionando um momento de interação entre a instância familiar do discente. Por meio de atividades direcionadas, aguça o prazer de ler e sociabiliza o texto e o contexto, garantindo o diálogo com temas contemporâneos, dando a oportunidade dos pais dialogarem sobre assuntos relevantes para a formação do aluno (PP, 2019, p. 13).

Quanto à relevância desse projeto, observa-se que uma das sugestões apontadas nos PCN's é a de que:

Periodicamente os alunos tomem emprestado um livro (do acervo de classe ou da biblioteca da escola) para ler em casa. No dia combinado, uma parte deles relate suas impressões, comente o que gostou ou não, o que pensou, sugira outros títulos do mesmo autor ou conte uma pequena parte da história para “vender” o livro que o entusiasmou aos colegas. (PCN, 1998, p. 46)

Destacam-se, ainda, os objetivos que fazem com que a leitura realizada em casa com os familiares ofereça um ganho significativo na formação do aluno.

**Figura 8** - Acervo da AME, Sacolinha Itinerante.



Fonte: <http://www.apucarana.pr.gov.br/site/>

Destacamos como instância mediadora desse projeto a família, pois os alunos são convidados a levar o livro para a casa, pedem ajuda para o estímo familiar realizar a contação de histórias e, após fazem uma discussão para culminar na atividade proposta pelo professor.

### **3.2.4 Biblioteca Itinerante**

Implementado em 2014, o projeto “Biblioteca Itinerante – a literatura na sala de aula”, pensado e criado pela secretária municipal de educação, Prof.<sup>a</sup> Marli Regina Fernandes da Silva, tem por objetivo oportunizar o enriquecimento linguístico e sociocultural, garantindo a qualidade no processo de ensino e aprendizagem. O projeto contempla cada sala de aula com uma biblioteca móvel de aproximadamente 200 títulos, substituídos e renovados periodicamente de acordo com a faixa etária dos alunos. Em 2018, a Biblioteca Itinerante classificou-se entre os dez finalistas nos melhores projetos premiados em nível nacional pelo *Prêmio Jabuti*, na categoria “Formação de Novos Leitores”, que contempla a melhor iniciativa, em âmbito nacional, de estímulo à leitura.

A iniciativa da Autarquia Municipal de Educação de Apucarana, selecionada no “Jabuti”, foi concebida para que as crianças tenham acesso a materiais de leitura desde quando entram nos CMEI’s até o quinto ano. As Bibliotecas Itinerantes possibilitam que os pequenos tenham acesso a diferentes gêneros textuais. O projeto apresenta como ações: a leitura de livros da literatura infantil, dentro da sala de aula; o contato direto com diversos tipos de livros e gêneros textuais; trabalho de literatura organizado pelo professor, nas diferentes formas e necessidades do aluno e ou da sala de aula; ampliação do vocabulário e facilitamento da escrita; atividades práticas na literatura: teatro, poesia, redação, jornal, desenhos, história, narrativa e interpretação (APUCARANA, 2019).

O projeto foi idealizado para suprir a falta de espaço físico nas instituições com justificativa de que essa lacuna é prejudicial à formação de leitores; por conseguinte, visa dinamizar e inovar o processo de leitura dentro das escolas (APUCARANA, 2019).

Por meio desse projeto, a AME equipou os 60 estabelecimentos de ensino da rede com bibliotecas itinerantes – estantes móveis capazes de acomodar até cem livros. “Nós enviamos uma unidade para cada centro de educação infantil (Cmei) e uma para cada sala de aula das escolas. A ideia é que as obras fiquem sempre à mão das crianças, para que elas possam folhear, ler e até levar para casa. Os professores também receberam capacitação para explorar o material ao máximo e incentivar o gosto pela leitura nos alunos”, afirma a secretária municipal de educação, Marli Fernandes. (FERNANDES, 2018, p.1)

**Figura 9 - Biblioteca Itinerante.**



Fonte: Arquivo AME – Biblioteca Itinerante.

Revisitando os documentos, elencamos que, por meio da Biblioteca Itinerante em sala de aula, são contemplados os objetivos do subtítulo “A especificidade do leitor literário”:

É importante que o trabalho com o texto literário esteja incorporado às práticas cotidianas da sala de aula, visto tratar-se de uma forma específica de conhecimento. Essa variável de constituição da experiência humana possui propriedades compositivas que devem ser mostradas, discutidas e consideradas quando se trata de ler as diferentes manifestações colocadas sob a rubrica geral de texto literário. (PCN, 1998, p. 26)

No que se refere às condições necessárias para o aprendizado inicial da leitura, previsto nos PCN's, deve-se dispor de bibliotecas na escola, organização de momentos de leitura e outras ações elencadas como essenciais para a formação do leitor do texto literário. Assim, tais condições são contempladas no projeto analisado.

**Figura 10 - Biblioteca Itinerante.**



Fonte: Arquivo AME – Biblioteca Itinerante.

Observando as definições e a forma de trabalho das bibliotecas, temos que:

Na biblioteca escolar é necessário que sejam colocados à disposição dos alunos textos dos mais variados gêneros, respeitados os seus portadores: livros de contos, romances, poesia, enciclopédias, dicionários, jornais, revistas (infantis, em quadrinhos, de palavras cruzadas e outros jogos), livros de consulta das diversas áreas do conhecimento, almanaques, revistas de literatura de cordel, textos gravados em áudio e em vídeo, entre outros. Além dos materiais impressos que se pode adquirir no mercado, também aqueles que são produzidos pelos alunos — produtos dos mais variados projetos de estudo — podem compor o acervo da biblioteca escolar: coletâneas de contos, trava-línguas, piadas, brincadeiras e jogos infantis, livros de narrativas ficcionais, dossiês sobre assuntos específicos, diários de viagens, revistas, jornais, etc. (PCN, 1998, p. 61)

Sobre tais exigências, as bibliotecas são contempladas anualmente com números satisfatórios e títulos dos mais variados possíveis para que o aluno conheça e tenha à disposição uma gama dos mais variados gêneros.<sup>8</sup>

Quando falamos em biblioteca de classe, os PCN's (1998) complementam que:

não precisa ser excessivamente ampla no que se refere ao número de volumes disponíveis. Ao contrário, é preciso que a variedade de materiais e títulos esteja garantida, o que permite uma diversificação de leitura aos alunos. Também é possível que se tenha, em algumas situações, um volume para cada aluno de um único título: nesse caso, é preciso que se tenha propostas específicas de trabalho que justifiquem essa opção. Do acervo da classe também podem constar produções dos próprios alunos. (PCN, 1998, p. 61)

Acrescenta-se que em todas as salas, anualmente, são proporcionadas duas coleções completas para que os professores consigam desenvolver os projetos, com cada aluno em posse de seu próprio seu exemplar.

**Figura 11** - Biblioteca Itinerante.



Fonte: Arquivo AME – Biblioteca Itinerante

<sup>8</sup> Em anexo, encontra-se a lista dos títulos obtidos no ano de 2021.

**Figura 12** - Biblioteca Itinerante.



Fonte: Arquivo AME – Biblioteca Itinerante.

Observa-se que as bibliotecas itinerantes ficam dispostas ao fundo da sala, no lado direito, disponível aos alunos. Estão próximas às janelas, garantindo assim luminosidade para que os alunos escolham seus títulos no momento da leitura. Quanto à organização, no currículo são previstas duas aulas semanais de literatura. Conforme os PCN's (1998):

a organização do espaço físico — iluminação, estantes e disposição dos livros, agrupamentos dos livros no espaço disponível, mobiliário, etc. — deve garantir que todos os alunos tenham acesso ao material disponível. Mais do que isso: deve possibilitar ao aluno o gosto por frequentar aquele espaço e, dessa forma, o gosto pela leitura. (PCN, 1998, p. 61)

Quanto à organização do espaço físico e à quantidade de livros, nota-se que o município segue a meta 3 estipulada nos documentos oficiais do estado, que versa o seguinte:

3.12. Garantir infraestrutura adequada de salas, quadras esportivas, bibliotecas e demais espaços necessários à educação inclusiva e de qualidade nas instituições de ensino. 3.13. Garantir a produção e aquisição de materiais de apoio pedagógico, como dicionários, livros didáticos e obras literárias, inclusive em Braille e digitado, além de materiais de laboratório e outros materiais necessários a uma educação de qualidade e inclusiva. (PEE, 2015, p. 64)

Figura 13 - Biblioteca Itinerante.



Fonte: Acervo AME – Biblioteca Itinerante.

Destacamos como agentes mediadores desse processo os clubes de leitura, uma vez que os alunos ficam livres para escolher os títulos para o ato de ler. Após a leitura, são convidados a discutir sobre as temáticas desenvolvidas nas histórias, bem como a se organizarem em grupos para uma leitura coletiva.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Convidamos o leitor a refletir sobre a quão libertadora e humanizadora é a literatura na vida das pessoas. É por meio dela que podemos percorrer caminhos, lugares, pensar em situações, sair da nossa zona de conforto a qualquer momento. É através da literatura que podemos nos posicionar, levantar hipóteses, estreitar laços e pensar a vida da melhor maneira possível. No entanto, a literatura não chega na vida de um ser humano como um passe de mágica, em basta abrir um livro e tudo está ali: basta só debruçarmos diante do objeto livro que tudo o que elencamos acima, acontecerá.

Quando pensamos a literatura nos ambientes escolares, devemos entender como as políticas públicas respaldam a ação daqueles que vão mediar e formar o leitor do texto literário em potencial. Vimos que as legislações existem, levantamos as instâncias mediadores de leitura, apresentamos as teorias que embasam a formação do leitor, como a Sociologia da Leitura.

Para compreendermos como a implementação dos projetos de literatura desenvolvidos com os alunos dos anos iniciais do Ensino Fundamental I, da Rede Municipal de Educação da Cidade de Apucarana – PR, são respaldados, foi necessário observarmos: os documentos oficiais da Base Nacional Comum Curricular, os Parâmetros Curriculares Nacionais, o Plano Estadual de Educação e Diretrizes Curriculares do Paraná e a Legislação Municipal de Apucarana. Vimos que em todos eles, para que a formação do leitor aconteça, é preciso exista uma intensa interação entre os mediadores de leitura.

Discutimos o papel que o leitor ocupa na contemporaneidade. Por meio dos pressupostos teóricos da Sociologia da Leitura, levantamos algumas das instâncias mediadoras que são fundamentais para que os projetos literários de Apucarana ganhassem força e eficácia no seu desenvolvimento. O professor, a família, a escola, os clubes de leitura e a biblioteca são chaves essenciais para que os projetos se desenvolvam na rede municipal de ensino, instâncias essas apresentadas e discutidas nos mais variados trabalhos que versam sobre a importância de se formar o leitor do texto literário.

Destacamos que nossa pesquisa precisou tomar rumos diferentes daqueles que havíamos pensado por conta do período que estamos vivenciando. Entretanto, através da análise feita dos projetos desenvolvidos nos anos anteriores, percebemos a dimensão desafiadora e delicada do papel que nós, professores, desenvolvemos, visto que literatura tem o poder de humanizar e transformar a vida de um ser humano.

Esperamos que outras instâncias políticas deem respaldos para que essa tarefa aconteça de forma profícua e entendam a importância de construir espaços para que essa formação literária aconteça e se desenvolva nos ambientes escolares. Tal pesquisa tem como desejo final que outros pesquisadores contribuam e tenham considerações para que a formação do leitor em ambientes escolares ganhe mais força, trazendo discussões, reflexões e ideias, em diálogo com outras experiências.

## REFERÊNCIAS

AGUIAR, Vera Teixeira de. **O leitor competente à luz da teoria da literatura**. Revista Tempo Brasileiro, Rio de Janeiro, v. 124, jan.-mar. 1996, p. 23-34.

ALAMO, B. Bibliotecas criadas em espaços inusitados incentivam a leitura Brasil afora. **Blog do Conselho Regional de Biblioteconomia 6ª Região (CRB-6)**, 2014. Disponível em: <http://blog.crb6.org.br/artigos-materias-e-entrevistas/bibliotecas-criadas-em-espacos-inusitados-incentivam-a-leitura-brasil-afora/> Acesso em: 11. fev. 2021.

AMARILHA, Marly. **Alice que não foi ao país das maravilhas: educar para ler ficção na escola**. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2013.

ANTUNES, Celso. **Como desenvolver as competências em sala de aula**. Petrópolis: Vozes, 2001.

APUCARANA, Prefeitura Municipal de. Autarquia Municipal de Educação. **Projeto Político Pedagógico**. Apucarana, 2019.

ARAGON, Luis. **A voz da serra**. 2016. Disponível em: <https://acervo.avozdaserra.com.br/colunas/momentos-literarios/o-significado-de-um-concurso-literario>. Acesso em 13/02/2022.

BALÇA, A. La literatura infantil y juvenil y la lectura recreativa. In: **Congreso de literatura infantil y juvenil: historia crítica de la literatura infantil e ilustración ibéricas II**, 1998, Cáceres. Actas. Mérida: Editora Regional de Extremadura, 2000. p. 307-312.

Biblioteca Real – **Gabinete Português de Leitura**, Rio de Janeiro, Brasil – link (epígrafe capítulo I) <https://www.crb8.org.br/citacoes-10-frases-de-escritores-famosos-que-vao-te-fazer-amar-as-bibliotecas/>

BORGES, Jorge Luis. **O livro**. Conferência pronunciada na Universidade de Belgrado. Buenos Aires, 1978.

BONELLA, Davi. Brasileiros incentivam a leitura usando a criatividade e as próprias mãos. **Global Voices**, 2015. Disponível em: <https://pt.globalvoices.org/2015/01/26/livros-leitores-bibliotecas-brasil/> Acesso em: 11 fev. 2022.

BORDINI, Maria da Glória; AGUIAR, Vera Teixeira de. Método Recepional. In: **Literatura – a formação do leitor: alternativas metodológicas**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018. Disponível em [http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_EI\\_EF\\_110518\\_versaofinal\\_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf) > Acesso em: 11 fev. 2022.

BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Fundamental 3º e 4º ciclos**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CALDIN, Clarice Fortkamp. Reflexões acerca do papel do bibliotecário de biblioteca escolar. **Rev. ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis, v. 10, n. 2, p. 163-168, jan./dez.. 2005.

CAMPELLO, B. S. Biblioteca e Parâmetros Curriculares Nacionais. In: CAMPELLO, B. S. *et al.* **A biblioteca escolar: temas para uma prática pedagógica**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. p. 17-20.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: **Vários escritos**. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

CAVALLO, Guglielmo; CHARTIER, Roger (Org.). **História da leitura no mundo ocidental**. São Paulo: Ática, 1999

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

CHARTIER, Roger. *Du livre au lire* In: CHARTIER, Roger (Dir.). **Pratiques de la lecture Marsella: Payot et Rivages**, 1993.

CHARTIER, Roger. **Leituras e leitores na França do Antigo Regime**. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro: do leitor ao navegador: conversações com Jean Lebrun**. MORAES, Reginaldo Carmello Corrêa de. (trad.). São Paulo: Editora UNESP, 2009a. [1º reimpressão].

COLOMER, T. **Andar entre livros: a leitura literária na escola**. São Paulo: Global, 2007.

COSSON, R. A literatura em todo lugar. In: **Círculos de Leitura e Letramento Literário**. São Paulo: Contexto, 2013

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2014.

CUNHA, Antônio Geraldo da. **Dicionário etimológico da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Lexicon Editora Digital, 2007.

DALLA-BONA, Elisa M. **Letramento Literário: Ler e Escrever Literatura nas Séries Iniciais do Ensino Fundamental**. 2012. 334 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2012.

DALVI, M. A.. **A quem interessa a desqualificação da educação literária?**. In: Maria Amélia Dalvi; Cynthia Giroto; Amanda Valiengo; Taiga Bertolani Scaramussa. (Org.). **Literatura e Educação: gêneros, políticas e propostas**. 1ed. Campos de Goytacazes: Brasil Multicultural, 2017, v. 1, p. 20-32.

DARNTON, Robert. **O Beijo de Lamourette: Mídia, Cultura e Revolução**. São Paulo, Companhia das Letras, 1992.

\_\_\_\_\_. **A questão dos livros: passado, presente e futuro**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

ECO, Umberto. **Lector in Fabula: a cooperação interpretativa nos textos narrativos**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2006.

FERNANDES, Marli Regina. Autarquia de Educação está entre os dez finalistas do Prêmio Jabuti. **Apucarana**, 2018. Disponível em: <http://www.apucarana.pr.gov.br/site/autarquia-de-educacao-esta-entre-os-finalistas-do-premio-jabuti/>. Acesso em: 11 fev. 2022.

FREIRE, Paulo. **A pedagogia da autonomia**. São Paulo. Paz e Terra, 1989.

GALEANO, Eduardo. **Livro dos abraços**. Tradução de Eric Nepomuceno. 9. ed. Porto Alegre: L&PM, 2002. Disponível em: . Acesso em: 17 dez 2021.

GARCEZ, Pedro de Moraes. **Conceitos de Letramento e a Formação de Professores de Línguas**. Revista da Anpoll v. 1, nº 49, p. 12-25, Florianópolis, Jul./Set.2019.

HAUSER, A. **Sociologia del arte**. Barcelona: Labor, 1977. v.4.

HILLESHEIM, A. I. A.; FACHIN, G. R. B. Biblioteca escolar e a leitura. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis, v. 8/9, n. 1, p. 35-45. 2004.

HOUAISS, Antônio. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

LACERDA, Nilma. **Tortura e Glória: fugas na ordem dos livros**. Belo Horizonte: Superintendência de Bibliotecas Públicas de MG, 2010

LAJOLO, Marisa. Texto não é pretexto. In: ZILBERMAN, Regina (Org.). **Leitura em crise na escola: as alternativas do professor**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

LDB – Leis de Diretrizes e Bases. **Lei nº 9.394**. 1996. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/lei9394\\_ldbn1.pdf](http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/lei9394_ldbn1.pdf). Acesso em: 11 fev. 2021.

LEFFA, V. J. **Aspectos da leitura**. Porto Alegre: Sagra: DC Luzzatto, 1996.

LERNER, Delia. **Ler e escrever na escola: o real, o possível e o necessário**. Trad. Ernani Rosa. Porto Alegre: Artmed, 2002.

MANGUEL, Alberto. **Uma história da leitura**. Tradução de Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

MARTINS, M. H. **O que é leitura**. São Paulo: Brasiliense, 1988. 93 p.

MARTINS, Wilson. **A Palavra Escrita: história do livro, da imprensa e da biblioteca**. São Paulo: Ática, 2001.

MCGARRY, Kevin. **O Contexto Dinâmico da Informação: uma análise introdutória**. Trad. de Helena Vilar de Lemos. Brasília, DF: Briquet de Lemos, 1999.

MILANESI, Luís. **Biblioteca**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. **Diretrizes Curriculares da Educação Fundamental da Rede de Educação Básico do Estado do Paraná**. Curitiba: Imprensa oficial, 2005.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. **Referencial curricular do Paraná: princípios, direitos e orientações**. Curitiba, PR: SEED/PR, 2018. Disponível em: <http://www.referencialcurricularoparana.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=21>. Acesso em: 11 fev. 2022.

PERROTTI, Edmir. A organização dos espaços de leitura na educação infantil. In: BAPTISTA, Mônica Correia *et al.* (Orgs.) **Literatura na educação infantil: acervos, espaços e mediações**. Brasília: MEC, 2014.

\_\_\_\_\_. **Confinamento cultural, infância e leitura**. São Paulo: Summus, 1990.

\_\_\_\_\_. Espaços de leitura/Leituras do espaço. Mesa redonda 3: Leitura Literária: espaços e mediação. In: **IV Congresso Internacional de Literatura Infantil e Juvenil**. 2 a 4 de setembro de 2015. Presidente Pudente, SP: UNESP: 2015a.

\_\_\_\_\_. Estações de leitura, dispositivos de mediação cultural e a luta pela palavra. In: **Nuances: estudos sobre Educação**. Presidente Prudente-SP, v. 26, n. 3, p. 93-112, set./dez. 2015b.

PETIT, Michèle. **Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva**. São Paulo: 34, 2008.

\_\_\_\_\_. **A arte de ler: ou como resistir a adversidade**. São Paulo: 34, 2009.

POULAIN, Martine. **Entre preocupaciones sociales e investigación científica: el desarrollo de sociologías de la lectura en Francia en el siglo XX**. In: LAHIRE, Bernard (Org.). **Sociología de la lectura**. Barcelona: Gedisa, 2004.

PRADO, Maria Dinorah Luz do. **O livro infantil e a formação do leitor**. Petrópolis: Vozes, 1996.

RAIMUNDO, A. P. P. A mediação na formação do leitor. In: **CELLI – Colóquio de Estudos Linguísticos e Literários**, Maringá, v. 3, 2007. Disponível em: [http://www.ple.uem.br/3celli\\_anais/trabalhos/estudos\\_literarios/pdf\\_literario/010.p](http://www.ple.uem.br/3celli_anais/trabalhos/estudos_literarios/pdf_literario/010.p). Acesso em: 11 fev. 2022.

REZENDE, Neide L.de. **A formação do leitor na escola pública brasileira: um jargão ou um ideal?** ALVES, José H. P. (Org.). **Memórias da Borborema 4: Discutindo a literatura e seu ensino**. Campina Grande: Abralic, 2014.

RODRIGUES, Â. B. L. A biblioteca escolar como diferencial na compra dos serviços educacionais. In: **Seminário Biblioteca escolar: espaço de ação pedagógica**, 3., 2004, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: GEBE, 2005. p. 31-49. Disponível em: . Acesso em: 7 setembro 2021.

ROUXEL, Anne. CELLAM, Rennes. **Ensino da literatura:** experiência estética e formação do leitor. ALVES, José H. P. (Org.). Memórias da Borborema 4: Discutindo a literatura e seu ensino. Campina Grande: Abralic, 2014.

SALDANHA, Diana Maria Leite Lopes. **O ensino de literatura no curso de pedagogia:** um lugar necessário entre o institucional, o acadêmico e o formativo. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2018.

SALLES, Lilian Silva. **Paul Zumthor:** uma fronteira tênue entre a voz e a letra. Publicado em 15/12/2007. Disponível em: Acesso em: 30 out 2021.

SANTOS, Fabiano dos; MARQUES NETO, José Castilho; ROSING, Tania M.K. (Org.). **Mediação de leitura:** discussões e alternativas para a formação de leitores. São Paulo: Global, 2009.

SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO. **Plano Estadual de Educação:** uma construção coletiva: versão preliminar. Curitiba: 2005. Disponível em <http://www8.pr.gov.br/portals/portal/pee/index.php?PHPSESSID=2008061016492141>. Acesso em: 11 fev. 2022.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Criticidade e leitura: ensaios.** Campinas, SP: Mercado de Letras Associação de Leitura do Brasil – ALB; Mercado de Letras, 2002.

SILVA, W. C. **Miséria da biblioteca escolar.** São Paulo: Cortez, 2003.

SILVA, Yuno. Literatura na geladeira. **Tribuna do Norte**, 2016. Disponível em: <http://www.tribunadonorte.com.br/noticia/literatura-na-geladeira/349902>. Acesso em: 11 fev. 2022.

SILVEIRA, Itália Maria Falceta da. Ensinar a pensar: uma atividade da biblioteca escolar. **Rev. Biblioteconomia & Comunicação**, Porto Alegre, v. 7, p. 9-30, jan./dez. 1996.

SOARES, Magda. **Linguagem e escola:** uma perspectiva social. 17. ed. São Paulo. Ática, 2002.

THOREAU, Henry David. **Leitura:** experiência, conhecimento e qualidade de vida. 2017. Disponível em: <https://meuartigo.brasilecola.uol.com.br/atualidades/leitura-experiencia-conhecimento-qualidade-vida.htm>. Acesso em: 10 dez 2021.

TODOS PELA EDUCAÇÃO. O que são e para que servem as diretrizes curriculares. **Todos pela educação**, 2018. Disponível em: <https://todospelaeducacao.org.br/noticias/o-que-sao-e-para-que-servem-as-diretrizes-curriculares/>. Acesso em: 11 fev. 2022.

VÁLIO, Else Benetti Marques. Biblioteca escolar: uma visão histórica. **Transinformação**, Campinas, v. 2, n. 1, p. 15-24, abr. 1990.

VIEIRA, L. A. Formação do leitor: a família em questão. In: **III Seminário Biblioteca Escolar: espaço de ação pedagógica.** Belo Horizonte: Escola de Ciência da Informação da UFMG, 2004.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola**. São Paulo: Global, 2003.

ZILBERMAN, Regina. **Estética da recepção e história da literatura**. Ed. Ática. São Paulo. 1989

ZILBERMAN, Regina. Natureza interdisciplinar da leitura e suas implicações na metodologia do ensino. In: ABREU, Marcia (Org.). **Leituras no Brasil**: antologia comemorativa pelo 10º. COLE. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1995. p. 83-86.

## ANEXOS

## Relação dos livros adquiridos pela AME – 2021.

QUANTIDADE	LIVROS	QUANT. LIVROS COLEÇÃO	EDITORA
15,00	1 E 2 E OUTROS NÚMEROS		MANDALA
15,00	100 PRIMEIRAS PALAVRAS		CIRANDA CULTURAL
15,00	A CORUJA FESTEIRA		HAPPY BOOKS
15,00	A OVELHINHA BAILARINA		VIZU
15,00	A TARTARUGUINHA		VIZU
15,00	ÁGUA MAGIC - A FAZENDA DIVERTIDA		VIZU
15,00	ÁGUA MAGIC - AVENTURAS NO CASTELO		VIZU
15,00	ÁGUA MAGIC - AVENTURAS NO FUNDO DO MAR		VIZU
15,00	ÁGUA MAGIC - O CIRCO COLORIDO		VIZU
15,00	ÁGUA MAGIC - PEQUENOS E GRANDES DINOSSAUROS		VIZU
15,00	AS CORES DO COELINHO		VIZU
15,00	BANHO - UM LINDO DIA DE SOL		SALAMANDRA
15,00	BOA NOITE - PALAVRA CANTADA		MELBOOKS
15,00	CADÊ A BALEIA?		VIZU
15,00	CIDO O SAPO		SALAMANDRA
15,00	COLEÇÃO MONSTRINHOS COM ABAS		TODO LIVRO
15,00	CUIDADO COM O MONSTRO!		CIRANDA CULTURAL
15,00	DILO CROCODILO		VIZU
15,00	FANTOCHE - MEU PATINHO		VIZU
15,00	FANTOCHE - MEU URSINHO		VIZU
15,00	GRANDE E PEQUENO E OUTROS OPOSTOS		MANDALA
15,00	MEU LIVRINHO DE PANO		TODO LIVRO
15,00	MEU MUNDO - PANO		TODO LIVRO
15,00	MEU PRIMEIRO LIVRO TOQUE E SINTA		CIRANDA CULTURAL
15,00	MINHA AMIGA CORUJA		CIRANDA CULTURAL
15,00	MORDISCO O GUIA DOS DINOSSAUROS		CIRANDA CULTURAL
15,00	O SONINHO DO CACHORRINHO		VIZU
15,00	O SONINHO DO URSINHO		VIZU
15,00	ONDE ESTÁ SANDY?		VIZU
15,00	PIPO O CÃOZINHO		SALAMANDRA
15,00	RICK E SUA TURMA UM LIVRO DE PANO		TODO LIVRO
15,00	TÁ NA HORA DO BANHO! - CAZÉ, O JACARÉ		VALE DAS LETRAS
15,00	TÁ NA HORA DO BANHO! - HUGO, O HIPOPÓTAMO		VALE DAS LETRAS
15,00	TÁ NA HORA DO BANHO! - LINO, O PATINHO		VALE DAS LETRAS
15,00	TÁ NA HORA DO BANHO! - PÉPI, O PEIXINHO		VALE DAS LETRAS
15,00	TITO O TUBARÃO		VIZU
15,00	UM DIA COM O COELHINHO		VIZU
15,00	UM DIA COM O PATINHO		VIZU

15,00	VAMOS BRINCAR DE ESCONDE-ESCONDE - AUTOR: ANA CRISTINA DE MATOS RIBEIRO		HAPPY BOOKS
15,00	VIVI, A OVELHA		SALAMANDRA
16,00	A BANDINHA COLORIDA DOS INSTRUMENTOS		CEDIC
16,00	APRENDENDO E BRINCANDO - PINGUIM		CIRANDA CULTURAL
16,00	BRINCAR DE LER - É UMA EMERGÊNCIA		MANDALA
16,00	BRINQUEDOS: VAMOS BRINCAR JUNTOS		CEDIC
16,00	CARTILHA - INGLÊS		BOOK TRUCK
16,00	CARTILHA - NÚMEROS		BOOK TRUCK
16,00	CARTILHA - PRIMEIRAS PALAVRAS		BOOK TRUCK

16,00	CARTILHA - UNI UNICORNIO		BOOK TRUCK
16,00	CÍRCULO QUADRADO E OUTRAS FORMAS		MANDALA
16,00	COELHOS FOFINHOS		CIRANDA CULTURAL
16,00	COLEÇÃO OLA BEBÊ!	4	CIRANDA CULTURAL
16,00	COLEÇÃO VOU PARA O BANHO!	4	HAPPY BOOKS
16,00	DEZ BICHINHOS BRINCALHÕES		CIRANDA CULTURAL
16,00	DEZ DINOSSAUROS PEQUENINOS		CIRANDA CULTURAL
16,00	DEZ ESTRELINHAS BRILHANTES		CIRANDA CULTURAL
16,00	DEZ PATINHOS DIVERTIDOS		CIRANDA CULTURAL
16,00	ENCAIXE AS FORMAS FAZENDA		CIRANDA CULTURAL
16,00	HORA DE BRINCAR, DINOS!		CIRANDA CULTURAL
16,00	MEU AMIGO PINGUIM		CIRANDA
16,00	MEU FANTOCHE DE PANO - LEÃO		HAPPY BOOKS
16,00	MEU FANTOCHE DE PANO - TIGRE		HAPPY BOOKS
16,00	CADÊ MINHA MAMÃE		CIRANDA CULTURAL
16,00	MEU LIVRO DE PELÚCIA - SAPO FRED		CEDIC
16,00	MEU LIVRO FOFINHO - A ERA DOS DINOSSAUROS		MANDALA
16,00	MEU LIVRO FOFINHO - VIDA NO MAR		MANDALA
16,00	MEU LIVRO FOFO DE ATIVIDADES - PANO		CIRANDA CULTURAL
16,00	O CAMALEÃO CAUTELOSO		MANDALA
16,00	O COELHO EXPLORADOR		HAPPY BOOKS
16,00	O MACACO COMILÃO		HAPPY BOOKS
16,00	PIQUENIQUE DOS INSETOS		CEDIC
16,00	URSINHO ESPORTISTA		HAPPY BOOKS
16,00	VOU PARA O BANHO - CACA O CARNEIRO		VALE DAS LETRAS
16,00	VOU PARA O BANHO - EDU O ELEFANTE		VALE DAS LETRAS
16,00	VOU PARA O BANHO - HANA O HAMSTER		VALE DAS LETRAS
16,00	VOU PARA O BANHO - MAYA O UNICÓRNIO		VALE DAS LETRAS
20,00	HORA DE DORMIR		ROVELLE
20,00	HORA DO BANHO		CALLIS
20,00	NÃO MEXA		ROVELLE
20,00	TODOS A BORDO		CIRANDA CULTURAL
20,00	UNICÓRNIOS SÃO DEMAIS		CIRANDA CULTURAL
21,00	COISAS PARA VER		GIRASSOL
21,00	LHAMAS SÃO DEMAIS		CIRANDA CULTURAL

21,00	MORDISCO A CAÇADA MONSTRUOSA		CIRANDA CULTURAL
20,00	É FÁCIL APRENDER - FORMAS E TAMANHOS		CIRANDA CULTURAL
23,00	HORA DE BRINCAR, SAPINHOS!		CIRANDA CULTURAL
23,00	RATO - PALAVRA CANTADA		MELHORAMENTOS
30,00	OCEANO		CIRANDA CULTURAL
35,00	100 PALAVRAS ANIMAIS		CIRANDA CULTURAL
35,00	A DONA ARANHA		TODO LIVRO
35,00	A EMA		TRIBOS
35,00	A FESTA SURPRESA		VIZU
35,00	A INFANCIA DA BRUXA ONILDA		SCIPIONE
35,00	A JOANINHA		TRIBOS
35,00	A ONÇA		TRIBOS
35,00	A PREGUIÇA		TRIBOS
35,00	A SUCURI		TRIBOS
35,00	A ÚLTIMA ÁRVORE DO MUNDO		SCIPIONE
35,00	ABRAÇOS QUENTINHOS		DCL
35,00	AMIGOS MAS NEM TANTO		SCIPIONE

35,00	ANIMAIS DA FAZENDINHA		VIZU
35,00	ANIMAIS INCRÍVEIS UM LIVRO PARA APRENDER E BRINCAR		HAPPY BOOKS
35,00	AO RESGATE		VIZU
35,00	APRENDENDO COM A RAPOSINHA		MANDALA
35,00	AS ARARAS		TRIBOS
35,00	AS ESTRELAS DO MAR!		VIZU
35,00	BRINCAR DE LER - NAVEGANDO PELOS MARES		MANDALA
35,00	BRUXINHA ZUZU E O GATO MIÚ		MODERNA
35,00	BRUXINHAS ZUZU		MODERNA
35,00	CADÊ MEU GUARDA-CHUVA?		VIZU
35,00	CADÊ O ESPELHO?		VIZU
35,00	CAROCHINHA - CONTANDO COM OS ANIMAIS		MANDALA
35,00	CAROCHINHA - QUE SOM QUE VOCÊ FAZ		MANDALA
35,00	CAROCHINHA - TOC TOC QUE FÁBULA É ESSA		MANDALA
35,00	CHICO, A CHITA UM LIVRO POP-UP		SALAMANDRA
35,00	COLEÇÃO ABRAÇO DE URSO!	4	TODO LIVRO
35,00	COLEÇÃO BICHO FALANTE	12	TRIBOS
35,00	COLEÇÃO CABEÇAS, CAUDAS E FOCINHOS	4	TODO LIVRO
35,00	COMO É BOM APRENDER! MEUS PRIMEIROS NÚMEROS		TODO LIVRO
35,00	COMO É BOM APRENDER! MINHAS PRIMEIRAS PALAVRAS		TODO LIVRO
35,00	CONTANDO HISTÓRIAS	8	MANDALA
35,00	DENTRO DA CASA TEM		SCIPIONE
35,00	É IGUAL, É DIFERENTE!		TRIBOS
35,00	ECO O GOLFINHO		VIZU
35,00	FANTOCHE - MEU COELHINHO		VIZU

35,00	FELIZ ANIVERSÁRIO, DOUGLAS!		SALAMANDRA
35,00	FILHOTES FOFINHOS	4	VIZU
35,00	GATO E RATO	10	TRIBOS
35,00	HORA DO LANCHE		EUREKA
35,00	LÁ DENTRO! LÁ FORA!		TRIBOS
35,00	MAÇÃ DO AMOR		MELHORAMENTOS
35,00	MEU FANTOCHE	3	MANDALA
35,00	MEU LIVRO COLORIDO VERMELHO, AMARELO E AZUL		VIZU
35,00	MEU LIVRO DE NÚMEROS – VAMOS CONTAR		VIZU
35,00	MINHAS PRIMEIRAS RIMAS	3	TUDO LIVRO
35,00	MOSTRE O CAMINHO - CADÊ MEU AMIGUINHO		VIZU
35,00	NA FAZENDA		GIRASSOL
35,00	O CAMINHÃO CAÇAMBA		VIZU
35,00	O DOURADO		TRIBOS
35,00	O ELEFANTE E A PORQUINHA - UM GRANDALHÃO PEGOU A MINHA BOLA!		CIA DAS LETRINHAS
35,00	O MEU MUNDINHO		VIZU
35,00	O MONSTRO DO ABRAÇO		CIRANDA CULTURAL
35,00	O SÍTIO DOS PINGOS		MANDALA
35,00	O SOM DOS BICHOS		VIZU
35,00	O TUCANO		TRIBOS
35,00	O URSO POLAR APRENDE A NADAR		CIRANDA CULTURAL
35,00	OQUE SERÁ		MANDALA
35,00	OS CADARÇOS DE ANINHA		VIZU

35,00	OS CADARÇOS DE PAULINHO		VIZU
35,00	PÉ DE COELHO	8	TRIBOS
35,00	PEPPA - AMIGAS PARA SEMPRE - LIVRO FANTOCHE		ON LINE
35,00	PEQUENOS E FOFINHOS	4	VIZU
35,00	POR DENTRO DA ÁRVORE!		VIZU
35,00	POR DENTRO DA COLMÉIA		VIZU
35,00	POR DENTRO DO FORMIGUEIRO		VIZU
35,00	POUCO POUCO! MUITO MUITO!		TRIBOS
35,00	PRIMEIRAS AFIRMAÇÕES EU POSSO		VIZU
35,00	PRIMEIRAS AFIRMAÇÕES EU SOU		VIZU
35,00	QUE ALTO! QUE BAIXO!		TRIBOS
35,00	RODAS FANTÁSTICAS - CAÇAMBINHA		VIZU
35,00	RODAS FANTÁSTICAS - O JIPE PATRULHEIRO		VIZU
35,00	RODAS FANTÁSTICAS - O TREM A VAPOR		VIZU
35,00	RODAS FANTÁSTICAS - SUPER VELOZ		VIZU
35,00	TARSILINHA E AS FORMAS		MELHORAMENTOS
35,00	TODOS A BORDO DO ONIBUS ESCOLAR		VIZU
35,00	TODOS A BORDO DO TRATOR DO SEU LOBATO		VIZU
35,00	TODOS A BORDO, OS BOMBEIROS		VIZU

35,00	TOQUE E APRENDA AMIGUINHOS DA FAZENDA		GIRASSOL
35,00	MOTRE O CAMINHO	3	TRIBOS
35,00	TRAVADINHAS		MODERNA
35,00	UMA IRMÃ ASSIM COMO EU		V&R
35,00	VAMOS ACAMPAR!		VIZU
35,00	VAMOS PASSEAR!		VIZU
35,00	VERMELHO E AZUL E OUTRAS CORES		MANDALA
35,00	VOCÊ TROCA		MODERNA
36,00	10 PIRATAS ANIMADOS - FAÇA UMA CONTAGEM REGRESSIVA		CIRANDA CULTURAL
36,00	A HISTÓRIA DE PEPPA		SALAMANDRA
36,00	A MELHOR MAMÃE DE TODAS		BLU EDITORA
36,00	A PREGUIÇA FIRMEZA		MANDALA
36,00	A TARTARUGA RABUGENTA		MANDALA
36,00	AMAR FAZ O MUNDO GIRAR		HAPPY BOOKS
36,00	AMIGOS DE PATAS	4	TODO LIVRO
36,00	APERTE BEM - A BALEIA		MANDALA
36,00	APERTE BEM - O CÃOZINHO		MANDALA
36,00	APERTE BEM - O LEÃO		MANDALA
36,00	APERTE BEM - O PANDA		MANDALA
36,00	AS INCRÍVEIS HISTÓRIAS DE FOXY	4	ARTELER
36,00	BAILARINA GRACIOSA		GIRASSOL.
36,00	BEATRICE NÃO QUER		FUNDAMENTO
36,00	BIBI COMPARTILHA SUAS COISAS		SCIPIONE
36,00	BIBI VAI PARA A ESCOLA		SCIPIONE
36,00	BRINCANDO COM OBJETOS DECORATIVOS EM ORIGAMI		GLOBAL
36,00	BRINCANDO COM PEPPA - ATIVIDADES		SALAMANDRA
36,00	BRINCANDO COM PIPAS		GLOBAL
36,00	BRINCAR DE LER - PASSEANDO PELA CIDADE		MANDALA
36,00	BRINCAR DE LER - VOANDO PELOS CÉUS		MANDALA
36,00	BRINCAR E APRENDER - FORMAS		CULTURAMA
36,00	BRINCAR E APRENDER - OPOSTOS		CULTURAMA

36,00	CAROCHINHA - A LAGARTA		MANDALA
36,00	COLEÇÃO ABAS DIVERTIDAS	6	BLU EDITORA
36,00	COLEÇÃO DÊ UMA ESPIADINHA!	4	HAPPY BOOKS
36,00	COLEÇÃO LER E BRINCAR	12	MELHORAMENTOS
36,00	COLEÇÃO PUXE E DESCUBRA	4	EUREKA
36,00	COLEÇÃO QUEM É VOCÊ?	6	BLU EDITORA
36,00	COLEÇÃO VALORES E CARINHO	4	HAPPY BOOKS
36,00	DESCUBRA E APRENDA	2	HAPPY BOOKS
36,00	EU E VOCÊ		FUNDAMENTO
36,00	FOGE TATU		GLOBAL
36,00	GANHEI UMA MENINA		SCIPIONE
36,00	INSETOS DO BEM	6	AGAQUÊ
36,00	ISSO SIM ISSO NÃO		MANDALA

36,00	LA NA FAZENDA		EUREKA
36,00	LIVRO DE HISTÓRIAS - PEPPA - BRINCANDO COM AS HORAS		ON LINE
36,00	MENINOS DA LUA	3	ARTELER
36,00	MEU MUNDINHO - MEU PRIMEIRO 1 2 3		GIRASSOL
36,00	MEU MUNDINHO - MINHA FAZENDA		GIRASSOL
36,00	É FÁCIL APRENDER	4	MANDALA
36,00	MEU PRIMEIRO LIVRO DE BRINCAR		HAPPY BOOKS
36,00	MEU PRIMEIRO MALUQUINHO EM QUADRINHOS		GLOBO
36,00	MEXA A BOCA	4	GIRASSOL
36,00	MISS SPIDER - INTUIÇÃO DE FORMIGA		FUNDAMENTO
36,00	MONSTRINHOS GENIOSOS		HAPPY BOOKS
36,00	O BEBÊ E A BOLHA DE BEBEL		SALAMANDRA
36,00	O ELEFANTE E A PORQUINHA - PREPARADO PARA BRINCAR LÁ FORA?		ALFAGUARA
36,00	O ELEFANTE E A PORQUINHA - VOU DAR UM SUSTO NO MEU AMIGO!		ALFAGUARA
36,00	O GATO ASSUSTADO		MANDALA
36,00	O JABUTI		TRIBOS
36,00	OS DINOSSAUROS		EUREKA
36,00	OS OPOSTOS		PUBLIFOLHA
36,00	OS TRÊS PORQUINHOS		EUREKA
36,00	PEPPA - O REINO ENCANTADO DA PEPPA PIG - LIVRO TEATRO		ON LINE
36,00	PEPPA A MAIOR POÇA DE LAMA DO MUNDO		SALAMANDRA
36,00	PEPPA E A FADA DOS DENTES		SALAMANDRA
36,00	PEPPA E A FESTA DE PIJAMA		SALAMANDRA
36,00	PEPPA NA PISCINA		SALAMANDRA
36,00	POP UPS INCRÍVEIS	4	HAPPY BOOKS
36,00	PRINCESA ELEGANTE		GIRASSOL
36,00	QUE BARULHO É ESSE?		EUREKA
36,00	SÉRIE BEBÊ MALUQUINHO	8	MELHORAMENTOS
36,00	SÉRIE BICHIN	12	MELHORAMENTOS
36,00	SILÊNCIO DIZ A PATA/ AU AU DIZ O CACHORRO/ O COELHINHO NOTURNO	3	HAPPY BOOKS
36,00	SR MIAU E BIGODINHO		FUNDAMENTO
36,00	SR MIAU O MELHOR DO SHOW		FUNDAMENTO
36,00	UM AMOR DE BEBÊ		FUNDAMENTO
36,00	UM MUNDINHO DE PAZ		DCL
36,00	UNI, O UNICÓRNIO		EUREKA
36,00	VAMOS PASSEAR NO BOSQUE		EUREKA
53,00	A ROUPA DO REI		GLOBAL

53,00	A TURMA DO VAI E VEM		GIRASSOL
53,00	AS FAMÍLIAS DO MUNDINHO		DCL
53,00	COCO NO TRONO		CIA DAS LETRAS
53,00	COMO EU SOU FELIZ COM O PAPAÍ		BLU EDITORA
53,00	ESCONDE-ESCONDE NA ESCOLA		CIA DAS LETRAS
53,00	NÓS AGORA SOMOS QUATRO		CIA DAS LETRAS

53,00	O BEBÊ OLHA E DIZ - PRIMEIRAS PALAVRAS		HAPPY BOOKS
53,00	O BEBÊ OLHA E DIZ - PRIMEIROS ANIMAIS		HAPPY BOOKS
53,00	O JABUTI NA ROÇA		GLOBAL
53,00	O MACACO		GLOBAL
53,00	O MUNDINHO		DCL
53,00	O MUNDINHO DE BOAS ATITUDES		DCL
53,00	O MUNDINHO E OS BICHINHOS DO JARDIM		DCL
53,00	PROFESSOR ESPERTO		GIRASSOL
53,00	REI CORAJOSO		GIRASSOL
53,00	TARSILINHA E AS CORES		MELHORAMENTOS
53,00	THOMAS E SEUS AMIGOS - UMA GRANDE CORRIDA		DCL
53,00	UM MUNDINHO PARA TODOS		DCL
53,00	UM MUNDINHO SEM BULLYING		DCL
53,00	VAMOS BRINCAR DE ESCONDE-ESCONDE		SALAMANDRA